

AS MENTIRAS
QUE NOS
CONTARAM
SOBRE
DEUS

WILLIAM
P. YOUNG

autor de A CABANA | 4,5 milhões de livros vendidos no Brasil



SEXTANTE

AS MENTIRAS
QUE NOS
CONTARAM
SOBRE
DEUS

AS MENTIRAS
QUE NOS
CONTARAM
SOBRE
DEUS

WILLIAM
P. YOUNG



SEXTANTE

Título original: *Lies We Believe About God*

Copyright © 2017 por William Paul Young
Copyright da tradução © 2017 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com a editora original, Howard Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Todas as passagens bíblicas foram retiradas da Bíblia Online, Nova Versão Internacional.

tradução: Beatriz Medina

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Luis Américo Costa e Rebeca Bolite

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

foto do autor: © Torge Niemann

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y71m

Young, William P., 1955-

As mentiras que nos contaram sobre Deus [recurso eletrônico] / William Paul Young; tradução Beatriz Medina. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
recurso digital

Tradução de: *Lies we believe about god*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-431-0516-1 (recurso eletrônico)

1. Espiritualidade. 2. Vida espiritual. 3. Livros eletrônicos. I. Medina, Beatriz. II. Título.

17-41544

CDD: 133.9

CDU: 133.9

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo

22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

Para Scott Closner, meu melhor amigo. Você foi o primeiro homem da minha vida a me dizer que jamais iria embora, por mais besteiras que eu fizesse.

Obrigado!

Para meu irmão Tim. Você levou uma vida de perguntas, em sua maioria tácitas, mas sobre coisas importantes. Você é importante!

Eu te amo!

Introdução

A gênese deste livro foi uma série de tuítes chamada “Palavras que você *nunca* ouvirá Deus dizer”. Tenho uma lista de 125 pequenas frases, como:

Eu registro todos os seus erros.

Você é o filho que eu nunca quis.

Vou deixar você ficar com suas mentiras mais preciosas.

Você superestimou Jesus.

Preciso de você.

Dá para entender a ideia. Quando olhamos o espaço negativo (o que Deus *não* diria), podemos ver o espaço positivo de outro ponto de vista. Esse exercício costuma ser desagradável pois questiona nossos paradigmas e suposições, mas só isso já seria uma enorme recompensa. Por outro lado, é um exercício útil e esclarecedor. Ao olhar para algo que Deus *não* diria, conseguimos examinar melhor as ideias que considerávamos verdadeiras e, muitas vezes, expor as mentiras sobre Deus que contamos a nós mesmos.

No primeiro capítulo de meu romance *Eva*, um dos personagens faz uma afirmação que se tornou muito importante para os leitores: *Uma boa pergunta vale mais que mil respostas. Escolha com sabedoria.*

O mundo onde cresci não dava muito valor às perguntas. Na melhor das hipóteses, as perguntas eram sinal de ignorância; na pior, indício de rebeldia. Quem discordasse de nossa teologia, ciência ou mesmo opinião era um inimigo ou um alvo. O que importava era a certeza.

À medida que envelheço – com elegância, espero –, passei a me

preocupar mais em estar aberto a “mil respostas” do que em estar certo. Levei muito tempo para me tornar um bom ouvinte – alguém que escuta não para se defender ou declarar algo, mas que permite que a conversa questione e até mesmo mude os próprios pontos de vista.

Em meus anos de juventude, eu me apresentava como uma pessoa inteligente e racional. Essa imagem permitiu que eu me escondesse dentro das minhas ideias, tentando evitar a bagunça da vida real e dos relacionamentos autênticos. Usei essa persona como um mecanismo de defesa para manter os outros a distância. Achei que tivesse enganado todo mundo. Acontece que eu era esperto e criativo, o que me deu forças para me manter afastado e isolado e prejudicar os outros com minhas palavras. Talvez você me respeitasse pela minha argumentação persuasiva, mas não gostaria de mim.

Felizmente mudei muito. A casa íntima de minha alma foi inteira e dolorosamente desconstruída, e meu coração partido passou por uma árdua reconstrução. Porém, como para todos nós, ainda há muito “serviço de acabamento” a fazer em meu coração e em minha mente – que estão sempre em processo de transformação.

Fui criado numa tradição protestante evangélica. Não existe tradição pura; o que é belo e edificante está emaranhado com o que é feio e nocivo. Meias verdades e até mentiras encontram o caminho até nossos corações. Como o mofo que se espalha por uma obra de arte, essa escuridão invasiva tem de ser cuidadosamente removida para não causar danos ao que é original e criativo.

Este livro não pretende apresentar certezas. O exame sobre as “mentiras” não resulta numa visão final ou absoluta sobre cada tema. Em vez disso, são amostras de conversas maiores. Cada capítulo se refere a uma afirmativa em que um dia já acreditei e não acredito mais. Talvez você se identifique apenas com algumas e não com outras. Pode ser que concorde ou discorde das minhas conclusões. Algumas dessas ideias podem ser profundamente desafiadoras, enquanto outras talvez pareçam ingênuas e impensadas. Essa é a maravilha e a singularidade de nossa jornada e a beleza do diálogo e dos relacionamentos.

O homem das Escrituras com quem mais me identifico é o cego de nascença. Minha jornada tem sido como aprender a enxergar – às vezes pela primeira vez, outras com mais clareza. Embora estude muito, não tenho a profundidade dos muitos teólogos que se dedicaram a textos e ideias específicos. Sou grato pelo trabalho deles e os leio e escuto como se fossem dádivas.

O que você está prestes a ler revela muito sobre quem eu sou. Essas reformulações da minha teologia não foram fáceis, mas tiveram um impacto positivo sobre mim. Por causa desse movimento interior, hoje sou um pai, marido, filho, amigo e ser humano melhor. Se minhas palavras não trouxerem esclarecimento, espero que minha vida traga. Há ocasiões em que a única confissão que sou capaz de fazer é por meio das palavras de meu personagem favorito: “Eu era cego e agora vejo.”

Peço que você permita que as palavras deste livro sejam suas amigas e adversárias. Amigas porque não quero que nada que é precioso para você agora seja menos precioso quando terminar a leitura. Adversárias porque todos precisamos responder a certas perguntas sobre nós, nossas suposições e nossos paradigmas. Nossas recomendações precisam ser testadas para termos olhos para ver e ouvidos para ouvir. Nos textos de teólogos, filósofos, psicólogos e cientistas, encontrei amigos e adversários; hoje sou uma pessoa melhor por tê-los escutado e permitido que suas contribuições cultivassem o solo de meu coração e de minha mente, arrancando ervas daninhas, plantando sementes e depois regando essas sementes – chegando mesmo a colher algumas delas. Nem sempre será um processo “divertido”, mas é um esforço que vale a pena.

Em última análise, estamos nisso juntos. A sua saúde é a minha saúde. A sua perda é a minha perda. É comum escolhermos acreditar numa mentira para não deixar a verdade invadir a segurança dos nossos preconceitos e fortalezas de autoproteção. O diálogo não deve ser um exercício de dominação ou certeza; ele é o relacionamento do devido respeito. Todos precisamos de novas maneiras de enxergar. Sei que eu preciso.

Este livro é uma série de ensaios que examinam conceitos interligados que exponho como mentiras – mentiras em que já acreditei, mentiras que

continuam a afetar muitos de nós. Meu amigo teólogo Dr. C. Baxter Kruger, autor de *De volta à cabana*, *Patmos*, *A parábola do Deus que dança* e muitos outros livros, escreveu um posfácio que resume bem as bases do que proponho como Verdade. Baxter conseguiu enquadrar o livro inteiro com perfeição.

Para alguns, os conceitos deste livro serão novos e transformadores – e às vezes desconfortáveis. Relaxe. O Espírito Santo é seu verdadeiro professor; Deus, em quem você pode confiar e que o conhece completamente, vai conduzi-lo à Verdade, que é Jesus.

Mais uma vez, não pretendo oferecer respostas completas nem definitivas. Quanto mais envelheço, mais consciência tenho daquilo que não compreendo. Ofereço esses ensaios como ideias e questões a ponderar, com a esperança de que nossos olhos interiores se abram e que vejamos com mais clareza a bondade e a afeição inexorável de Deus e possamos descobrir quem somos dentro desse abraço.

“Deus nos ama, mas não gosta de nós.”

Pleno inverno no norte de Alberta, no Canadá. A temperatura está muito abaixo de zero. É um daqueles dias tão frios que os pelinhos do nariz parecem pequenas varetas cutucando as narinas e cada exalação cria a própria neblina. Nasci perto dessa cidade, lá nas pradarias do norte.

– Pelo menos é um frio seco – diz alguém, o que é verdade, mas não consola muito.

Entramos no edifício e vou tirando as camadas de proteção, trocando-as pelo calor deste lugar de confinamento. Estamos visitando uma penitenciária feminina. As mulheres que me convidaram para vir falar disseram que dezenas de exemplares de *A cabana* estão passando de mão em mão, causando algum impacto por aqui. O governo deu a essas detentas um “intervalo”, um convite para pensar na vida e em suas escolhas, algo que as pessoas do lado de fora desses muros têm pouca oportunidade de fazer. Essas mulheres escolheram estar aqui hoje para passar uma hora comigo. A presença delas é uma dádiva.

Quem tiver olhos para ver ficará fascinado com o que há sob exteriores duros e corações enrijecidos. A maioria das mulheres está aqui por causa de algum relacionamento que deu errado – e as traições e perdas que sofreram são visíveis na petulância de sua postura ou na vergonha mal escondida. Sinto-me em casa aqui, entre as feridas e machucadas. Elas são o meu povo, o nosso povo.

Começo falando sobre as prisões da minha própria vida, lugares que se tornaram preciosos para mim porque eram tudo o que eu conhecia. Sobre como nos agarramos à certeza de nossa dor para não correr o risco de confiar em alguém outra vez. As almas profundamente feridas que estão no recinto começaram a chorar. Bruce Cockburn, poeta e músico canadense, chamaria isso de “rumores de glória”. Moedas perdidas, ovelhas perdidas, filhos perdidos, mas não quaisquer. Esses são *meus* filhos, *minhas* ovelhas e *minhas* moedas.

– *Você acha mesmo que Papai gosta de mim?*

Termino a palestra e só algumas saem. Outras esperam autógrafos. Abraço todo mundo e tenho certeza de que isso viola todo tipo de regra. Mas venho quebrando códigos assim há algum tempo e ninguém jamais interfere nesses encontros sagrados. Uma mulher aguarda de pé, o corpo tenso de emoção. Quando simplesmente a tomo nos braços, é como se eu detonasse uma carga que fizesse a represa inteira explodir. Ela chora incontrolavelmente durante alguns minutos, molhando minha roupa. Sussurro que está tudo bem, que tenho outras camisas, que estou com ela e que ela está em segurança. Não consigo compreender todo o sofrimento e toda a humanidade que transbordam desse pequeno toque, mas é real, visceral e lancinante.

Finalmente, ela para de soluçar o suficiente para encontrar algumas palavras:

– Você acha mesmo que Papai gosta de mim?

E aí está. A pergunta. Esse frágil ser humano me confia essa pergunta monumental. Mesmo as pessoas que não acreditam na existência de Deus estão desesperadas para saber que o amor existe e que ele sabe quem somos. Mais ainda, há um ímpeto que vem de dentro, nos empurrando a correr o risco e perguntar a alguém ou a Deus: *Você acha que há em mim algo que*

seja amável, que seja suficiente, que seja digno de ser amado?

Há uma cena em *A cabana* em que as suposições de Mackenzie, o personagem principal, são questionadas. Mack está frente a frente com Sophia, a Sabedoria de Deus, e ela lhe faz perguntas sobre o amor que ele tem pelos filhos. Especificamente, ela pergunta qual dos cinco filhos ele ama mais.

Pais moderadamente sensatos lhe dirão que é impossível responder a essa pergunta. Eu e minha mulher, Kim, temos seis filhos. Quando o mais velho nasceu, não conseguíamos imaginar que pudéssemos amar outro filho. O primeiro tinha ficado com tudo. Mas aí chegou o segundo e de repente havia uma nova profundidade de amor que ou não existia, ou estava adormecida antes de sua chegada. Era como se cada filho trouxesse consigo uma dádiva de amor depositada no nosso coração.

Na subcultura religiosa em que fui criado, todos sabíamos que Deus é amor. Dizíamos e cantávamos isso o tempo todo, até não ter mais tanto significado assim. Era simplesmente o jeito que Deus é. É como o neto que diz: “Mas você tem que me amar. Você é o meu vovô.”

Mas dizer “Deus é amor” não dá conta da nossa pergunta, não é? Então adotei o hábito de reformular a frase “Deus te ama” e, em vez de falar sobre Deus, destaco o objeto do afeto inexorável de Deus: nós. Assim, em *A cabana*, Papai dizia “Gosto especialmente dele ou dela”. Há um mundo de diferença entre dizer “Eu amo você”, que é sobre mim, e dizer “Gosto especialmente de você”, que é sobre você. As duas frases estão corretas, mas a última consegue penetrar na inquietação de nossa alma e responder às perguntas: “Sim, sei que você me ama, mas você me conhece e gosta de mim? Você ama porque essa é sua forma de ser, mas há algo em *mim* que seja digno de amor? Você me ‘vê’ e gosta do que ‘vê’?”

– Você acha mesmo que Papai gosta de mim?

Envolve-a com força em meus braços.

– Sim – sussurro de volta, enquanto nos dissolvemos em torrentes de lágrimas. – Papai gosta *especialmente* de você!

Minutos depois ela recupera a aparência de controle emocional e olha meu rosto pela primeira vez.

– Isso é tudo o que eu precisava saber. Isso é tudo o que eu precisava saber.

Depois de outro abraço, ela sai e me deixa pensando: *Querida, isso é tudo o que qualquer um de nós precisa saber.*

“Deus é bom. Eu não sou.”

Essa é uma *grande* mentira! E devastadora! Então por que tanta gente acredita nela?

Muitos de nós acreditamos que Deus nos vê como fracassados, pobres coitados totalmente degenerados. Escrevemos músicas que reforçam essas suposições, com letras sobre nossa feiura e nosso isolamento. Pensamos: *Quando me odeio, não estou simplesmente concordando com Deus?*

Se dedicarmos algum tempo a escutar as histórias uns dos outros, descobriremos que a maioria de nós tem algo em comum: a vergonha é a peça central de nossas autoavaliações. Mas não chegamos a esse ponto sozinhos. Alguns ouviram uma torrente constante de afirmações que reforçam essa mentira:

Você não vale nada.

Você é um idiota.

Você não é importante.

Você é burro.

Odeio você.

Por que você não consegue...?

Você acabou com a minha vida.

Você é um lixo.

Você não tem conserto.

Então transformamos essas mensagens em declarações sobre nós mesmos. Repetimos “Não sou...”, seguidas por uma ladainha de fracassos. “Não sou inteligente o bastante, nem magro, nem alto. Não sou esperto; não sou forte; não sou...” Esquecemos que cada “Não sou” partiu de um “Sou”: “Sou importante; sou inteligente; sou amado; sou...” Mas viramos isso contra nós, criando uma lista de motivos para nos envergonharmos: “Sou... perdedor, solitário, malvado, feio, gordo, rejeitado, burro, sem valor.”

É assim que Deus me vê? É assim que Deus vê *você*? Será que Deus concorda com o modo como me vejo e com o que os outros me disseram sobre quem sou, no âmago de meu ser?

Crescer com meu pai foi, de forma geral, aterrorizante. Estar perto dele era como andar por um campo minado, com os explosivos mudando de posição todas as noites enquanto eu dormia. Mas nem tudo era terrível. Havia momentos de bondade, tentativas de ser um pai amoroso, mas eram ocasiões desconcertantes. Pareciam um convite para eu baixar a guarda. Não estou fazendo juízos de valor sobre meu pai; o “chip” de pai que ele tinha foi esmagado pelo pai dele muito antes de eu nascer. Porém, quando ele acionava o interruptor e passava de ausente a furiosamente presente, eu me sentia como se estivesse sendo dilacerado e jogado ao vento.

Meu pai era missionário. Era o justo que nunca errava e um disciplinador rígido.

É claro que eu acreditava que merecia sua raiva, porque em mim não havia nada de bom. Eu estava sendo justamente castigado, mesmo quando não tinha a menor ideia do pecado que cometera por ação ou omissão. Tentava me defender, às vezes mentindo, mas quando isso não dava certo eu recorria a três palavras, que gritava várias e várias vezes conforme as ondas da fúria dele se aproximavam:

“Vou ser bonzinho! Vou ser bonzinho! Vou ser bonzinho!”

Com o passar dos anos, passei a entender que, a cada grito de “Vou ser bonzinho!”, eu fazia uma afirmação ao âmago do meu ser que levaria

décadas para desfazer. Essa declaração era brutalmente simples:

“Eu não sou bom.”

Alguns dias atrás, eu falava numa linda reunião de jovens alunos do ensino médio que haviam me convidado como parte da “semana de ênfase espiritual” de sua escola. O encontro começou com uma música que conheço bem. Boa parte da letra é verdadeira, mas o início é uma baita mentira:

[Deus] é bom, apesar de não haver nada de bom em mim.

A verdade é que temos um valor inerente porque somos feitos à imagem de Deus. Nosso valor e nossa importância não dependem de nós. Mas aqueles entre nós que estão extremamente feridos e desesperados podem acreditar que, se não há nada de bom em nós, não há esperança real de transformação. Pensamos que o máximo que conseguimos fazer é alguma forma de autodisciplina temporária, um modo de encobrir nossa vergonha com aparências e atuação. Nenhum discurso positivo será capaz de transformar uma pedra num passarinho. Muitos de nós aprendemos a fingir até ficarmos completamente exaustos de manter todas as mentiras no ar. É inevitável que os venenos de nossa casa interior comecem a vazar de um jeito que não podemos controlar. Ou simplesmente desistimos e agimos de acordo com o que já determinamos sobre nós mesmos.

Se acredito que a verdade mais profunda sobre mim é a falta de valor, então por que você vai se surpreender quando eu agir como se não tivesse valor? Pelo menos estou sendo franco, não é? Sim, se essa fosse a verdade sobre quem sou; mas não é.

Algo que não seja “bom” pode se originar de Deus?

Não!

Ainda somos portadores da imagem, feitos à imagem de Deus?

Sim, somos!

Deus, que é só bondade, cria apenas o bem! É por isso que Jesus perguntou ao jovem rico: “Por que você me pergunta sobre o que é bom? Há somente um que é bom” ([Mateus 19:17](#)). Que é Deus. Isso não é Jesus dizendo “Não há nada bom em mim”, mas perguntando: “Você vê Deus em mim, jovem irmão? É por isso que me chama de bom ou você ainda está falando da minha atuação?” Se você ler o resto da história, verá que ainda é sobre ações.

Deus, que é só bondade, cria apenas o bem.

O que você pensaria se visse um pai ou uma mãe ralhando com o filho nestes termos: “A verdade é que não existe nada de bom em você. Você é doente, malvado e completamente degenerado. Você nunca teve nem nunca terá valor. Que Deus tenha misericórdia da sua alma!” Infelizmente, há quem pense que o “evangelho” é assim – e pior, isso é pregado no púlpito por pessoas em posição de poder.

Sim, temos dificuldade de enxergar, mas não nos falta bondade. Somos verdadeiros e corretos, mas muitas vezes também somos ignorantes e estúpidos, cabeças-duras, ferindo-nos, machucando os outros e mesmo toda a criação. Cegos, não degenerados: essa é a nossa condição. Lembre-se: Deus não pode se tornar nada que seja maligno ou inerentemente ruim... e Deus se tornou humano.

Nossos filhos terão sempre uma identidade essencial ligada a nós, mães e pais. Eles têm o potencial de fazer escolhas desastrosas e até prejudicar a si mesmos e aos outros, mas sua natureza é uma expressão nossa. É o que eles são. Assim como nossa identidade não existe de forma independente, nossa bondade também não. Sou fundamentalmente bom porque sou criado “em Cristo” como expressão de Deus, um portador da imagem, *imago dei* (veja [Efésios 2:10](#)). Essa identidade e essa bondade são aspectos mais verdadeiros de nós mesmos do que todos os danos que foram infligidos a nós ou por

nós.

Deus não tem uma visão vil da humanidade porque sabe a verdade sobre nós. Deus não é enganado por todas as mentiras que contamos a nós e aos outros. Jesus é a verdade de quem somos – totalmente humanos, totalmente vivos. Mais profunda do que toda a mágoa e todos os nossos cacos, há uma criação “muito boa” e somos criados à imagem e semelhança de Deus. Mas ficamos cegos nas trevas do engano em que acreditamos. Está na hora de pararmos de concordar com essas mentiras devastadoras e deixarmos de nos render a elas.

“Deus está no controle.”

Eu estava no saguão de um hotel de Orlando, na Flórida, Estados Unidos, conversando com minha amiga K. da Alemanha. Uma jovem amiga sua, atleta de nível mundial, recentemente ficara paralisada em consequência de uma façanha para as câmeras que deu muito errado. K estava agoniada. Ela enxugou os olhos e disse: “Eu me esforço para acreditar que tudo isso faz parte do plano maravilhoso de Deus.”

Eu também! Será que acreditamos mesmo que honramos Deus ao declará-lo o autor de toda essa bagunça em nome da Soberania e do Controle Onipotente? Alguns religiosos – e os cristãos costumam estar entre suas fileiras – acreditam num determinismo amargo que é um fatalismo com personalidade. O que tiver que ser será. Se isso aconteceu e Deus está no poder, tem de ser parte do plano dele.

Há um abismo intransponível (a não ser, talvez, em nossa imaginação obscurecida) entre um Deus que assume a propriedade da Criação juntamente com todo o caos que produzimos e um Deus que é autor do próprio mal. É possível aprender a confiar no primeiro Deus; quanto ao outro... no máximo podemos fazer uma bajulação distorcida.

Nós, seres humanos, somos loucos por controle: queremos controlar tudo e todos à nossa volta para que o que tememos não aconteça. No fundo, sabemos que o controle é um mito, que uma célula malcomportada ou as escolhas de outras pessoas podem mudar em um instante a direção da nossa

vida. Mesmo assim ainda lutamos por ele e até o exigimos. Então, se não podemos ter o controle, queremos um Deus que tenha.

Com que frequência ouvimos as bem-intencionadas palavras “Isso faz parte do plano de Deus”? Será? Não há justificativa para muitas coisas que fizemos e que fizeram e nós. Certas coisas são simplesmente *erradas*.

Sim, Deus tem a audácia criativa de tirar algum propósito do mal gerado por nós, mas isso nunca justificará o que é errado. Nada, nem mesmo a salvação do cosmos, jamais justificaria um aparelho de tortura horrendo chamado “cruz”. O fato de Deus se submeter à nossa escuridão e transformar essa máquina sinistra num símbolo e monumento da graça diz muito sobre a natureza de Deus, mas não justifica o mal.

Será que Deus tem um plano maravilhoso para a nossa vida? Será que se senta e desenha um propósito perfeito para mim e para você em alguma prancheta cósmica, um plano perfeito que exige uma resposta perfeita? Deus então tem de reagir à nossa estupidez, surdez, cegueira ou incapacidade, enquanto violamos constantemente a perfeição com nossa própria presunção? E se estivermos falando de um Deus que tem mais respeito por você do que pelo “plano”? E se não houver “plano” para sua vida, mas sim um relacionamento em que Deus nos convida constantemente a criar junto com ele, submetendo-se com respeito às nossas escolhas? E se esse Deus, que é Amor, só se satisfizer quando apenas o que for da natureza do Amor permanecer em nós?

Certo dia eu estava trabalhando num projeto com meu neto G., de 4 anos. Se bem que *projeto* é um nome generoso demais. Estávamos tentando montar uma estante e decifrar as instruções, que pareciam ter sido escritas por alguém que não fala a nossa língua. G. e eu tínhamos montado quase metade do móvel quando descobri que eu havia começado de trás para a frente. Agora teria de desmontar tudo e recomeçar. G. foi paciente e esteve envolvido com todo o processo, mas, quando viu a minha cara, soube que algo tinha acontecido.

E se não houver “plano” para sua vida, mas sim um relacionamento em que Deus nos convida constantemente a criar junto com ele?

– Ei, vô, você está bem? – perguntou.

– Estou, mas... – E expliquei por que estava desmontando nossa obra de arte. – Estou me sentindo... – Parei por um momento, tentando encontrar a palavra certa. – Estou me sentindo...

– Exasperado? – sugeriu ele, muito sério e compassivo.

Dei uma gargalhada.

– Obrigado, G. Essa é exatamente a palavra que eu procurava, *exasperado*.

Como é que um menino de 4 anos conhece uma palavra como essa e sabe usá-la corretamente?

De qualquer forma, se eu senti essas emoções diante de um revés tão sem importância – um pequeno lembrete de que tenho pouco controle sobre o mundo –, parece que Deus deve viver num estado de constante exasperação.

Meu amigo alemão Martin Schleske, um grande fabricante de violinos, costuma dizer o seguinte: “As Escrituras me mostram que Deus tem um coração de artista, não o de um terrível construtor. Se o mundo fosse obra de um engenheiro cósmico, Deus estaria sempre num estado de descontentamento. Todos sofreríamos com a importunação constante de um projetista teimoso cujos planos simplesmente nunca se realizam como ele pretendia ou esperava. A realidade nunca estaria à altura de seus planos impecáveis. Mas o verdadeiro Criador sabe que, além de moldar, também tem de endossar e permitir. A sabedoria permite que as coisas cresçam e se desenvolvam.”

A soberania de Deus não tem a ver com controle determinista. Então, como Deus reina? Sendo quem Deus é: amor e relacionamento.

Kim e eu podemos ser soberanos em casa, mas, depois que nosso

primeiro filho nasceu, todas as ideias de controle voaram pela janela. Se havia alguém no comando, era o novo bebê. Ele ditava tudo: quando dormíamos, quando acordávamos, nosso estado de espírito e com que frequência poderíamos encontrar os amigos. Três quilos de humanidade reduziram um homem adulto a um chorão sentimental, disposto a abrir mão dos prazeres mais comuns e pouco valorizados – como o sono – para servi-lo. Aquilo nos deixou malucos e às vezes foi muito difícil, mas adoramos tanto que repetimos a dose outras cinco vezes.

O amor e o relacionamento são superiores ao controle sempre. Amor forçado não é amor.

Não acredito que a palavra *controle*, no sentido de poder determinista, esteja no vocabulário de Deus. Inventamos essa ideia como parte da nossa necessidade de dominar e manter o mito da certeza. Não há noção de controle no relacionamento entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Quando Deus escolheu criar os seres humanos – uma ordem mais elevada de seres que podiam dizer “não” –, ele o fez dentro do mesmo amor e relacionamento que sempre existiram. O controle não se origina em Deus, mas a submissão, sim. A dominação não encontra sua fonte em Deus, mas o amor altruísta, que se doa, sim. Assim como as escolhas de nossos filhos afetam nosso relacionamento com eles, nossas escolhas afetam nosso relacionamento com Deus. Deus se submete em vez de controlar e se reúne a nós na confusão resultante desse relacionamento. Ele fica ao nosso lado, participando da criação da nossa vida.

“Deus não se submete.”

Eu estava com meu amigo Andrew numa conferência, escutando um excelente debate entre cristãos e muçulmanos, israelenses e palestinos – pessoas que, quase por imperativo categórico, exigimos que sejam antagônicas. Mas esse encontro específico era diferente: o foco era como o espírito de Jesus poderia atravessar todas as fronteiras – étnicas, raciais, políticas, etc. – e nos chamar a algo maior e mais grandioso do que nossas disputas e divisões.

Há um apelo comum, seja no Novo Testamento, nas Escrituras Hebraicas, no Corão, na Bhagavad Gita ou nos Analectos de Confúcio, que muitos reconheceríamos como a Regra de Ouro. Ela está presente em todas as escrituras. Jesus a enunciou desta forma: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam” ([Mateus 7:12](#)).

Inclinei-me para Andrew e cochichei:

– Você acha que a Regra de Ouro se aplica a Deus?

Foi uma pergunta simples, mas com profundas consequências. Será que Deus trata os outros como quer ser tratado? Se Deus transmitiu essa mesma verdade por meio de tantos mensageiros, ela deve primeiro se aplicar a ele. Mas costumamos pensar que Deus dita mandamentos como testes arbitrários para nós, humanos, não como expressões de sua própria natureza. E, se a natureza divina é o amor, então a nossa também é, porque fomos criados à imagem de Deus. Todo mandamento para amarmos é um

chamado a *encarnarmos* a verdade mais profunda de nosso ser, o amor.

A Regra de Ouro é importantíssima porque é o modo de ser de Deus. Deus me trata exatamente como quer ser tratado. Não preciso conquistar o amor de Deus nem amá-lo primeiro. Nem os outros têm de conquistar o meu amor nem me amar primeiro. Eu amo porque fui amado primeiro (veja [1 João 4:19](#)). E minha forma de saber *como* amar os outros é perguntar a mim mesmo como eu gostaria de ser disciplinado, ou que os limites em minha vida fossem estabelecidos, ou que cuidassem de meus filhos, ou de ser perdoado e incentivado.

Um aspecto central e inerente desse amor altruísta é a dança dinâmica de submissão mútua. É assim que a vida real é vivida e sentida – e isso se origina no próprio ser de Deus. *Submissão* pode ser uma linda palavra de relacionamento ou uma palavra aterrorizante de poder e controle. Deus é relacional e, portanto, se submete, porque a natureza de Deus é o amor altruísta que doa a si mesmo. Um dos muitos aspectos bonitos da Trindade é o fato de a submissão sempre ter estado no próprio ser do Deus Triúno, no relacionamento entre cada um de seus elementos. Em sua dança divina mútua, nem Pai, nem Filho, nem Espírito Santo são diminuídos nem absorvidos. Essa é a verdadeira submissão, na qual o Outro é conhecido e respeitado.

Para alguns, a própria ideia de que Deus seja submisso pode ser difícil de aceitar e até parecer depreciativa, como se trouxéssemos nosso Deus Sagrado até o nível dos seres humanos. Mas quando em minha vida Deus me sussurrou “Deixe-me cuidar disso porque você faz muitas escolhas burras. Acho que seria melhor para nós se eu assumisse daqui”? Nunca, não é? Mesmo que muitas vezes eu preferisse que Deus tomasse as decisões por mim, ele se recusa. Em vez disso, se submete às minhas decisões e embarca nelas para inventar algo vivo, útil e bom, mesmo a partir do pior de meus tropeços ignorantes, mesmo quando declaradamente decido ferir e prejudicar alguém. O amor não me protege das consequências das minhas escolhas, mas também não me abandona à sua mercê. E a presença de Deus em meio a nossa estupidez também não a justifica de jeito nenhum. Deus se opõe a tudo o que não seja da natureza do Amor, mas está sempre “do nosso

lado” em meio à confusão.

Deus se opõe a tudo o que não seja da natureza do Amor, mas está sempre “do nosso lado” em meio à confusão.

E se for na submissão – não no sentido de um capacho de falsa humildade, mas de um envolvimento respeitoso e substancial entre pessoas – que se originam o poder e a autoridade autênticos? O que é a encarnação – Deus tornado totalmente humano – senão a submissão completa a nós? E a cruz, na qual Deus se submete a nossa raiva, fúria e ira? Quem, senão Deus, pegaria uma toalha num recinto cheio de egos masculinos e interesses ocultos e se curvaria diante de cada homem, lavaria seus pés fedidos e delicadamente removeria a sujeira do dia para revelar a beleza do que fora criado para pisar em Solo Sagrado?

Conheço um homem que, diariamente, hora a hora, minuto a minuto, se submete à esposa. Ele se submete à fragilidade e à doença dela sem se sentir sobrecarregado nem cerceado. Ambos têm mais de 80 anos, mas ele é fisicamente mais capaz, e assim se submete a fazer todas as tarefas: lavar roupa, preparar refeições, lavar a louça e limpar o chão e o banheiro. Ele se submete à necessidade dela de simplesmente ter alguém presente e ela se submete a seus cuidados. Essa dança de submissão foi aprendida ao longo de uma vida inteira. Só quando avançamos aos tropeços rumo à plenitude nossa capacidade de submissão aumenta até finalmente tornar-se tão natural quanto deveria ser. É um chamado patrocinado pelo Espírito Santo, que vem de dentro e clama por algo maior e mais grandioso do que poder e controle. É um chamado a sermos verdadeiramente humanos.

Um ano atrás, esse mesmo homem me disse, ao telefone, que ama profundamente a mulher com quem se casou. Que ela salvou sua vida de várias maneiras e que sua maior alegria é servi-la. Eu nunca tinha ouvido

esse homem proferir palavras assim – e isso foi quase tão chocante quanto revelador. Esse homem é meu pai; e a mulher, objeto do amor que ele confessava, é minha mãe.

“Deus é cristão.”

Não escrevi *A cabana* para todo mundo ler. Esse livro foi um presente de Natal para nossos seis filhos – a maior parte redigida à mão, em blocos de papel ofício amarelo, enquanto eu ia de metrô a algum dos meus três empregos. Fiquei emocionado quando o imprimi numa loja de fotocópias e mandei encaderná-lo com espiral e capas de plástico. Dar aqueles exemplares aos meus familiares e amigos era tudo o que eu queria ou imaginava fazer com o livro. Nem uma vez me passou pela cabeça publicá-lo.

Escrevi o romance a pedido de minha mulher, Kim. Ela pediu: “Será que um dia você poderia escrever algo para dar de presente aos nossos filhos, algo que pusesse num mesmo lugar tudo o que você pensa? Porque, sabe, você pensa fora da caixinha.” Ela se referia aos meus conflitos entre fé e religião e a meu trabalho teológico e pessoal na busca por formas construtivas de pensar Deus e a humanidade. Mais tarde, depois que o ofereci como presente de Natal, ela me disse que tinha pensado em algo em torno de quatro a seis páginas. Bom... Fazer o quê?

É óbvio que aquele livro se tornou algo muito maior do que eu pretendia. No momento em que estou escrevendo este, *A cabana* já vendeu aproximadamente 20 milhões de exemplares. Para mim, toda essa aventura foi coisa de Deus, mas nem todos veem assim. Embora apresentasse formas alternativas de pensar Deus e a humanidade que reverberaram intensamente

em muitas pessoas, o livro também questionava suposições profundas e paradigmas muito arraigados. Para alguns, não era coisa de Deus – nem mesmo algo bom. Por vezes, alguns preciosistas discordaram das imagens e dos conceitos. Compreendo sua preocupação com minha escrita e, mais ainda, estou ciente das muitas razões para a existência dessa apreensão.

No livro há uma declaração de Jesus que foi tema de muitas discussões acaloradas. No decorrer de uma conversa com Mackenzie, o personagem principal, Jesus diz: “Quem disse alguma coisa sobre ser cristão? Eu não sou cristão.”

Permita que eu lhe ofereça algum embasamento para essa afirmativa. A princípio, anos depois da ressurreição, a palavra *cristão* era um insulto aos seguidores de Jesus. Basicamente significava “cristinhos” ou “mini-Messias” e era usada para humilhar os membros esfarrapados e maltrapilhos “daquele culto do Caminho de Jesus”. Dá para imaginar a ladainha de acusações de quem os considerava perigosos, tanto para o império quanto para as religiões da época.

“Quem vocês pensam que são? Levam a vida sem nenhuma verdadeira lealdade – nem a Roma, nem à política, nem a Moisés; e desperdiçam seu tempo cuidando dos pobres, dos escravos, dos presos. Os relacionamentos importam mais para vocês do que seu país e sua cultura. Vocês só falam daquelas bobagens de oferecer a outra face ou caminhar duas milhas – um jeito nada prático de viver, com compromissos ingênuos com o amor altruísta, que se doa. Isso nunca dará certo neste mundo. Claro, vocês não pagam o mal com o mal, vocês trabalham muito e dizem a verdade, mas não podemos contar com vocês para manter o sistema funcionando. Vocês não passam de um monte de fracassados idealistas com a ilusão de que a morte pode ser derrotada e que acham possível mudar o mundo pelo amor: cristinhos, é isso que vocês são.”

A ideia de que Deus não é cristão é muito desconcertante para aqueles de nós que, sutil ou abertamente, pressupõem que o “caminho” religioso cristão definido pelos seres humanos é o melhor e que os outros deveriam segui-lo. Por favor, escutem: Deus também não é muçulmano, budista, ateu, animista nem pertence a qualquer outra categoria que nós, seres humanos,

fabricamos para confiscar Deus e suas “bênçãos” para o nosso lado.

Por que fazemos isso? Por que insistimos em criar formas de nos definir em oposição aos outros? Por que construímos impérios com base nessas divisões, justificando nossa superioridade e nossa brutalidade? Agimos como se Deus compactuasse e apoiasse nossos impérios.

As Escrituras afirmam que todas as coisas foram criadas em Jesus, através dele e por ele, enfatizando que não há nada *separado* de Jesus. Mas nossas religiões pressupõem a separação e quando ouvimos a palavra *cristão* pensamos em alguém que estava separado, no lado de fora, e aí fez uma oração ou algo especial e se juntou à religião, passando “para dentro”. No entanto, como criador, redentor e sustentador de todas as coisas (e isso inclui cada um dos seres humanos), Jesus desafia todas as categorias religiosas. Se o levarmos a sério, veremos que não estamos lidando com gente de fora e de dentro, mas com os que veem e os que não veem, os que confiam e os que não confiam.

*Por que insistimos em criar formas de nos
definir em oposição aos outros?*

Então, afinal, Deus é cristão? Se você está considerando que ser cristão é separar e tratar pessoas de diversas denominações, fé e modos de pensar como gente de fora até que elas façam uma oração especial para “entrar”... então é claro que não. Se você está considerando que ser cristão é entender que Deus se identifica com todos como pessoas amadas, não separadas de nada, ainda que completamente ignorantes e sofredoras, e que ele nos ama e encontra sempre maneiras de nos levar a descobrir Jesus como nosso único caminho, verdade e vida... então, é claro que sim.

A maior parte do Novo Testamento foi escrita originalmente em grego comum – grego *koiné*. Adivinhe qual é a palavra grega para *acusar* – como na passagem que trata Satã como “um acusador” (veja [Apocalipse 12:10](#)). É

kategorō, que tem a mesma raiz da palavra *categorizar*. Significa pôr algo ou alguém num grupo para ser classificado. Fazemos isso o tempo todo, e nem sempre é algo ruim. Mas, quando essa categorização traz consigo um julgamento implícito de valor, estamos nos unindo a Satã, o adversário da humanidade. Fazer acusações divisivas reduz e mesmo desintegra a unidade de nossa humanidade comum, e acabamos nos tornando açougueiros do Corpo de Cristo.

As categorias podem ser úteis para auxiliar nosso entendimento e nossa orientação no cosmos onde todos residimos, mas são poderosamente divisivas e destrutivas nos relacionamentos. Para a criança, é bom aprender a diferença entre *eu* e *você*, pai e não pai, seguro e inseguro, mas as categorias que deveriam criar fronteiras saudáveis costumam se transformar em muralhas que cercam prisões, tanto para o “outro” que está lá fora quanto para “nós” que estamos aqui dentro.

Se todos vivêssemos isolados em cavernas e tivéssemos liberdade de criar todas as categorias que quiséssemos, tudo bem – nada de mau, nenhum delito. Mas não. Vivemos em comunidade, e, embora muitos lutemos contra uma noção moral de superioridade cultural e religiosa, ainda temos a tendência de enfiar tudo em belas categorias construídas verbal e mentalmente.

Acreditar (ou confiar) é uma atividade, não uma categoria. A verdade é que todo ser humano está em algum ponto da jornada entre crença e descrença; ainda assim, perpetuamos as categorias de crente e descrente.

Regularmente me perguntam se sou cristão. Minha resposta costuma ser: “Poderia me dizer o que é ser cristão para você? Aí então poderei lhe dizer se sou ou não.” Se a antiga descrição do “cristinho” fosse a definição de *cristão* hoje, eu a aceitaria de todo o coração e a adotaria como categoria – e o faria como integrante de todas as esforçadas comunidades de seguidores de Jesus, seja no século I, seja no XXI. É uma suprema honra ser uma expressão de Cristo e de sua vida no cosmos, ser esse tipo de cristão.

Em *The Mystery of Christ – and Why We Don't Get It* (O mistério de Cristo e por que não o entendemos), Robert F. Capon escreve:

O cristianismo não é uma religião. O cristianismo é a proclamação do fim da religião, não de uma nova religião, nem mesmo da melhor de todas as religiões. Se a cruz simboliza alguma coisa, é que Deus saiu do ramo das religiões e resolveu todos os problemas do mundo sem exigir que um único ser humano fizesse um único ato religioso. A cruz na verdade é um sinal de que a religião não pode fazer nada pelos problemas do mundo – que isso nunca deu nem nunca dará certo.

O cristianismo não é “o caminho”. Jesus é o Caminho!

“Deus quer me usar.”

As palavras significam muito para mim. Sempre significaram. Por meio delas, exercemos nossa presença, nosso poder e nossa força criativa. Mas, apesar de todo esse potencial de beleza, as palavras mutilam, destroem e arrasam com a mesma frequência com que constroem. Como os nossos olhos, as palavras são janelas da alma. É comum revelarem mais do que pretendemos. Nossas palavras nos denunciam.

Nunca fui um homem grande. Perdi todas as brigas em que me meti e aprendi desde cedo a lutar de outra maneira: com as palavras. Escondendo lâminas dentro do que dizia, eu conseguia fazer em pedacinhos um homem muito maior que eu e reduzi-lo a farrapos ensanguentados. Essas feridas costumavam ser de propósito e eram capazes de machucar mais profundamente do que qualquer soco na cara.

Mas às vezes deixamos palavras impensadas escorregarem da língua, palavras irrefletidas que usamos para encobrir as suposições a que nos agarramos. Em alguns aspectos, essas expressões inconscientes são o uso mais perigoso das palavras.

Respeito as palavras. Com duas simples palavras Deus criou a luz – “Haja *luz*”, e houve luz (veja [Gênesis, 1:3](#)). Todo o cosmos foi criado pela Palavra ([João 1:3](#)). Também defendo as palavras e guardo sua santidade ao expor de que modo elas se tornam armas ou falsos mestres. As palavras constroem, mas, com mais facilidade ainda, desmantelam e destroem.

Na primeira vez que fiz um cruzeiro, zarpamos do porto de Miami e demos uma volta de três dias até Cozumel, no México. Kim não gosta muito de água, principalmente quando não há terra à vista, então levei comigo Scott, um de meus melhores amigos. Era uma viagem de trabalho. Eu tinha sido convidado para fazer palestras num cruzeiro musical para preencher o tempo entre as apresentações de várias bandas e diversos músicos. Scott e eu escutamos uma grande variedade de gêneros musicais, vivemos aventuras nos portos de parada e conversamos muito com as pessoas que acabáramos de conhecer.

Um rapaz acabou se tornando meu amigo. Ele não era músico, mas artista performático. No palco, criava pinturas improvisadas magníficas. Ele fora assistir à minha palestra e depois Scott e eu fomos ver seu espetáculo. Mais tarde, no meio de uma conversa particular, nosso novo amigo nos disse: “Só quero ser uma ferramenta usada por Deus.”

Muita gente bem-intencionada já me disse: “Você está sendo usado por Deus para tocar muitas vidas.” Entendo o sentimento e a intenção elogiosa, mas essas palavras revelam um entendimento equivocado do caráter de Deus. Essa declaração tem mais a ver com um deus utilitário do que com o Deus de relacionamento, amor e respeito que tantos de nós conhecemos em Jesus.

O dicionário diz que ferramenta é “um apetrecho ou instrumento usado ou empregado por mão ou máquina para realizar uma tarefa [...] algo que ajuda a alcançar um fim”.

Então perguntei a meu novo amigo artista:

– Você poderia me explicar como funciona seu relacionamento com suas ferramentas? Você confia suas esperanças e aspirações à tela ou conta seus segredos aos pincéis? Eles lhe dão conselhos ou só escutam?

Ele me olhou, confuso.

– Do que você está falando? – perguntou. – Não tenho nenhum relacionamento com minhas ferramentas.

– Exatamente!

Para tornar o argumento mais convincente, expliquei que, para quem tem um histórico de abuso sexual, a última coisa que se quer no mundo é

ser “usado” por alguém, mesmo que seja Deus!

Se Deus nos usa, então para ele não passamos de objetos ou mercadorias. Mesmo em nossos relacionamentos humanos, sabemos que isso está errado.

Deus é um ser relacional; isso é quem Deus é. A linguagem de Deus trata de parceria, criação conjunta e participação; é como um convite para dançar, brincar, trabalhar, crescer.

Se Deus nos usa, então para ele não passamos de objetos ou mercadorias. Mesmo em nossos relacionamentos humanos, sabemos que isso está errado.

Alguns de nós diria a um filho ou filha “Mal posso esperar você crescer para eu poder *usá-lo*. Você será a ferramenta do papai para me glorificar”?

A ideia é abominável quando pensamos em nossos filhos nesses termos. Então por que atribuímos essa linguagem a Deus e ao modo como se relaciona conosco? Será que esquecemos tão depressa assim que somos filhos, não ferramentas, de Deus? Que Deus nos ama e nunca nos usaria como objetos inanimados? Que Deus nos convida a participar da dança de amor e propósito na vida?

Deus é um Deus de relacionamento, nunca age de modo independente. Somos filhos de Deus, feitos à sua imagem! Deus não nos cura para que possamos ser usados. Deus nos cura porque nos ama, e, à medida que cambaleamos rumo à plenitude, nos convida a participar e entrar no jogo da vida.

“Deus é mais masculino do que feminino.”

Meu livro *A cabana* surpreendeu muita gente – nem sempre de forma agradável. Algumas pessoas, como a minha mãe, ficaram contrariadíssimas com minha representação de Deus Pai como uma mulher negra e gorda chamada Papai. Minha mãe até tentou ler o livro. Afinal de contas, tinha sido escrito por um de seus filhos e sua cabeleireira e seu médico estavam falando dele. Ela leu até o ponto da história em que Papai aparece, mas, assim que percebeu o que eu fizera, fechou o livro, pegou o telefone e ligou para minha irmã. “Debbie, seu irmão é um herege!” Ela falava sério e estava inflexível.

Vou lhes contar a história de como minha mãe deu o braço a torcer e por que hoje ela adora *A cabana*.

Em 1946, o panteão dos deuses ocidentais incluía Pai, Filho, Espírito Santo... e os médicos. Os médicos, quase exclusivamente homens, se vestiam adequadamente em sagrados trajes brancos e mantinham uma presença ativa de poder e superioridade. Quando um médico pisava na calçada, todo mundo lhe cedia passagem. Quando um médico entrava numa sala de reuniões, todos se levantavam até que ele terminasse e saísse. Ninguém contradizia um médico, muito menos alunos de enfermagem.

Nessa mesma época, minha mãe se inscreveu num programa de treinamento para enfermeiros no Royal Jubilee Hospital, em Vitória, na Colúmbia Britânica, Canadá. Ela tinha 18 anos, era solteira e pretendia se

tornar missionária médica algum dia. Com três meses de treinamento, pouco depois de receber seu chapéu de enfermeira (que, segundo ela, lhe dava aparência de competente, mesmo sem saber nada), uma mulher deu entrada no hospital, sangrando. Era a Sra. Munn, esposa do reverendo Munn, principal pastor da igreja anglicana de Vitória. Sua ficha médica indicava que ela já perdera cinco bebês no final do segundo trimestre e início do terceiro de gravidez, e agora sua sexta gestação estava em risco.

É difícil perder um bebê em qualquer estágio da gravidez, mas quem já gestou e perdeu um bebê depois de poder senti-lo chutar e se mexer sabe que isso é ainda mais devastador. As esperanças e os sonhos tinham se desintegrado para essa mulher e seu marido não uma, mas cinco vezes. Agora eles estavam prestes a enfrentar essa situação pela sexta vez.

O médico entrou correndo, examinou a Sra. Munn e disse: “Teremos que tirar o bebê.” A cesariana de emergência foi preparada às pressas e o médico chamou a enfermeira-chefe para ser sua assistente e uma aluna para ajudar, aprender e fazer a limpeza. Essa aluna era a minha mãe. Com três meses de treinamento de enfermagem, aquela menina de 18 anos foi jogada no meio de uma cesariana de emergência. O médico fez o parto de um menino de meio quilo. Em 1946, bebês prematuros raramente sobreviviam, ainda mais meninos. Não havia unidade neonatal nem UTI pediátrica. A tecnologia mais avançada da época eram, basicamente, incubadoras de frangos, umas caixas aquecidas com lâmpadas. E aquele bebê só pesava meio quilo.

Para se ter uma ideia, nosso terceiro neto nasceu prematuro com 1,8 kg. Tenho uma foto de seu punho fechado ao lado da aliança de meu filho – a aliança era maior. O médico colocou o minúsculo recém-nascido de meio quilo numa cuba rim, entregou-o à minha mãe e disse: “Não é viável; descarte.” Então se virou para terminar a cirurgia.

Minha mãe olhou o bebê minúsculo; ele ainda respirava. Descartar significava mandá-lo para o incinerador, onde todos os resíduos médicos eram destruídos. Ela se viu num dilema monumental. Na área de serviço fora da sala de operações ela achou uma toalhinha. Enrolou o bebê nela, colocou-o na cuba rim, voltou à sala de cirurgia e pôs o recipiente em cima

da unidade de esterilização, único lugar quentinho da sala.

O médico terminou a cirurgia e, supondo que tudo estivesse em ordem, foi embora. A enfermeira-chefe levou a Sra. Munn para a sala de recuperação pós-cirúrgica e deixou minha mãe para fazer a limpeza. O bebezinho nasceu às 20h30 de 30 de maio de 1946. Às 21h30, minha mãe tinha terminado a limpeza e estava sentada numa cadeira com ele no colo, esperando que morresse. Ela achava que, quando o bebê morresse, obedeceria ao médico e ninguém precisaria ficar sabendo. Enquanto isso, o médico se reunia com os pais e lhes dava a terrível notícia: o filho não sobrevivera. Logo saiu, deixando-os para chorar a perda do sexto filho.

À 1h30 da madrugada, minha mãe decidiu que era melhor contar a alguém e chamou a enfermeira-chefe. “Estamos numa encrenca terrível”, foi a resposta. Chamaram então o médico, que voltou correndo de casa; estava furioso. Descontou sua ira naquela moça que, com sua insubordinação e incapacidade de obedecer ao protocolo, pusera a ele e ao hospital em uma “situação ruim”.

– Você criou o problema – disse ele, apontando-lhe o dedo. – Agora ele é responsabilidade sua. Mas não ouse contar nada aos pais.

Sem saber mais o que fazer, a angustiada aprendiz de enfermeira levou o bebê para o berçário do hospital, onde ela e as outras o seguraram no colo o tempo todo, alimentando-o com um conta-gotas. Nos dois dias seguintes, ele perdeu 110 gramas.

Dois dias. O que o médico estava pensando? É claro que achava que o bebê morreria e, quando isso acontecesse, toda a “situação ruim” seria varrida para debaixo do tapete do código de silêncio.

Só que o bebezinho começou a ganhar peso. O médico percebeu que teria de contar aos pais:

– Não queríamos lhes dar falsas esperanças. Quando seu filho nasceu, tínhamos certeza de que não sobreviveria, mas... devido aos milagres da medicina moderna, conseguimos mantê-lo vivo, embora haja uma probabilidade muito baixa de que continue assim; mesmo que sobreviva, é provável que haja complicações, danos cerebrais...

Eles não se importaram, não naquele momento. Tinham um filho, que

logo recebeu o nome de Harold (que significa boa-nova). Naquele mesmo dia o reverendo Munn, segurando seu minúsculo bebê numa das mãos, o batizou com um conta-gotas. Ninguém esperava que o pequeno Harold sobrevivesse. Mas, após duas semanas, a Sra. Munn foi para casa e, dois meses mais tarde, pôde levar seu bebê. Dois anos depois, as enfermeiras – minha mãe inclusive – receberam um convite para a festa do segundo aniversário de Harold. Minha mãe foi, curiosa para saber sobre o bebê, e lá estava ele... correndo e brincando com as outras crianças, parecendo perfeitamente normal. “Um pouco magrinho”, diz ela hoje, recordando o momento.

Ela não contou nada aos pais sobre como o pequeno Harold sobrevivera. Minha mãe então se formou, mudou-se para a área central do Canadá e entrou para a escola bíblica, onde conheceu meu pai. Eles logo se casaram. Nove meses depois, nasci no norte de Alberta e, após dez meses, nós três nos mudamos para o outro lado do mundo, para as selvas da Nova Guiné, onde cresci.

Anos depois, voltamos ao Canadá. Terminei o ensino médio no norte da Colúmbia Britânica, numa cidade chamada Terrace. Minha mãe trabalhava no hospital e viu um boletim anglicano com o obituário do bispo Munn. Curiosa, ela perguntou a uma enfermeira anglicana com quem trabalhava se ela conhecia o bispo. A mulher, minha mãe descobriu, trabalhara com ele, principalmente com os povos das nações indígenas, e o conhecia bem.

– Ele teve filhos? – Minha mãe ainda não tinha certeza.

– Sim, um filho, Harold. Mas eu não soube mais dele. Um menino extraordinário. A última notícia que tive é que estava trabalhando como professor missionário na África ocidental.

Minha mãe nada disse durante mais dez anos até deparar com outro obituário: o do médico que lhe causara tanta tristeza. Só então nos contou, à sua própria família, a história de Harold Munn. Ela a guardara consigo todos aqueles anos. Mas agora o médico estava morto, e com ele o código de silêncio. Ela decidiu encontrar Harold e lhe contar a verdade sobre seu nascimento. Quando o encontrou, ele era o pastor principal da igreja anglicana a um quarteirão de onde o próprio pai fora pastor em 1946.

Durante seis meses ela tentou descobrir como contar a Harold sem que ele pensasse que ela estava “querendo o crédito”. Finalmente, ela lhe escreveu uma carta no Natal, contando a história dele por meio de outra “história da chegada de um filho”, a história de Jesus. Harold logo respondeu e pouco tempo depois eles se encontraram. Minha mãe lhe revelou a verdade sobre seu nascimento milagroso.

Como você pode imaginar, eles ficaram bastante íntimos. Certo dia, numa conversa, ela disse:

– Harold, tenho esse filho. Ele escreveu um livro que está me dando muito trabalho.

– Bernice, que tal se eu puder lê-lo e depois lhe dizer o que penso?

Harold então leu *A cabana* e me mandou um e-mail. *Caro Paul, li seu livro. Adorei tudo nele, mas acho que sei com que a sua mãe está tendo dificuldade: a sua imagem de Deus Pai. Vamos ver se consigo resolver isso.*

Ele também mandou um e-mail à minha mãe com cópia oculta para mim. *Cara Bernice, li o livro de Paul e você precisa saber que o adorei, mas imagino que você ache difícil aceitar a representação que ele faz de Deus Pai. Deixe-me contar por que o que ele escreveu é tão importante para mim.*

E ele contou.

*As imagens nunca pretenderam definir Deus;
em vez disso, elas são uma janela através da
qual vemos aspectos e facetas da natureza e do
caráter de Deus.*

Como Harold ressaltou, será que algum de nós acha que Deus é mais masculino, macho e paternal do que feminino, fêmea e maternal? Toda maternidade, assim como toda paternidade, se origina na própria natureza de Deus. A imagem de Deus em nós (*imago dei*) não é menos feminina do que masculina. A natureza feminina/masculina de Deus é um círculo de

relacionamento, um espectro, não uma polaridade.

E as imagens? Estão por todas as Escrituras: masculinas (Pai, Rei, etc.), femininas (Mãe que alimenta, Mulher e Moeda, etc.), animais (Mãe Ursa, Águia, Leoa, etc.), objetos inanimados (Pedra, Fortaleza, Torre Fortificada, Montanha, Escudo, etc.).

As imagens nunca pretenderam definir Deus; em vez disso, elas são uma janela através da qual vemos aspectos e facetas da natureza e do caráter de Deus.

Deus é mais masculino do que feminino? De forma alguma! Em minha história sobre Harold Munn, quem melhor representa o coração e o caráter de Deus: o médico ou a moça solteira de 18 anos estagiária de enfermagem?

E, por fim, eis a maravilha dessa história dentro da história: em 1946 minha mãe salvou um bebê de meio quilo que, décadas mais tarde, construiu a ponte que ela pôde percorrer rumo ao próprio filho.

“Deus quer ser prioridade na sua vida.”

O vocabulário grego e aramaico do Novo Testamento é minúsculo em comparação com o inglês, e o hebraico (do Antigo Testamento) é menor ainda. Assim, os tradutores usam muitas palavras que não existem nos idiomas originais. Palavras comuns da nossa cultura se tornaram a linguagem de nossa espiritualidade, embora não estejam nas Escrituras.

Tenho o enorme *Dicionário teológico do Novo Testamento*, de Kittel, uma coleção em dez volumes com milhares de páginas de estudo sobre todas as palavras gregas do Novo Testamento. Quando quero entender em que sentido um termo está sendo usado, tanto no contexto das Escrituras quanto em seu ambiente histórico e cultural, é a ele que recorro. O volume 10 é o índice dos outros nove, e lá está a palavra grega que significa *principado*, seguida da palavra que significa *prisão*. Há pelo menos uma palavra importante que se poderia supor que estivesse entre essas duas, mas não está: *prioridade*. Essa palavra não tem equivalente grego nem hebraico. Ela não está na Bíblia.

Mas esse é um termo poderoso no mundo dos negócios e foi adotado de tal maneira pelo vocabulário religioso que nos perguntamos quem o utilizou primeiro. Você já viu algum pastor que não usasse a palavra *prioridade*? Pouquíssimas vezes. Essa palavra passou a fazer parte de nosso modo de ver e pensar nosso relacionamento com a vida e com Deus, mas não está na linguagem das Escrituras.

Às vezes Jesus se envolvia em conversas capciosas. Os advogados e mestres que lhe faziam perguntas frequentemente tinham segundas intenções. Era comum serem homens encarregados de preservar o sistema religioso existente e o próprio emprego.

Numa ocasião específica, perguntaram a Jesus: “Qual é o mandamento mais importante?”

Parece uma pergunta sobre prioridades. Dê-me uma lista, Jesus. Classifique as escolhas da minha vida na ordem da mais para a menos importante.

Devo confessar que os religiosos adoram esse tipo de lista. Eu, sem dúvida, gostava. Elas me davam uma base para a sensação de superioridade moral e um sistema externo de avaliação para validar meu esforço e desempenho – principalmente para me comparar com os outros. Mas há aí um problema enorme: a vida não funciona de acordo com essas listas, e os relacionamentos bagunçam todos os sistemas de prioridades.

O que significa colocar Deus em primeiro lugar? Será um percentual relativo a nosso tempo, nosso dinheiro ou nossa concentração? É claro que, se déssemos a Deus só uma parte do sábado ou do domingo, isso não seria torná-lo prioridade. Quem decide quanto devemos dar a Deus para que ele seja uma prioridade? Quanto é suficiente? Há alguma prática espiritual, como uma oração ou a frequência à igreja, que sirva para colocar “Deus em primeiro lugar”? Quem decide? E o que acontece se eu tiver uma filha doente que exija cuidados sete dias por semana, 24 horas por dia? E meu trabalho? Passo boa parte da vida dormindo; o sono está fora dessas contas? Como lidar com todos os itens da lista? Deus em primeiro lugar, família em segundo, trabalho ou igreja em terceiro? Hum...

Entendo que, ao executar uma tarefa, é útil ter uma sequência de ações: primeiro faça isso, depois aquilo, etc. Mas nossas intenções podem ser totalmente interrompidas por um telefonema e de repente nosso planejamento se torna irrelevante. Acredito que boa parte das frustrações da vida acontece porque nossos planos e expectativas são interrompidos.

E como Jesus responde à pergunta que parecia ser sobre prioridades? Ele disse: “O *primeiro e maior*” – lembrem-se dessas duas palavras – é “Ame o

Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. Deus em primeiro lugar, certo? Deus como prioridade.

Não é bem assim. Então Jesus diz: “E o segundo é semelhante a ele [ao primeiro].” Como? O segundo também é “*primeiro e maior*”: “Ame o seu próximo como a si mesmo” ([Mateus 22:36-40](#)).

Em vez de uma lista de prioridades, Jesus nos apresentou algo totalmente diferente: um relacionamento vivo, dinâmico e em movimento no qual Deus está não em *primeiro lugar*, mas numa posição *central*. Não é um fluxograma, mas um móbile em que tudo se mexe e muda conforme nossas escolhas e ações se entrecruzam dentro da atividade do Espírito Santo. As listas têm a ver com controle e desempenho; Deus tem a ver com aventura e confiança. Se Deus está no centro de nossa vida, então o amor e os relacionamentos também estão, já que Deus é profundamente as duas coisas.

Deus não quer ser o primeiro da sua *lista*, mas o centro de *tudo*. Isso não significa que você tem que tirar seu catálogo mental de prioridades do bolso para verificar se o que fez está certo ou é suficiente. Significa viver num relacionamento em que os planos podem dar muito errado, os cronogramas podem mudar completamente num instante e pulamos de uma estação a outra tão depressa quanto as oscilações da maré.

Deus não quer ser o primeiro da sua lista, mas o centro de tudo.

Afastar-me do legalismo das prioridades e de sua culpa inevitável, principalmente no relacionamento com Deus, abriu um espaço imenso em minha vida e mudou algo fundamental na maneira como vivo. Não presto atenção à minha esposa porque ela esteja na minha lista nem à minha família porque esse seja um dever a cumprir, mas porque os amo e estou num relacionamento com eles, que são importantes e significativos. Esse

relacionamento muda diariamente. A inter-relação entre trabalho, família, lazer, saúde, amizade, etc. muda e se altera constantemente: o foco de uma estação aqui, depois ali. Em vez de me preocupar com prioridades ou equilíbrio, levo uma vida em que Deus está no centro de tudo e em que o sopro do Espírito Santo move os elementos do móbil em direções inesperadas e imprevistas ao mesmo tempo que nos convida a participar do momento, do dia.

“Deus é um mágico.”

Às vezes nos relacionamos com Deus como se houvesse alguma espécie de mágica envolvida. Não chamamos por esse nome, mas é assim que achamos que funciona. Se eu tiver a fórmula correta (sangue de lagartixa, olho de sapo) e as palavras certas (*abracadabra* ou *shazam*), consigo o resultado desejado (poção de amor número 9).

Acho que a maioria dos religiosos discordará dessa afirmativa. Essa não é uma mentira em que acreditamos. Na verdade, ficaríamos um pouco ruborizados com a ideia de colocar *mágica* e *Deus* na mesma conversa. No entanto, também já me relacionei muito com Deus da mesma maneira que outros usam mágica; eu simplesmente justificava isso com o jargão santificado.

Não cresci numa família que possuísse muito em termos de bens materiais – com certeza, nenhum excesso –, mas sempre tivemos o necessário: comida, casa, roupas. Meu pai é da geração que, mesmo sem talento para criar os filhos, cumpria bem seus deveres. Herdei minha ética de trabalho dos dois, mas principalmente de meu pai.

Sem que eu soubesse, meus pais guardaram um dinheirinho para me ajudar no primeiro ano de faculdade. Mas, pouco depois que saí de casa, eles o investiram com um religioso “de confiança”. Em poucos meses, suas economias e meu fundo universitário deixaram de existir. Lembro-me de minha mãe, com lágrimas escorrendo pelo rosto, explicando o que

acontecera. O ar de total perplexidade em seu rosto se misturava às emoções da perda e da decepção.

– Como isso pôde acontecer? – disse ela. – Sempre pagamos o dízimo, sem falta, a vida inteira!

Mágica. E, quando não dá certo, acreditamos que há algo errado conosco, com nossa fórmula. Não oramos o bastante, não tivemos fé suficiente ou algum pecado em nossa vida nos desligou de Deus.

Quando digo *mágica*, não me refiro a truques com cartas ou ilusionismo de palco, nem mesmo aos mistérios da arte e da música. A magia à qual me refiro é o meio pelo qual exercemos controle sobre algo ou alguém. Trata-se de um jogo de poder que não depende de relacionamentos, que são confusos e cheios de verdadeiro mistério. É o uso de rituais, símbolos, ações, gestos e linguagem com a intenção de explorar o poder. Por trás da magia religiosa está a crença num Deus que precisa ser forçado a fazer alguma coisa. A interação é transacional. Se eu fizer tal coisa, a oração ou o encantamento certo, Deus é obrigado a responder de determinada maneira.

Mas não acredito que a resposta de Deus a nossos pedidos seja determinada pelo fato de termos realizado as ações ou dito as palavras “certas”. Deus pode agir de forma contrária às nossas expectativas por “mágica”, mas a resposta dele é motivada por amor, não pelo nosso desempenho ou por nossa habilidade nas orações.

Nós, religiosos, recorremos a dois tipos comuns de mágica em larga medida porque não confiamos na bondade nem no amor de Deus. Como ele poderia nos amar e querer o nosso bem, com todos os nossos pecados e limitações e nossa cegueira? O primeiro tipo de magia envolve *fé* e o segundo se baseia em *desempenho*. Seja como for, acreditar em mágica nos torna vulneráveis a charlatães e a pessoas bem-intencionadas que pensam conhecer os truques do ofício. E, quando a mágica não funciona, enfrentamos a autorrecriminação e uma decepção esmagadora. Afinal de contas, não pode ser culpa de Deus, então eu devo estar fazendo algo errado.

Com o primeiro tipo de magia, a *fé*-mágica, deveríamos ser capazes de mover montanhas, erguer os mortos, realizar milagres, enriquecer ou ter filhos. Então, quando algo não dá certo – por exemplo, quando adoecemos

ou um empreendimento fracassa –, é porque não tivemos fé suficiente ou não a exercemos direito. Ou talvez haja algum pecado em nossa vida que impede o fluxo da providência divina.

Deixe-me afirmar que não tenho dúvidas de que Deus seja absolutamente capaz de curar alguém e de levantar os mortos. Já vi o primeiro caso pessoalmente e amigos em quem confio testemunharam o segundo. Em certo sentido, a cura física é simples: é uma mera reforma biológica que aperta o botão de pausa na caminhada para a morte física final. Mas a cura da alma humana e a reforma da mente e do coração? Ah, esse, sim, é um milagre verdadeiro e duradouro!

Quando me casei, entrei para uma família muito numerosa, o sal da terra de Minnesota e de Dakota do Norte. São pessoas que não fazem nada em silêncio. São exuberantes e amam a vida. Discutem, lavam a roupa suja em público, perdoam rapidamente e não guardam rancor. E quase tudo o que fazem é barulhento, sabe? Em resumo, são emocionalmente saudáveis. Eu, por outro lado, cresci numa família rígida e religiosa. Omitíamos tudo, mentíamos sobre quase tudo e, quando nos reuníamos, era necessário um roteiro cerimonial.

No início do casamento, Kim e eu passamos por seis meses muito difíceis. Nosso primogênito tinha pouco mais de um ano quando meu irmão mais novo morreu num acidente horrível aos 18 anos. Meio ano depois, minha sobrinha morreu no dia seguinte a seu aniversário de 5 anos. Bem no meio dessas duas perdas chocantes, a mãe de Kim foi internada para uma cirurgia rotineira de vesícula. Ela era diabética, mas não se cuidava. A doença fez com que tivesse problemas na mesa de operação e, em poucas horas, ela estava ligada a aparelhos que a mantinham viva.

A família de Kim se reuniu no hospital para esperar e chorar. Eu estava no modo desapegado de resolver as coisas – lidando com os médicos e dando telefonemas – quando o médico sinalizou que queria falar comigo e com Kim. Ele nos disse que a família precisava tomar uma decisão. Não havia atividade cerebral e tínhamos que escolher entre mantê-la no respirador ou desligá-la das máquinas.

Voltamos ao saguão para dar a notícia e vimos que o namorado de uma

das irmãs de Kim falava com a família. Nem todo mundo ali era seguidor de Jesus.

– Se tivessem fé suficiente, a mãe de vocês não estaria lá morrendo – disse ele.

– Espere aí – interrompi. – Pode me explicar como isso funciona? Está dizendo que, se a maioria de nós tiver fé suficiente, ela não vai morrer?

Ele fez que sim. Então perguntei:

– E se uma pessoa tiver fé suficiente? Ela viverá?

Ele pensou por um momento e fez que sim outra vez.

– Ótimo! – disparei. – Então essa pessoa é você. Se ela morrer, a culpa é sua!

Foi uma coisa horrível de se dizer, admito. Mas eu estava irritadíssimo. Gostaria de aproveitar o momento e pedir desculpas às muitas pessoas feridas por cristãos que foram grosseiros e insensíveis por acreditarem implicitamente em magia, não num Deus que se une a nós para estar presente e nos confortar em meio à perda e ao sofrimento.

O segundo tipo de mágica, a magia do *desempenho*, funciona assim: se eu fizer as coisas certas (ler minha Bíblia, frequentar a igreja, pagar o dízimo, orar, participar de missões) e não fizer as coisas erradas (essa lista depende do grupo de que você faz parte), Deus vai me abençoar e as coisas que eu pedir em oração vão acontecer.

Quando embarquei num avião de Asheville, na Carolina do Norte, a Atlanta, na Geórgia – tempo total de voo de 23 minutos –, levei um “cutucão”, que é uma das maneiras de Deus falar comigo, e tirei da bolsa o último exemplar de *A cabana* antes de colocá-la no compartimento superior. Quando a mulher quatro pessoas à minha frente parou na minha fila, disse-lhe que eu estava na janela. Gentilmente, ela pousou as malas e esperou que eu entrasse primeiro. Ao passar, tropecei na alça de sua bolsa e caí sentado na poltrona, com o livro bem na cara dela. Então pedi desculpas, me ajeitei e pus o livro no bolso das costas do assento da frente.

Ela também se acomodou e disse:

– Você não vai ler esse livro aí, não é?

– Na verdade, já li. E você?

- Li ano passado e não gostei!
- É mesmo? Do que você não gostou?

Foi como uma metralhadora. Uma torrente de generalidades veio na minha direção, tão rápida e furiosa que foi difícil acompanhar. Algo sobre violar os princípios de Deus, de não gostar da representação da Trindade...

- Espere, do que você não gostou na Trindade?

Ela parou por um instante.

- Não me lembro - disse, e voltou a falar, mas dessa vez os comentários eram mais pessoais.

Quando ela parou para respirar, fiz outra pergunta:

- Você conhece o autor?

Ela pensou por um segundo antes de responder:

- Hum... não, mas...

Já viu aqueles cartuns em que aparece uma lâmpada acesa acima da cabeça de alguém? Ela estava com uma delas.

- Hum... você não é o autor, é?
- Sou.
- Não, não é!

Ela continuou insistindo que eu não era até que lhe mostrei dois cartões de crédito e a carteira de motorista.

- Isso é uma coisa de Deus - disse ela, recostando-se e olhando para o alto.

Eu me perguntei o que ela pretendia dizer com isso e falei:

- Quer saber? Esqueça o livro. Em vez disso, por que não me conta a sua história? Estou curioso. Como é que você veio parar ao meu lado num voo?

E ela me contou a história dela. Um ano antes, estava à beira do suicídio. O vício acabara com sua vida e ela perdera todos os relacionamentos importantes. Então, por sorte - e por um grupo de pregadores de rua fundamentalistas - ela conheceu Jesus e sua vida virou de ponta-cabeça. Mas ela sentia um medo desesperador de perder a magia, fazer a coisa errada ou acreditar no que não devia. Qualquer coisa fora dos princípios que aprendera era potencialmente perigosa. *A cabana* era perigosa.

Ela sentia um medo desesperador de perder a magia, fazer a coisa errada ou acreditar no que não devia.

Começamos a descida e me inclinei para ela.

– Estou muito entusiasmado por você! Estou nesta estrada com Jesus há muitos anos, e você está na aventura mais incrível que um ser humano pode viver. Espero que nunca perca seu fervor e seu foco. Mas, se me permite, se Jesus estivesse sentado aqui bem a seu lado, acho que sei o que ele lhe diria.

– O quê?

Pus a mão no ombro dela.

– Acho que ele diria “relaxe”.

As lágrimas começaram a correr pelo rosto dela e a vi se derreter num afeto invisível mas inexorável. Com um abraço, nos despedimos.

Ela sorriu.

– Vou tentar ler de novo.

– Não tem problema nenhum se não ler – tranquilizei-a.

Vinte minutos depois, no trem até o portão de embarque do meu voo seguinte e no burburinho que é o aeroporto de Atlanta, encontrei-a outra vez.

– William! – berrou ela.

Veio e me deu um abraço enorme. Qualquer um pensaria que éramos amigos que não se viam há muito tempo. E éramos!

A alternativa à mágica são os relacionamentos cheios de mistérios em que perdemos o controle. Magia tem a ver com saber o desempenho, as fórmulas e os encantamentos certos. Relacionamentos têm a ver com confiança.

Você sabia que Deus fala a sua língua? Sabia que você tem capacidade de falar com ele e ouvir a voz dele com o seu jeito único de ouvir? Pois tem. Embora a magia possa nos dar a ilusão e a promessa de controle, são os relacionamentos que verdadeiramente importam, um momento de cada vez,

uma conversa de participações.

Depois de provar o deleite dos relacionamentos você nunca mais vai querer voltar à magia.

“Deus não gosta de sexo.”

No ambiente religioso da minha infância, dizer a palavra *sexo* era pecado. Enquanto isso, a cultura tribal em que fui criado (Papua Ocidental) era drasticamente sexual. Muitas das saudações mais comuns eram uma associação entre sexualidade e intimidade; quanto mais profunda a relação com o outro, mais explícita a saudação.

De onde você acha que a sexualidade se origina?

Ela se origina do próprio ser de Deus.

Por falar em sexo, os indivíduos das culturas tribais nas quais fui criado usavam pouca ou nenhuma roupa. Não havia necessidade. Isso era desconcertante para os missionários ocidentais e, mais tarde, para o governo que anexou a ilha. A solução foi jogar de avião toneladas de roupas no meio da selva. Mas é difícil manter decoro e respeito quando um cacique entra saltitando na aldeia exibindo o novo “capacete” que achou na mata, com correia no queixo e tudo. Pessoalmente, eu nunca pensaria em usar um sutiã como capacete.

Tanto a sexualidade quanto o humor são profunda e inerentemente relacionais. Ambos são capazes de criar grande beleza e criatividade ou de causar danos e objetificações grosseiros. Com toda a consternação, a confusão e o caos que já provocou, a sexualidade humana deve ser incrivelmente significativa.

Sexo, dinheiro e poder: três grandes arenas de interação humana que, se

não estiverem continuamente envolvidas pelo amor, se tornam despóticas e abusivas. Das três, só o sexo é uma expressão do ser, algo que, intrinsecamente, é uma expressão do eu. No entanto, quando qualquer uma delas se afasta dos relacionamentos, se torna uma arma interpessoal e intracultural de destruição em massa.

A linguagem da sexualidade emoldura as escrituras de todas as tradições religiosas, inclusive a judaica e a cristã. Há a celebração do ímpeto em direção à união, à cocriatividade, a conhecer e ser conhecido. Quando o Novo Testamento nos diz que a natureza divina de Deus foi colocada dentro de nós, a palavra grega usada é *sperma*. A união sexual é “conhecer” o outro, a intimidade da unidade face a face.

Enquanto se esforçava para encontrar palavras adequadas para descrever a natureza de Deus como Três Pessoas em completa Unidade, a igreja cristã primitiva encontrou *pericorese*, que significa interpenetração mútua sem a perda de nenhuma das Pessoas individuais. Essa é uma das melhores descrições da união sexual e celebra o fato de que essa atração e esse ímpeto existem porque fomos criados à imagem e semelhança de Deus.

Esta questão é fundamental: a sexualidade é uma força linda e criativa *somente* quando é uma expressão de ágape, palavra grega que significa o amor altruísta, centrado no outro e com comprometido na doação de si. Deus é ágape ([1 João](#)). Em determinado momento, retiramos a sexualidade de ágape e legitimamos a categoria de *eros* e seu derivado, o *erótico*. No mundo clássico, Eros era um deus demoníaco voltado apenas para o poder autocentrado e em proveito próprio, em que os outros são um meio para se obter gratificação (pense em pornografia) e realizar a ânsia por plenitude (pense numa paixão). O verdadeiro amor encontra realização no outro e, portanto, nunca é cego. A paixão é cega de propósito e só encontra realização no eu e nas necessidades do eu. Portanto, não deve ser nenhuma surpresa o fato de que a palavra *eros* não aparece nas Escrituras e, quando surge em discussões teológicas, é colocada em oposição a ágape.

Obviamente, a pornografia (assim como a paixão) não é relacional; trata-se de um relacionamento imaginário que não apresenta os riscos dos relacionamentos reais. Na verdade, ela é o oposto de *conhecer*. Em todos os

sentidos, a objetificação sexual de mulheres, homens ou crianças significa virar as costas ao amor.

O romance, a alegria de poder conhecer o outro e cuidar dele, é a verdadeira expressão de ágape. A intimidade sexual, essa expressão simbólica e atordoante de nossa *imago dei*, se baseia nas Escrituras e também é uma expressão de ágape, o tipo de amor divino – que se doa e é centrado no outro. Quando se transforma em gratificação autocentrada que usa o corpo ou a imagem do outro como meio para atingir um fim, a sexualidade é uma violação devastadora do amor.

E se começarmos a centrar toda conversa sobre amor e sexualidade em ágape como a fonte e o ser de todo o respeito e autenticidade relacional? E se rejeitarmos *eros* como falso, como objetificação do outro para o encontro erótico no qual o eu é servido? E se ágape for a base de toda intimidade autêntica e face a face, sexual ou não, e uma celebração do fluxo do amor centrado no outro, que se doa? Então conhecer e ser conhecido faz sentido e as profundezas do relacionamento autêntico se tornam essenciais para a expressão sexual.

Quando se transforma em gratificação autocentrada que usa o corpo ou a imagem do outro como meio para atingir um fim, a sexualidade é uma violação devastadora do amor.

A doação de si de ágape de modo nenhum nega a dádiva da sensualidade, pois esta também é celebração de ágape. O amor ágape que se doa é inerentemente respeitoso com o outro, sem nenhuma intenção de diminuir ou de absorver; é uma interpenetração mútua sem a perda de nenhuma das pessoas individuais (*pericorese*).

Comecei falando da tribo em que cresci, na qual as saudações

costumavam ser sexuais e explícitas. Décadas depois, quando a igreja indígena já estava formada e saudável, um missionário ocidental mencionou aos líderes a questão da linguagem. Ele se sentia ofendido com o tom sexual das saudações. Com educação, eles lhe disseram que fariam uma reunião para conversar sobre sua preocupação e lhe comunicariam o que decidissem. Quando voltaram a se reunir, eis o que os anciãos disseram ao missionário: “Quando você estiver por aqui, faremos o possível para não usar essas palavras, mas não vamos parar de orar dessa maneira.” Para eles, a sexualidade humana é uma linguagem boa e correta de intimidade. Acontece que Deus não tem nenhum problema com o sexo; nós é que temos.

“Deus abençoa meus políticos.”

Tenho uma confissão a fazer. Não é o tipo de confissão envolto em segredos e mentiras; mas já confessei isso tudo também. Depois de mais de trinta anos como um estrangeiro com *green card*, passei a ter dupla cidadania: canadense e estadunidense.

Claro que eu era um bom candidato. Sou canadense, e todo mundo sabe que há muito tempo os canadenses não criam problemas; a menor insinuação disso já é suficiente para arrancar de nós todo tipo de pedido de desculpa. Seja como for, preferimos recorrer ao humor a usar canhões. Não tenho nenhuma ligação com nazistas ou organizações terroristas, nunca cometi nenhum delito e pago meus impostos há décadas. Como cidadão naturalizado, nunca poderei concorrer à presidência, o que, em meu entender, é mesmo melhor para todos.

No entanto, o que quero mesmo tratar aqui é de um tipo diferente de dupla cidadania: uma mistura perigosa de patriotismo e religião. Em termos gerais, os fundamentalistas patrióticos são muito mais assustadores do que os fundamentalistas religiosos, mas os mais apavorantes são os que são as duas coisas. Temos de parar de confundir nacionalismo e patriotismo com o reino de Deus. Temos de parar de tentar transformar Jesus, o servo sofredor, no “Cristo” de qualquer sistema político, principalmente do imperialismo colonialista ocidental. E, embora nunca sejamos ousados a ponto de declarar que Deus é americano, nós, americanos, continuamos a agir como se isso

fosse verdade. Para deixar claro, não estou descartando a possibilidade de pessoas boas participarem da política por boas razões nem de a máquina política fazer o bem. Há muitas coisas boas e maravilhosas nos Estados Unidos e no Canadá, mas sob a fina camada de civilidade e civilização de todas as nações há uma fera à espreita.

É uma suposição antiga achar que as deidades são locais e geográficas, que têm intenções territoriais de tratamento especial aos escolhidos e conquista dos forasteiros – tudo em “nome de Deus”. Vimos até profecias bíblicas como justificativa de nossa existência e de nossas ações. Não somos a “cidade construída sobre um monte”?

Às vezes, amadurecer significa perceber que, na verdade, nossa versão de deus é uma deidade local, estabelecida em grande medida pela necessidade de controlar ou administrar um mundo incerto. Infelizmente, muitas vezes essa filosofia nos permitiu justificar e defender a violência cometida por palavras e atos – e em seguida reescrever a história pelo ponto de visto do opressor vitorioso.

Ainda mais triste é que muitos homens e mulheres sacrificaram suas vidas e seus corpos para proteger deidades políticas locais. Essas pessoas boas sofreram as baixas da guerra enquanto tentavam ajudar os oprimidos, os vitimizados e os agredidos.

Deus não é americano. Mas também não é sérvio, francês, brasileiro nem possui qualquer outra identidade política e social erigida e fortalecida pelos seres humanos. Como fomos todos criados à imagem de Deus, seria correto dizer que Deus trabalhou por meio de muitos avatares políticos para proteger nosso povo e nossa cultura enquanto trabalhava ao nosso lado para destruir tudo o que é falso?

As identidades políticas não se originam em Deus. Deus não tem nada a ver com separação e divisão, com exclusão e construção de muros, com dominação e poder. Tudo isso tem origem nas trevas que escolhemos, geralmente alimentadas por ganância, medo e o ímpeto de garantir segurança e certeza. Sejamos francos: nós temos medo! E, como confiar em Deus só parece útil no longo prazo (eternidade), dedicamos nossa lealdade e confiamos no que consideramos mais tangível, mais imediato e que se

apresenta com poder suficiente para nos proteger e nos dar o que queremos. Oferecemos nossa fidelidade e lealdade a um sistema obviamente imperfeito, de origem humana, em vez de nos arriscar a confiar num Deus invisível.

Não é preciso muito para revelar que a política não é uma solução. Em Papua Nova Guiné, terra onde passei a infância, há mais de oitocentos grupos linguísticos independentes. As tribos, separadas por rios, montanhas e pântanos, têm dialetos completamente diferentes. É o mundo dos sonhos dos antropólogos, mas um pesadelo político. Uma das primeiras tentativas de “civilizar” as comunidades tribais foi criar um sistema bipartidário. Eles dividiram as tribos dando guarda-chuvas à primeira metade e batatas-doces à outra. Tudo funcionou perfeitamente até o primeiro temporal, quando os guarda-chuvas não funcionaram. Então, todos entraram no partido das batatas-doces e consumiram toda a divisão política.

Embora seja engraçado, isso também revela a tensão inexorável entre o reino de Deus, que *não* tem alianças nem pautas políticas, e os reinos deste mundo (que sempre foram fundados com derramamento de sangue). A política de esquerda mostra a mesma cegueira e a mesma sede de poder e controle da política de direita. Se temos a ousadia de nos identificar com o reino de Deus, que supostamente seria uma *alternativa* aos reinos deste mundo, então tudo o que fazemos e as razões por que agimos devem mudar, inclusive tudo aquilo que consideramos dignos da nossa lealdade.

Nenhum governo é instituído ou originado por Deus. Nós é que os construímos. Se quiser saber quais são as raízes do poder político, basta consultar no livro do Gênesis a história de Caim, que assassinou o próprio irmão. Caim virou as costas a Deus e seguiu um destino independente e destrutivo. Ele fundou a primeira cidade, que batizou de Novo Começo (Enoque), o mesmo nome de seu primogênito, e construiu um império. Dali a cinco gerações, Lameque viria a exercer um poder político brutal, que tomava as mulheres como propriedade, chegando a dar às próprias filhas nomes que as reduziam a meros objetos de atração física. A humanidade então se pôs nessa corrida louca, competindo por território e poder a qualquer custo.

Somente um reino que nos transforme a partir de dentro poderá lidar com o medo e o ódio que se exprimem no nacionalismo e no patriotismo.

Todos os estados-nações do planeta existem por causa do derramamento do sangue entre irmãos. Todo ser humano traz a *imago dei*, a imagem de Deus. Em última análise, o que nasce do homicídio não pode ser justificado, por mais hinos e louvores que se escrevam em sua glória.

A única alternativa à insanidade do império político é o reino de Deus. Somente um reino que nos transforme a partir de dentro poderá lidar com o medo e o ódio que se exprimem no nacionalismo e no patriotismo. Estamos com medo. Não precisamos de novos poderes para defender, proteger, dividir e conquistar. Precisamos de cura. Assim, a resistência pacífica se torna o caminho que muda o mundo sem ser assimilado pelos sistemas. Tudo tem um custo. É difícil fazer a diferença num mundo violento partindo de um reino sem fronteiras, altruísta, que se doa. Veja o que nosso compromisso com a ganância autocentrada, a superioridade moralista e o medo territorial já nos custou.

Se algum dia você vir minha ficha de imigração, perceberá que há uma anotação nela. William Paul Young não matará ninguém em nome deste país. Nem em nome de nenhum outro país. As armas são a reação imediata à ameaça, mas o impacto da violência é capaz de devastar gerações. Ainda bem que pertencemos a um reino no qual a violência nunca é uma expressão de lealdade. Se você acha que “dar a outra face” é a saída dos covardes, aposto que é porque nunca experimentou.

“Deus criou a (minha) religião.”

Um homem chega ao famoso Portão do Céu e não sabe o que fazer. *Será que é só entrar?*, pergunta-se. São Pedro, que parece estar sempre de plantão nessas histórias, reconhece o ar de confusão no rosto do homem, se aproxima e lhe pergunta se precisa de ajuda.

– Não sei direito o que devo fazer – começa o homem. – É só entrar?

– Depende – responde Pedro, sorrindo.

– Depende? – O homem fica surpreso. – De quê?

– Depende de quantos pontos você ganhou – diz Pedro.

– Pontos? Preciso de pontos? De quantos pontos preciso?

– Cem.

Cem?, pensa o homem. *Não deve ser difícil, com certeza ganhei cem pontos.* Ele então se vira para Pedro.

– Bom, nos últimos quinze anos fui voluntário nas noites de sábado, distribuindo sopa para os pobres... – diz ele, esperançoso, mais perguntando do que afirmando.

– Que maravilha! – exclama Pedro. – Vou lhe dar um ponto por isso.

– Um ponto?

O homem, chocado, olha para Pedro, que faz que sim com a cabeça, entusiasmado. Naquele momento, o homem percebe que não vai ser fácil.

– Bom... – ele hesita. – Fui pastor durante 35 anos. Fiz tudo o que me pediram. Preguei, casei, aconselhei, sepultei...

Pedro está parecendo sério.

– Ah, não sei...

– Pedro, por favor, foram 35 anos.

Pedro pensa em silêncio um instante e sorri.

– Tudo bem, vou lhe dar um ponto por isso.

Agora o homem sabe que está encrencado. Sua vida inteira se resumia a dois pontos. E ainda faltavam noventa e oito.

Em seguida um movimento atrai seu olhar; no caminho vê um homem que morava na mesma cidade onde ele era pastor. Não o conhecia bem; era o tipo de pessoa que só ia ao culto na Páscoa e no Natal. Ele se lembrava de que o homem era dono ou trabalhava num café no centro da cidade. Sempre lhe parecera uma boa pessoa, mas nunca se envolveu muito com a comunidade religiosa. Para sua surpresa, o homem sorri, acena e, sem hesitar, passa direto pelo Portão do Céu.

– O quê? – exclama ele, virando-se para Pedro. – Vai me dizer que aquele sujeito tem cem pontos?

Pedro ri.

– Ah, não. É que ele não está participando do jogo.

Adoro essa piada, não só porque nos pega de surpresa, mas também porque nos cutuca com a verdade. Muitos de nós tentamos conquistar o afeto e a aprovação de Deus com nosso comportamento – e assim fica parecendo que comportamento e desempenho estão profundamente interligados na maioria das religiões.

Mas Deus não deu início à religião. Pelo contrário, a religião faz parte de toda uma série de coisas que Deus *não originou* mas às quais *se submete* porque nós, seres humanos, as trouxemos à baila. Deus tem a ver com relacionamentos; portanto, qualquer entendimento de igreja ou qualquer comunidade de fé centrada em estruturas, sistemas, divisões e pautas tem sua origem nos seres humanos, não em Deus.

Por definição, “religião” se baseia em *pessoas*, não em *Deus*. Eis parte da definição de religião do dicionário: “crenças e opiniões de pessoas relativas a existência, natureza e culto de uma ou várias deidades [...] sistema institucionalizado ou pessoal de crenças e práticas relativas ao divino”

(Dicionário Encarta).

Os seres humanos criam religiões em torno das coisas importantes para eles e dos temores que os impelem em direção à certeza. Para muitos deles, o cristianismo se tornou uma religião.

A religião faz parte de toda uma série de coisas que Deus não originou mas às quais se submete porque nós, seres humanos, as trouxemos à baila.

Jesus não é o fundador de nenhuma religião. Ele não veio iniciar uma nova religião para competir com a miríade de outras que já existiam. Em vez disso, Jesus se fixou numa família inclusiva de fé, na qual aprendemos a celebrar a presença de Deus (contemplação e ação) e a presença uns dos outros (comunidade).

Agora vou dizer uma coisa: só porque foram seres humanos que inventaram formas organizadas de se fazer as coisas, isso não significa que esses sistemas sejam inerentemente ruins. A religião é um construto, um modo de fazer as coisas que, quase sempre, incorpora elementos benéficos e destrutivos – estes últimos surgem quando a religião se desconecta do relacionamento e do amor. Como todas as instituições e organizações humanas, é comum a religião se tornar um meio de controlar algo ou outros seres humanos, e isso também se aplica à fé cristã.

A palavra *religião* deriva de duas palavras latinas: o prefixo *re*, que significa “de volta” ou “de novo”, e *ligio*, que se refere a “algo que liga uma coisa a outra”. “Religião” é minha tentativa de me ligar outra vez a Deus – um gesto nobre, mas condenado ao fracasso desde o princípio e impossível de realizar. O que começa como um relacionamento com um Jesus vivo em geral evolui para uma religião definida pelo que fazemos: atividades externas, postura, palavras certas, roupas, gestos sagrados, voz baixa.

Esquecemos que Jesus está em nós e que somos convidados a participar em suas sugestões, ideias e pontos de vista, aprendendo a ficar ativamente do lado dele – em oposição ao modo como vemos Deus, nós mesmos, os outros e a criação.

Se olharmos para Jesus, e não para a religião, ficaremos deleitados ao descobrir que, quando a religião perde importância, também perde importância o filtro sagrado/secular através do qual enxergamos o mundo. Perceberemos que ser pai ou mãe, amigo, cavar valas, recolher o lixo, cuidar do jardim, fazer pão, preparar café, salvar as baleias, tirar as ervas daninhas, dar atenção ao próximo e observar pássaros... tudo isso é expressão de participação na vida de Deus.

Voltemos a *A cabana* e a outro trechinho que me deixou numa situação difícil. Jesus está prestes a ir para sua oficina e Mackenzie o detém com uma pergunta:

“– Isso significa que todas as estradas levam a você?

– De jeito nenhum. – Jesus sorriu enquanto estendia a mão para a porta da oficina. – A maioria das estradas não leva a lugar nenhum. O que isso significa é que eu viajarei por qualquer estrada para encontrar vocês.”

Embora para nós a religião possa ser um impedimento, para Deus ela não é. A religião não pode ser um fim em si mesma, sob pena de se tornar despótica e prejudicial, terminando inevitavelmente no tráfico de almas humanas para manter a própria existência. Todas as instituições – políticas, sociais e religiosas – têm de responder a algo ou alguém. Para mim, a medida para julgar qualquer instituição humana, assim como a minha própria vida, é a pessoa de Jesus.

No entanto, em vez de os seres humanos serem guiados por Jesus, é comum serem controlados pelos próprios sistemas e instituições que criaram, muitas vezes desvirtuando as intenções originais de bem e liberdade. Com muita frequência, o que originalmente pretendia promover o bem-estar humano se torna um sistema de encarceramento.

O sistema judaico tinha algumas práticas maravilhosas. Uma delas era o botão de reiniciar, o Ano do Jubileu. A cada cinquenta anos eles apertavam esse botão e tudo voltava à estaca zero: dívidas, obrigações, punições, etc.; o

sistema inteiro deveria reiniciar depois de um ano comemorando a humanidade que todos compartilhamos. Aliás, esse botão de reiniciar foi uma ideia de Deus para o nosso benefício.

Fico pensando: como estaria o planeta se aplicássemos essa experiência judaica a nosso mundo? Além do Ano do Jubileu, os judeus também tinham de dar um Sabá à terra a cada sete anos. De sete em sete anos, deviam passar um ano sem plantar nem colher nada em seus campos, para deixar a terra descansar (veja [Levítico 25](#)). O que aconteceria se, após seis anos, todos nós tirássemos um ano sabático para pensar atentamente sobre o que estamos fazendo e em como aumentar nossa participação para exercermos juntos o domínio compassivo? E se a cada cinquenta anos perdoássemos todas as dívidas de todos os países e indivíduos? Todas as dívidas? Por que não? O jeito como estamos fazendo as coisas hoje em dia não está funcionando muito bem.

E se, em nossa família de fé, nos permitíssemos uma folga para celebrar a presença de Deus e a presença uns dos outros?

“Você precisa ser salvo.”

Um dos muitos empregos que tive no decorrer dos anos era na área de vendas. Embora fosse muito bem-sucedido, eu não gostava. Mesmo quando vendia seguros, eu me concentrava nas linhas comerciais; preferia vender a empresas do que a seres humanos.

O que mais me incomodava nas vendas era tratar os outros como alvos. Qualquer conversa era uma venda em potencial; qualquer contato, uma rede de possíveis clientes. Sim, as vendas fazem o mundo girar, mas o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (veja [1 Timóteo 6:10](#)).

Alguns de meus melhores amigos são excelentes vendedores. São pessoas íntegras que possuem talento para se relacionar, mas a linha que separa a prestação de um serviço da usura é sutil e os deixa profundamente preocupados. Lembra-se daquele convite para uma confraternização na igreja sexta-feira à noite que na verdade era uma sessão de vendas indesejada? Depois da primeira investida no mundo do marketing multinível, alguém se espantaria se ficasse difícil aceitar um simples convite para um café? Pior ainda: se você fosse picado pelo bicho dos esquemas em pirâmide, seria questão de tempo até perder os amigos; mesmo os parentes atravessariam a rua quando o vissem se aproximar.

Tudo se resume à transação, a assinar na linha pontilhada. Pago tanto a você para ter aquilo. Pode ser um carro novo, uma sensação de segurança, sexo ou a entrada no céu.

Como é possível deixar de ver que a má religião não é diferente disso? Como achar que não se trata de um esquema de pirâmide, que lida com as pessoas como se elas fossem alvos?

Talvez você receba um convite de um amigo. Você decide comparecer. Então descrevem um produto. Pode ser Jesus, algum jeito de aliviar a sua solidão ou a promessa de vida após a morte. Depois há uma transação – uma assinatura na linha pontilhada. Em boa parte do cristianismo, é “fazer a oração do pecador”. E agora você está um nível abaixo de alguém e esse alguém vai ganhar uma recompensa por facilitar a sua salvação.

Depois de “assinar”, você é informado das “letrinhas miúdas” do contrato. Proliferam expectativas que ninguém lhe explicou antes: padrões mínimos de desempenho, dedicação de tempo e dinheiro, inúmeras regras. Caso se comporte direitinho e cumpra os objetivos de desempenho, você pode se tornar um gerente regional e, finalmente, chegar ao nível Estrela. Caso contrário... Bom, não queremos falar disso, não é? Tudo bem, já que tocou no assunto... Se não cumprir seu compromisso, correrá o risco de ser atormentado eternamente num lago de fogo... E, se não puser seus entes queridos no mesmo esquema de pirâmide, eles irão com você.

Uau! Por que eu acharia isso ótimo?

Devemos ficar surpresos quando as pessoas saem aos montes das reuniões de vendas? Ou que os jovens expostos excessivamente à lógica de mercado não queiram mais que o relacionamento com Deus seja vendido a eles?

Então, qual é a Boa-Nova? O que é o Evangelho?

A Boa-Nova *não* é que Jesus criou a possibilidade de salvação e você foi convidado a recebê-lo em sua vida. O Evangelho é que Jesus já incluiu você na vida dele, no relacionamento dele com Deus Pai e em Sua unção no Espírito Santo. A Boa-Nova é que Jesus fez isso sem pedir a sua opinião, e o fato de você acreditar ou não em nada altera essa verdade.

O que ou quem me salva? Ou Deus já o fez em Jesus, ou eu mesmo me salvo. Se, de algum modo, participo do ato já concluído de salvação realizado em Jesus, então é o papel que desempenho que realmente me salva. A fé salvadora não é nossa fé, mas a fé de Jesus.

Deus não espera minha escolha e depois “me salva”. Deus agiu de forma decisiva e universal por toda a humanidade. Agora nossa escolha cotidiana é entre crescer e participar *dessa* realidade ou continuar a viver na cegueira de nossa independência.

Deus não espera minha escolha e depois “me salva”. Deus agiu de forma decisiva e universal por toda a humanidade.

Será que estou sugerindo que todos já estamos salvos? Que acredito na salvação universal?

É exatamente isso que estou dizendo!

Essa é mesmo uma boa-nova – que já vem deixando todo mundo de cabelo em pé há séculos. Tanto é que costumamos complicar demais e entender tudo errado. Eis a verdade: todas as pessoas já concebidas estavam incluídas na morte, no sepultamento, na ressurreição e na ascensão de Jesus. Quando Jesus subiu aos céus, Deus “atraiu” para si todos os seres humanos ([João 12:32](#)). Jesus é o Salvador de toda a humanidade, especialmente dos que creem ([1 Timóteo 4:10](#)). Além disso, todos os seres humanos estão em Cristo ([João 1:3](#)) e Cristo está neles; e Cristo está no Pai ([João 14:20](#)). Quando Cristo – o Criador em quem o cosmos foi criado – morreu, todos morremos. Quando Cristo ascendeu, todos nós ascendemos ([2 Coríntios 5](#)). No fim deste livro há uma lista de uma série de passagens das Escrituras, uma *catena*, ligada diretamente a esta discussão. Reserve um tempinho para lê-la.

O contexto da salvação envolve três dimensões. Primeira: antes da criação do mundo, estávamos todos incluídos; estávamos todos salvos na eternidade ([2 Timóteo 1:9](#)). Segunda: estamos todos incluídos no nascimento, na vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus ([2 Coríntios 5:19](#)). Terceira: no contexto de nossa experiência no presente, participamos

ativamente para *pôr em ação* o que Deus *efetou* ([Filipenses 2:12-13](#)). Embora não tenhamos feito nada na realização de nossa salvação (a não ser matar Jesus), nossa participação para *pôr em ação* essa salvação é essencial. Nossas escolhas atuais importam.

Mas não devemos permitir que a verdade cataclísmica, reformadora do cosmos, daquilo que Jesus “terminou” se reduza a transações e vendas. Paulo Apóstolo escreve: “De agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano” ([2 Coríntios 5:16](#)). Não julgamos ninguém pelo modo como está paralisado, alquebrado ou perdido; vemos cada pessoa por quem realmente é – aquela que o Espírito Santo encontra e celebra, aquela em cuja procura Jesus deixa para trás as outras noventa e nove no monte, aquela que o Pai aguarda para dar as boas-vindas em casa. Não oferecemos a ninguém o que já lhe foi dado; simplesmente celebramos a Boa-Nova com cada um: *todos estamos incluídos*.

Recentemente peguei nosso neto recém-nascido no colo e me flagrei pensando na criatividade e no propósito incrível de Deus. Esse pequeno ser não teria chegado a existir sem a participação de dois seres humanos e de Deus trabalhando em conjunto. Durante nove meses a vida de muitos se ajustou como preparação para a sua chegada. A vida dessa criança também estará envolta na participação dos seres humanos. *Pôr em ação* a nossa salvação, que já está totalmente assegurada desde toda a eternidade em Jesus, também é algo participativo. Não participamos da salvação para torná-la verdadeira; participamos *porque* ela é verdadeira.

“Deus não liga para o que eu amo fazer.”

Já lhe perguntaram sobre os seus *hobbies*? Durante muito tempo a pergunta me deixou perdido, porque na verdade não tenho nenhum. Gosto de muitas coisas, mas elas nunca se tornaram o meu foco principal. Talvez eu me distraia com facilidade. Meus amigos têm *hobbies*, como jardinagem, pescaria, golfe, caminhadas, ciclismo, metalurgia, montagem de iscas de pesca, música... mas eu não. Participo de tudo isso com meus amigos, mas em geral não faço qualquer esforço para me dedicar a essas atividades – e com certeza não sozinho.

Recentemente, graças à bondade de alguns amigos, pude surpreender outro amigo meu que ama golfe com uma visita de dois dias ao Augusta National Golf Club, na Geórgia, para assistir aos treinos antes do principal evento do ano. Enquanto caminhávamos, ele me presenteou com muitas histórias. “Este é o buraco 15, onde Gene Sarazen acertou o ‘lançamento conhecido pelo mundo inteiro’, um *double eagle* na última rodada para empatar e forçar um novo jogo, que ele venceu. E foi aqui, no buraco 16, que Tiger Woods deu aquela tacada curta, a bola parada na beirinha do buraco, exibindo com ousadia o símbolo da Nike, antes de sumir sob os aplausos da multidão. E a vitória de Larry Mize com aquela tacadinha no jogo decisivo, e Bubba Watson com um lançamento entre as árvores e em torno da torre de TV e das arquibancadas até o último toque junto ao buraco para vencer. E foi bem aqui, neste buraco 13, que Phil Mickelson lançou a bola a duzentos

metros com o taco 4 e a fez contornar um pinheiro imenso que ficava bem na frente dele e chegar ao *green* a menos de três metros do buraco.”

Durante dois dias caminhamos, observamos e conversamos, e adorei cada minuto. Então percebi: eu tenho um *hobby*, sim. Gosto de embarcar na paixão dos outros e vivenciar a alegria deles. Depois que percebi isso, passei a notar quando acontece na minha vida – com um dos meus filhos que adora física e estatística, outro que se emociona com músicas e filmes, com o neto que desenha, pinta ou dança, com outro que nos apavora com a velocidade absurda de seu velocípede. E também há a Kim, que adora ser mãe e avó e criar espaços acolhedores; e amigos que nos presenteiam com histórias e fotos de seus filhos, seus netos ou seus *hobbies*.

De onde vem tanto prazer?

Alguns anos atrás, meu amigo Baxter embarcou num avião para ir de Atlanta ao estado de Washington. Era sua primeira visita ao litoral noroeste do país e ele escolheu uma poltrona na janela, nos fundos do avião, para tentar avistar as montanhas Rochosas. O avião só estava metade ocupado. Como não havia ninguém a seu lado, ele se acomodou. Então algo estranho aconteceu. O jato, que já se afastara da plataforma de embarque, parou de repente e deu marcha a ré. A porta se abriu para mais um passageiro entrar. Curioso, Baxter olhou para ver quem era essa pessoa tão importante – e o que viu quase o fez rir. O homem parecia Indiana Jones saído diretamente da selva, de chapéu, botas altas de couro, sacola a tiracolo e barba de cinco dias por fazer. O homem passou por todas as poltronas vazias e, sorrindo, sentou-se ao lado de Baxter na última fileira.

Baxter é do Sul dos Estados Unidos, do tipo que pergunta “Como vai a senhora sua mãe?”, e, ao se apresentar, perguntou:

– O que você faz?

– Sou botânico sistemático microevolucionista – respondeu o homem.

– É mesmo? – Baxter fez uma pausa. – Posso perguntar o que é que um botânico sistemático microevolucionário faz?

– Encontro e resgato plantas em perigo de extinção.

Ele explicou que acabara de voltar de uma viagem de cinco dias à América Central. Num pedaço de papel, começou a desenhar plantas,

acrescentando os nomes científicos e detalhando suas propriedades. Fez listas da flora extinta e da que estava em vias de desaparecer. Explicou as propriedades incríveis dessas plantas que ajudariam seres humanos a tratar dores e doenças, e fez observações sobre a busca de sementes.

Depois de uma hora de conversa, ele parou.

– E você, Baxter, o que faz?

– Bom, sou teólogo.

O homem parou.

– Acho que vai querer me falar sobre evolução.

– Não mesmo – respondeu Baxter. – Não me importo muito com isso.

Mas, por favor, me fale mais das plantas.

Normalmente, Baxter não dá a mínima para plantas, mas ele notou que estava envolvido pelo prazer daquele cientista. Mais uma hora de desenhos e histórias se passou antes que Baxter dissesse:

– Tenho uma pergunta a lhe fazer. De onde vem essa sua paixão? Quer dizer, seus pais eram cientistas? Alguma tia era botânica?

O homem fez silêncio por alguns minutos, pensativo, enquanto ponderava a resposta.

– Nunca me perguntaram isso. Não sei de onde vem minha paixão. Ela meio que só...

– Evoluiu? – disseram os dois ao mesmo tempo, e riram.

– Se me permite – interrompeu Baxter –, posso lhe dizer.

– Você pode me dizer de onde vem minha paixão?

Baxter fez que sim. Pegando um pedaço de papel, desenhou três círculos entrelaçados para representar a Trindade.

– Veja, este é o símbolo da Unidade Tripessoal de Deus. Dentro dessa dança divina de relacionamento e movimento, tudo foi criado: todos os seres humanos, todas as plantas, todas as partículas subatômicas, tudo. Deus ama sua criação e ama nossa participação nela. O que é essa paixão que você sente e o faz se preocupar com a criação? São as Três Pessoas de Deus compartilhando com você o coração delas e seu amor pela criação. E, quando você caminha pela selva em busca dessas plantas, você participa da obra de Deus.

O que é essa paixão que você sente e o faz se preocupar com a criação? São as Três Pessoas de Deus compartilhando com você o coração delas e seu amor pela criação.

O homem ficou perplexo.

– Por que nunca me disseram isso?

Exatamente! Nosso amor pelos filhos, familiares e amigos se origina em Deus e é acolhido e envolvido nele. O agricultor que ara o campo participa do amor com Deus quando fornece alimento para celebrar o Pão da Vida. O desejo de conhecer, servir, trabalhar, criar, desenhar, construir, semear, dançar, aprender, chorar, cantar, imaginar, se maravilhar, pescar, orar, jogar golfe... Todos esses desejos são expressões da própria natureza de um Deus que celebra nossa vida e nossa humanidade.

Esse Deus nunca se deixará enclausurar entre quatro paredes e sempre se unirá a nós onde estivermos. Deus nunca nos abandona e não gosta de nos deixar vivendo na iniquidade ou nas mentiras em que acreditamos. Esse é um Deus total e completamente dedicado e engajado, que ama celebrar a nós e a nossas paixões. A alegria, o amor, o pesar, a fúria, a esperança, a curiosidade, o ímpeto em direção à autenticidade e à integridade, o deslumbramento que você sente: tudo isso se origina em Deus.

Que ideia fantástica!

“O inferno é a separação de Deus.”

Cresci em ambientes religiosos impregnados de pavor e da ameaça do eterno tormento consciente. Minha motivação mais profunda para levar uma vida correta não era a realidade do amor nem a confiança na vida de Jesus; era o medo da danação e do fogo do inferno.

O tópico do inferno é imenso e provoca debates acirrados. Há algumas visões básicas do inferno, como 1) danação eterna, 2) aniquilação e 3) uma era de purificação redentora. Se você quiser parar um instante para se aprofundar nessa discussão específica, há um bom lugar para começar: o livro *Her Gates Will Never Be Shut* (Seus portões nunca se fecharão), de Bradley Jersak.

Para muitos, o ponto central e o conflito da questão estão na impossibilidade de apresentar um Deus eternamente bom, cuja própria natureza é o Amor, que, no entanto, permite que os seres humanos sofram tormentos e dores conscientes por um tempo infinito, como se isso de alguma forma fosse justo.

A ideia é tão desalentadora que, para muitos, vira um obstáculo intransponível. Recebo muitos e-mails que dizem: “Estou com um medo terrível de correr o risco e confiar que Deus é bom como você escreveu e depois descobrir que estava errado.” Não lhe parece intuitivamente errado ter um medo desesperador de um Deus torturador e mesmo assim ter esperanças de passar a eternidade com ele?

Em *A cabana*, tentei transferir a conversa sobre o inferno da mente para o coração quando pus Mackenzie, o personagem principal, no centro de um terrível dilema. Na caverna onde Mack encontra Sophia, a Sabedoria de Deus, ela exige que ele fique na posição de Juiz, papel que ele, como todos nós, assume diariamente. Mas Sophia vira a mesa de um jeito inesperado:

“– Você deve escolher dois de seus filhos para passar à eternidade no novo Céu e na nova Terra de Deus, mas apenas dois [...] e três filhos para passar a eternidade no inferno.”

Sophia afasta a realidade dessa questão do debate cerebral e desapegado e a leva aos mais profundos recônditos da alma e do coração: o amor visceral do pai ou da mãe pelos filhos. Ela também expõe a mentira de que Deus não é um Pai amoroso – nem mesmo um pai tão bom quanto nós – e a mentira de que esse amor notável e insensato que temos pelos filhos se origina em nós, não em Deus.

Sophia é incansável e começa a examinar os comportamentos e as atitudes dos filhos de Mack. Ela alega que ele poderá justificar sua escolha e mandar três deles para o inferno. Em seu argumento de mentira, supõe-se que o julgamento se baseie em comportamento e desempenho – e no registro dos seus erros (algo que [1 Coríntios 13](#) afirma enfaticamente que o amor *não* faz).

Levado a um abismo de desespero, Mackenzie finalmente vê que só há um jeito de sair daquela situação, um jeito que qualquer mãe ou pai com um mínimo de saúde escolheria.

“– Eu não posso ir no lugar deles? Se vocês precisam de alguém para torturar por toda a eternidade, eu vou no lugar deles. Pode ser? Eu poderia fazer isso? – Caiu aos pés dela, chorando e implorando. – Por favor, deixe-me ir no lugar dos meus filhos, por favor.”

Como também acho que o tema do inferno é imenso demais para um simples capítulo, quero abordar apenas um elemento significativo da questão: a crença de que o inferno é a separação de Deus, do Amor, da Luz, da Bondade.

Vejamos essa linha simples de raciocínio. Ou o inferno é algo que foi criado, ou não. Se não foi criado, por definição tem de ser Deus – o único

não criado. Nesse sentido, o inferno seria Deus, que é um fogo que consome. Seu destino, portanto, não seria estar separado de Deus, mas diretamente em Deus, que é Amor, Luz, Bondade.

A outra opção é o inferno ser algo criado. Vejamos este trecho: “Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente *nem o futuro*, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, *nem qualquer outra coisa na criação* será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” ([Romanos 8:38-39](#), grifo meu). Essa é uma lista de todas as realidades que *não podem* nos separar do amor de Deus. O que não está na lista – sem esquecer que ela inclui “qualquer outra coisa na criação” e qualquer “futuro”?

Nada. Não há nada fora da lista.

Você é “algo criado”, portanto não tem o poder de se separar do amor de Deus. E o que quer que o inferno seja, se é “algo criado”, não poderá separar você do amor de Deus.

Aquilo em que escolhemos acreditar, mesmo que seja mentira, se torna a nossa experiência.

Não esqueça que dizer que nunca podemos estar *separados* do amor de Deus não é a mesma coisa que dizer que não podemos *rejeitar* ou *ignorar* o amor de Deus. Aquilo em que escolhemos acreditar, mesmo que seja mentira, se torna a nossa experiência. Tenho o poder de escolher viver na cegueira de supor que estou separado de Deus. Posso ter me convencido ou ter sido convencido por outros de que mereço estar separado de Deus. Essas mentiras trazem consigo uma sombra na qual experimento a sensação de separação, um sentimento que parece validar a ilusão de que Deus não está ligado a mim nem num relacionamento comigo – que Deus parou de me amar ou desistiu de mim. Muitos de nós estamos vivendo nessa ilusão *agora*.

Pense comigo: quem fala nesses termos supõe que uma pessoa pode

continuar a existir mesmo estando separada de Deus, como se nossa vida não dependesse da presença de Deus, que é Vida. Será que isso significa que temos uma existência eterna separada de Jesus, do Pai e do Espírito Santo? As Escrituras são enfáticas: não existe nada separado de Jesus e a existência de tudo depende completamente da vida sustentadora de Jesus.

Portanto, se continuarmos seguindo esse pensamento... talvez o inferno seja o inferno não pela ausência de Deus, mas pela *presença* de Deus, a presença contínua e confrontadora do Amor, da Bondade e da Liberdade ardentes que pretendem destruir todo vestígio do mal e das trevas que nos impedem de sermos totalmente livres e totalmente vivos. Esse é um fogo de Amor que agora e para sempre está a nosso favor, não contra nós. Só podemos acreditar que o inferno seja uma forma de punição que sobrevém de nossa separação de Jesus se acreditamos numa existência separada de Jesus. Proponho a possibilidade de o inferno não ser a separação de Jesus, mas a dor de resistir à nossa salvação em Jesus sem sermos capazes de escapar dele, que é o Verdadeiro Amor.

“Deus não é bondoso.”

“Deus é Bom o tempo todo! O tempo todo Deus é Bom!”

Essa é uma saudação comum: “Deus é Bom o tempo todo!” Você vai ouvi-la muitas vezes em encontros de pessoas de fé. Não dizemos isso para transformar declaração em realidade, tentando nos convencer de que Deus é digno de nossa confiança. Em vez disso, lembramos uns aos outros que, apesar de todas as circunstâncias, dos desafios e das perdas, essa é a verdade. Dizemos isso para contra-atacar a mentira que constantemente sussurra em nosso ouvido que Deus não é bondoso. Mas mesmo assim essa mentira consegue se esgueirar e acabamos questionando a bondade de Deus. Sobretudo diante de perdas e tragédias, corremos o risco de começar a acreditar que Deus não é bondoso.

Recentemente uma mulher me mandou um e-mail. Ela é um ser humano incrível, uma pessoa que vive na agonia constante da dor física crônica, que suporta há anos. Já está exausta da guerra dentro do próprio corpo. Ela não sofre em consequência de seus pecados ou defeitos pessoais. Ela simplesmente sofre. E, além de travar uma batalha dentro do próprio corpo, minha amiga também tem um filho que sofre com dores crônicas. Ela, como se não bastasse, suportou a perda e a tristeza de relacionamentos que se desintegraram devido a todas essas dificuldades. Há momentos em que viver neste mundo não é bonito, justo nem bom.

*Ela não sofre em consequência de seus pecados
ou defeitos pessoais. Ela simplesmente sofre.*

E está muito zangada com alguns escritores cristãos. “Acabei *odiando* ler autores cristãos porque ou escrevem a partir de um conhecimento intelectual, ou a partir do outro lado do sofrimento.” Então ela me perguntou: “Os seus livros seriam diferentes se tivessem sido escritos em meio a uma dor crescente e debilitante que torna difícil até ver e sentir? Só quero saber isto: se você estivesse com dor neste momento, se sentiria do mesmo jeito? Escreveria a mesma coisa? Por que estou aqui, aos prantos?”

Boas perguntas. Perguntas que me convidaram a parar e escutar. Volte um pouco, se quiser, e releia o que ela disse. Permita-se sentir no lugar dela – se não possuir suas próprias perdas. Lamentar é estar presente.

Sim, Deus é capaz de curar instantânea e completamente, mas até mesmo levantar os mortos não passa de um botão de pausa, um adiamento temporário do evento da morte. Pergunte a Lázaro. Mas a cura física milagrosa e instantânea parece ser a exceção, não a regra. Para cada pessoa que se levanta e testemunha o poder maravilhoso da cura milagrosa de Deus, há outras dez que se perguntam: por que não eu? Por que não preencheram os requisitos? O que há de tão indigno nelas para terem sido deixadas de lado? Para cada livramento milagroso, a mão visível de Deus, há muitos que choram no travesseiro porque um filho, cônjuge, pai, mãe ou amigo não foi salvo e não sobreviveu.

Nenhum de nós está imune ao sofrimento. Afirmo isso como uma observação, não para fazer pouco da dor de minha amiga nem da de ninguém, de jeito nenhum. Vivemos num mundo repleto de perdas – sejam elas consequências dos pecados nossos e dos outros, sejam resultados naturais de viver num mundo imperfeito. Sabemos disso em termos intelectuais e, quando nos permitimos, podemos senti-lo.

Tratei desse tema em meu livro *Eva*.

– Por que... por que Deus não me protegeu?

Eva deixou que a pergunta pairasse no ar. Aquela mesma pergunta era feita por um bilhão de outras vozes, em sepulturas, mesquitas, igrejas, escritórios, celas de prisão e becos escuros. Atrás dela, um rastro de fé abalada e corações destruídos. Aquela pergunta clamava por justiça e implorava por milagres que nunca vieram.

Tentei abordar essa questão pela primeira vez em *A cabana*. Na versão para o cinema, há uma cena na primeira manhã após Mackenzie voltar à cabana. A noite foi repleta de pesadelos e na manhã seguinte ele surge na varanda com um ar desorientado e cheio de fúria controlada. Papai já preparou o café da manhã e o espera. Ele se senta, mas não toca a comida enquanto ela fala.

Por fim, ela se vira para ele e diz:

“– Sabe, Mackenzie, o erro por trás de seu pensamento é que você não acredita que eu sou bom, e até que isso aconteça nunca vai confiar em mim.

Ele esbraveja em resposta:

– Por que eu iria confiar em você? Minha filha está morta!”

Eis como respondi ao e-mail de minha amiga:

A resposta: “é claro” que meus livros seriam diferentes. Mas saber quão diferentes dependeria de quando e onde você me alcançaria em minha própria jornada [...] Há situações em que meu personagem poderia terminar numa instituição psiquiátrica ou cometendo suicídio. Uma ou outra manhã, minha escrita poderia ter vislumbres de esperança, mas à noite refletiria o abismo do desespero.

*Embora eu seja capaz de voltar a esses momentos e ocasiões, esses não são um lugar que tenha durado para sempre nem onde eu queira residir. No fim de *A cabana*, Mack ainda tem um monte de coisas para resolver e Missy continua assassinada. Tony está morto no final de *A travessia*. E Lilly? No desfecho do romance *Eva*, seu processo de cura na verdade está apenas começando. Mas é a esperança que continua*

sendo o enquadramento.

Porém você levantou uma boa questão, sobre a qual terei que refletir quando for pensar no trabalho que ainda tenho pela frente. Se eu sentisse essa dor e se ainda fosse capaz de escrever, acredito realmente que escreveria essa dor. Penso que sua raiva de escritores “cristãos” em geral é justificada. Com demasiada frequência, tudo se resolve e dá certo no fim da história. Nossa vida com certeza não é assim. Mas este mundo não é tudo o que existe e a morte não é solução nem definição de nada.

Portanto, vivo neste mundo, com uma filha que lutou contra um tumor no cérebro durante quase dez anos, outra que luta para deixar para trás um relacionamento prejudicial de três anos, um filho e uma nora que estão se recuperando da perda de um bebê com a gestação já avançada, outro que ainda está tentando lidar com a morte súbita do melhor amigo... e por aí vai. Talvez fiquemos incapacitados quando estamos perdidos no meio da tristeza e da dor, a ponto de esquecermos que fomos criados para voar.

Mas a dor também tem seu jeito de deixar tudo nítido e real e valida suas perguntas. Fico muito triste por todas as suas perdas. Não entendo o mistério do que significa eu e você, como participantes deste mundo imperfeito, estarmos “completando o que resta das aflições de Cristo” [veja [Colossenses 1:24](#)]. Mas acredito que nossa presença e participação no sofrimento traga significado e a possibilidade de redenção, mesmo que apenas dentro de nós.

Seu choro é a proclamação das lágrimas contra as perdas da nossa humanidade. Se eu pudesse, daria um jeito nele. Abraços delicados num dia difícilimo!

A existência do mal é uma questão dolorosa, mas a maior questão filosófica/teológica é por que algum Bem sequer existe. Deus, que sozinho é a fonte do Bem, é a Luz na qual não há trevas. Se Deus não é Bom o tempo todo, então a confiança é uma ilusão e estamos verdadeiramente sozinhos num mundo de sofrimento. Nossas dores e perdas podem nos cegar para o

Bem que nos cerca – a graça que constantemente se derrama e a vida e a luz que afastam a ilusão das trevas. Mesmo em meio a tragédias esmagadoras, com suas perguntas impossíveis de responder e as perdas que parecem nos arrebatam, há uma rocha sólida, um lugar onde ficar, um acordo profundo e uma potente declaração de confiança que podemos fazer, mesmo que pareça pequena demais:

“Deus é Bom o tempo todo! O tempo todo Deus é Bom!”

“A Cruz foi ideia de Deus.”

As crianças têm uma capacidade maravilhosa de fazer perguntas reveladoras, principalmente porque a visão de mundo delas ainda não se endureceu com suposições inflexíveis. Assim elas perguntam para saber, não para mostrar quão inteligentes são.

Quando nosso filho e nossa nora estavam em Uganda passando pelo processo de adotar e trazer Maisy para casa, seus outros filhos (nossos netos) ficaram conosco. A mais velha dos três tinha 5 anos na época e, certo dia, quando estávamos no carro da vovó, ela fez uma pergunta:

- Ei, vô, depois de ficar aqui algum tempo, Maisy vai ficar branca?
- Não.
- O quê? – exclamou ela. – Quer dizer que ela vai ser negra para sempre?
- Ahã – respondi.

Houve um silêncio no banco de trás enquanto a nova informação era processada.

– Ótimo! – afirmou ela finalmente. – Esta família precisa mesmo de mais bebês negros.

Simple assim. Maisy vinha para tornar nossa família mais rica e maravilhosa. Essa conversa toda havia começado com uma pergunta reveladora, uma pergunta que, só por ser feita, já bastou para questionar suposições adormecidas e abrir possibilidades que, sem ela, continuariam em silêncio.

Eis aqui outra pergunta desafiadora: quem deu origem à Cruz?

Agora estamos falando dos acontecimentos mais profundos e de maior alcance na história da humanidade (em minha opinião): a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus. Sem essa sequência de eventos, a fé relacionada a Jesus seria apenas uma fantasia agradável. Mas, mais especificamente, quero falar da Cruz, o instrumento de tortura que assassinou o homem que afirmava ser Deus.

Sejamos inequivocamente claros: não há *nada* de bom numa cruz. Ela foi projetada como um instrumento de tortura para infligir a humilhação e a violência mais profundas. Seu único propósito era manter um ser humano vivo o máximo de tempo possível com o máximo de dor possível, até seu próprio alento (espírito) ser violentamente arrancado de seu corpo pela sufocação lancinante. Ao fim quebravam as pernas do condenado para apressar o processo e para os carrascos poderem ir para casa jantar com a família.

Quem deu origem à Cruz?

Se foi Deus, então cultuamos um agressor cósmico que, em sua Divina Sabedoria, criou uma forma de torturar seres humanos da maneira mais dolorosa e abominável possível. Falando francamente: em geral, é esse deus cruel e monstruoso que os ateus se recusam a reconhecer ou conferir qualquer tipo de credibilidade. E com razão. Melhor deus nenhum do que esse aí.

A alternativa é a Cruz ter se originado em nós, seres humanos. Esse instrumento perverso é a manifestação icônica de nosso compromisso cego com as trevas. É a nossa suprema profanação da bondade e da intenção amorosa divina de criar, uma intenção focada na criação humana. É o supremo punho erguido contra Deus.

E como Deus reagiu a essa profunda iniquidade?

Deus se submeteu a ela. Por vontade própria, ele subiu em nosso instrumento de tortura e nos encontrou no lugar mais profundo e escuro da prisão diabólica de nossas mentiras; ao se submeter de uma vez por todas, Deus destruiu o poder da Cruz. Jesus é o melhor de Deus, oferecido de boa vontade e em oposição ao que há de pior em nós, a Cruz.

Jesus é o melhor de Deus, oferecido de boa vontade e em oposição ao que há de pior em nós, a Cruz.

Quando Deus se submeteu? Não só em Jesus encarnado, mas também antes da criação do mundo, de acordo com as Escrituras ([Apocalipse 13:8](#)). Ao dar início à criação, Deus sabia o preço que teria que pagar. Que os próprios filhos – sua mais elevada criação – um dia fariam a tentativa final de matar a Vida.

E como nós, religiosos, interpretaríamos esse sacrifício? Declararíamos que foi Deus quem matou Jesus, abatendo-o como forma necessária de apaziguar sua necessidade sangrenta de justiça. Isaías (no [capítulo 53](#)) profetizou o seguinte: “Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças, contudo nós o consideramos castigado por Deus, por ele atingido e afligido [...] e o Senhor fez cair sobre ele [encontrá-lo/abraçá-lo; *paga* em hebraico] a iniquidade de todos nós.”

Cometi pelo menos um erro importante em *A cabana*. A maioria das pessoas não notou o pequeno detalhe, mas, com o passar dos anos, tenho cada vez mais certeza de que foi realmente um erro. Se os roteiristas tivessem colocado essa cena no filme, eu teria pedido que a alterassem.

Mackenzie, o personagem principal, retornou à cabana, um barraco semidestruído numa região desabitada. É o possível local da morte da filha e o foco de sua Grande Tristeza. Ele vai até lá enfrentar o assassino ou o Deus de sua tradição cristã, que permaneceu distante e inatingível, deixando de proteger aquela que ele amava tão profundamente. O Deus de suas suposições não aparece e Mack, furioso, destrói o lugar até sentir que não tem mais forças. Ele grita seu ódio a Deus e diz que está acabado.

Quando sai para voltar para casa, uma transformação acontece, não dentro dele, mas em sua capacidade de ver. A cabana da tragédia parece ter sido reformada e virou um lugar habitável; ele ouve sons de risadas lá dentro

e, hesitante, se aproxima do local de sua desolação. Quando levanta o punho de novo – dessa vez para bater –, a porta se escancara e ele fica frente a frente com três pessoas que não conhece.

Mais tarde, quando torna a entrar na cabana, Mackenzie olha o lugar onde deveria estar a mancha de sangue da filha e ela sumiu.

Erro!

A mancha ainda deveria estar lá. Mesmo quando elaboramos nossa Grande Tristeza, nossas perdas e traições, os indícios do que fizemos ou do que nos foi feito não desaparecem. Em vez disso, eles se tornam parte de nós. E, embora nunca se justifique, o mal é redimido e resgatado de sua intenção, transformando-se assim numa afirmação de verdadeira justiça.

Este é Jesus. É Deus que se submete a nosso instrumento de tortura e o transforma num símbolo e monumento de graça tão precioso para nós que o usamos em anéis e colares. Esse aparelho de tortura declara que não há nada que eu possa trazer que seja tão mau ou imperfeito que Deus não permaneça comigo. Não há nada tão morto que Deus seja incapaz de cultivar ali algo vivo. A Cruz, que já foi nossa maior tentativa de destruir a Vida, se tornou nosso símbolo mais precioso do Deus que é esperança para todos nós.

“Aquilo foi mera coincidência.”

Até serem ensinadas do contrário, as crianças acreditam que podem falar a língua de Deus. Não são deterministas entre a cruz e a espada do destino evolutivo nem acreditam no carma religioso; em vez disso, participam da dança livre do mistério, da aventura e dos relacionamentos. Intuitivamente, conhecem a linguagem do deleite. Se parassem e escutassem, os adultos poderiam ser reapresentados ao mundo das maravilhas através dos gritos de espanto e surpresa que saem com tanta facilidade da boca das crianças para qualquer um que esteja disposto a ser contaminado.

Aqueles de nós que deixaram a infantilidade para trás para se tornarem adultos podem ter perdido a arte da linguagem das crianças – que mal é lembrada, quando não totalmente bloqueada. Mas Deus nos convida a nos tornarmos crianças outra vez, pois, assim, começaremos a ver as maravilhas do mundo que nos cercam: o reino de Deus. É como a dádiva de chegar a um mundo estrangeiro, a uma cultura desconhecida, quando nossa primeira tarefa é aprender o idioma. Se não aprender, não espere que as pessoas de lá compreendam o que vocês estão tentando comunicar.

Deus nunca perdeu a capacidade de falar “criancês”. No livro *Ortodoxia*, G. K. Chesterton escreve:

Por terem abundante vitalidade, por serem em espírito livres e bravias, as crianças querem coisas repetidas e imutáveis. Elas sempre

dizem “De novo!”; e o adulto faz de novo até quase morrer. Pois os adultos não têm força suficiente para exultar na monotonia. Mas talvez Deus tenha força suficiente para exultar na monotonia. É possível que Deus diga todas as manhãs “De novo!” para o Sol; e todas as noites, “De novo!” para a Lua. Pode não ser a necessidade automática que faz com que todas as margaridas pareçam iguais; pode ser que Deus faça cada margarida separadamente, mas nunca se canse de fazê-las. Pode ser que ele tenha o apetite eterno da infância; pois pecamos e envelhecemos, e nosso Pai é mais jovem do que nós.

A infância foi uma ideia de Deus, e a linguagem das crianças é simples deleite e confiança, diversão e surpresa, consolo e ternura. É a linguagem do inexplicável e da coincidência, em que o significado é encontrado na confluência das diversas partes da vida que se fundem para se transformar numa nova surpresa. À medida que vamos nos tornando adultos, Deus não deixa de falar “criancês” conosco, porque essa continua a ser nossa língua nativa, embora às vezes esqueçamos as palavras e percamos o contato com a alegria de seu arrebatamento. Talvez uma das razões para nós, adultos, gostarmos de assistir a desenhos animados com nossos filhos é o fato de eles nos lembrarem de quem somos.

Deus é um especialista em linguagem. Na verdade, o cosmos inteiro foi criado a partir de uma única Palavra. Porém, em vez de exigir que entendamos sua língua, Deus vem a nós e fala a nossa. De modo ainda mais específico, Deus fala a *sua*. Você tem um idioma só seu, pensamentos e palavras que o fazem sorrir por dentro e gargalhar quando ninguém está por perto, ou sentir e sofrer mesmo quando os que estão em volta não sofrem. Às vezes acho que todos esperamos Deus falar conosco numa língua que pertence a alguma outra pessoa e acabamos descartando a possibilidade de ele saber falar a nossa, que é tão comum, tão ordinária, tão usual que a trivializamos. Mas por que Deus, que vem nos falar a vida, não falaria em nosso próprio idioma?

A coincidência com certeza é parte da linguagem infantil. Quando nossos filhos eram pequenos, nós e algumas outras famílias éramos visitados

por *leprechauns* e, na semana anterior ao Dia de São Patrício, em que se comemoram a Irlanda e seus duendes, esses pequenos traquinas faziam travessuras de todo tipo e aprontavam aventuras divertidas: instalavam armadilhas, deixavam o leite verde, amarravam os cadarços dos sapatos e criavam uma bagunça sem fim de guloseimas e caças ao tesouro antes de voltarem à sua Irlanda natal. Parte do fascínio era que as crianças começavam a encontrar conexões entre acontecimentos que os adultos não haviam orquestrado.

Acredito que Deus, que é Bom o tempo todo, está envolvido com os detalhes da nossa vida, falando à criança que ainda está viva dentro de nós, embora às vezes profundamente adormecida. Acredito que estamos cercados pela linguagem da coincidência, geralmente tão sutil que seria preciso estar presente e prestando atenção para notá-la e ouvi-la, mas cuja origem outras vezes é praticamente inegável.

Um de meus mantras é: “A coincidência tem nome!” Não há encontros por acaso; em geral os desvios são destinos intencionais que simplesmente *não* estavam em nossos planos. Parte de nossa participação no fluxo da criatividade redentora do Espírito é estar presentes o suficiente para prestar atenção na glória e no humor bondoso à nossa volta, mesmo em meio a profunda perda e agonia.

*Esteja presente o suficiente para prestar atenção
na glória e no humor bondoso à nossa volta.*

Recentemente participei de uma noite de autógrafos num shopping de Johannesburgo, na África do Sul, e conheci Susanna. O gerente havia me falado dela e dos muitos exemplares de *A cabana* que comprara para seus alunos do nono ano. Alguns vinham de regiões problemáticas do município de Soweto. Susanna é um exemplo de força – uma moça de 20 e poucos anos com uma determinação carinhosa e compassiva e uma luz que emanava de

seus olhos e palavras enquanto compartilhávamos tempo e abraços.

Ela me pediu que autografasse e escrevesse um bilhete em duas folhas de papel para duas alunas suas – uma tentara o suicídio dias antes e a outra presenciara o suicídio de outra garota, sua melhor amiga. Depois assinei uma terceira folha para toda a turma do nono ano. Uma das alunas de Susanna vira o irmão ser morto nas ruas. Todos estavam se esforçando muito para juntar os caquinhos de seu amor-próprio, dilacerado pela guerra e desintegrado pela violência sofrida e pelas circunstâncias esmagadoras.

Havia chegado a hora de eu falar no evento, que reunira algumas pessoas. Mais cedo tinham me avisado que eu faria uma leitura de *Eva*, o romance que eu estava divulgando na África do Sul. Nos últimos nove anos de palestras e noites de autógrafos, só me pediram para ler meus textos umas duas ou três vezes. Não é algo que eu costume fazer. Pedi emprestado o exemplar de Anje, minha assessora de imprensa, e dei uma olhada rápida nas páginas no trem. Marquei duas passagens e, naquela noite, escolhi a segunda, uma conversa entre Lilly, uma menina de 15 anos arrasada, e Eva, a mãe de toda a Criação.

É um trecho difícil, mas todos os que já passaram por perdas e tragédias são capazes de entendê-lo. Em sua essência havia uma pergunta simples, mas profunda: “Por que Deus não me protegeu?”

Enquanto lia, comecei a sentir vontade de chorar, a emoção inesperada chegando à superfície. As pausas entre as frases eram testemunhas do esforço que eu estava fazendo para manter a compostura. Fico sempre curioso quando isso acontece. Nunca sei o que provoca essas reações em mim – os invisíveis de dentro ou de fora. Foi uma leitura curta e logo fechei o livro.

Então passei a hora seguinte respondendo a perguntas e, depois disso, mais uma hora autografando livros. Susanna esperou. Quando finalmente nos sentamos, ela abriu um exemplar de *Eva* na parte que li. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– É impressionante – disse ela enquanto olhava as páginas abertas entre nós – que você tenha escolhido esse trecho. Do livro inteiro, você escolheu isso.

Esperei.

– Algumas semanas atrás uma de minhas meninas conseguiu se matar. Desde então, tem sido um efeito dominó e mais seis meninas tentaram fazer o mesmo, inclusive a garota para quem você escreveu o bilhete e a outra, que viu a melhor amiga se suicidar. O método: elas pularam de um prédio.

Eu já estava chorando e não havia palavras, a não ser aquelas ditas pelas lágrimas e pelos abraços. O trecho que escolhi aleatoriamente, por acaso, por coincidência, por capricho ou qualquer outro nome que usamos para nos distanciar da atividade sempre presente do Espírito, continha essas palavras de Lilly:

– Sinto que estou subindo uma montanha que não tem topo. Mal consigo me agarrar às rochas da encosta. Estou com medo e todos esperam que eu consiga terminar a escalada. Se eu não conseguir, tudo o que há de errado no mundo se torna culpa minha.

Lilly enterrou o rosto no pescoço da mulher e sussurrou:

– E se eu não aguentar mais e cair? E se eu pular? Deus vai amparar a minha queda?

– Vai. Mas você vai sentir como se tivesse atingido o chão.

Cercados como estamos do ordinário e do extraordinário, do mundano e do inusitado, do que tantas vezes parece ser aleatório e sem propósito, estou pessoalmente convencido de que nada está separado da presença e da atividade constante de Deus. Acredito que a *coincidência* tem um Nome.

“Deus exige o sacrifício de crianças.”

Vivemos num mundo no qual, infelizmente, o sacrifício de crianças não é algo raro.

Alguns meses atrás, fui convidado para uma reunião de homens e mulheres que representavam décadas de missões. Quando crianças, tínhamos sido enviados para internatos porque nossos pais estavam disseminando o Evangelho. Crescer dessa maneira foi ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição para cada um de nós; todos conhecíamos a alegria de ser exposto a diversas culturas, mas muitas vezes essa alegria estava entrelaçada com grandes perdas por causa da separação da família. Quase todos tínhamos sido mandados para o internato aos 6 anos. Agora isso me parece algo inimaginável, mas para nós, na época, era a expectativa e a norma. Esse sacrifício fazia parte de nosso dever para que outros ficassem sabendo de Jesus. Alguns presentes à reunião, todos eles preciosos, estavam tão profundamente feridos que simplesmente não suportavam as referências verbais a Jesus ou Deus. Eles se levantavam e iam embora. Era doloroso demais.

As crianças missionárias, ou de terceira cultura, crescem numa cultura diferente da dos pais. É comum sermos tirados de nosso mundo infantil e depositados na cultura nativa dos pais – um lugar novo e completamente desconhecido, com costumes e idiomas diferentes a aprender e aos quais se adaptar. Depois, retornávamos aos “campos de missão” que tinham sido

nosso primeiro lar e descobríamos a tristeza de, na verdade, não pertencermos mais a lugar nenhum.

Cresci nas terras altas da Papua Ocidental, que cobrem a metade oeste da ilha da Nova Guiné, que fica logo ao norte da Austrália. Antigamente a Papua Ocidental se chamava Irian Jaya e, antes disso, Nova Guiné Holandesa. Meus pais, com um filho de 1 ano (eu), eram missionários canadenses pioneiros nas “partes mais distantes do mundo”.

As missões cristãs têm um passado de altos e baixos: elas cumpriram objetivos incrivelmente importantes e valiosos, mas também foram fonte inegável de sofrimento. Com frequência, foram uma espada de dois gumes, e o que mais feriram foi a vida dos filhos dos próprios missionários, muitas vezes sacrificados no altar da disseminação da Boa-Nova do Evangelho de Jesus. Os bons fins da salvação justificavam os meios e a presença de crianças costumava ser considerada um impedimento à missão; suas perdas eram o custo necessário do “bem maior”.

Na reunião, éramos cerca de cinquenta pessoas sentadas em círculo quando fiz a pergunta: “Quantos de nós sofreram e foram punidos e humilhados por fazer xixi na cama?” Pelo menos um terço levantou a mão, alguns com mais de 60 ou 70 anos. Trocamos histórias de vergonha e constrangimento, muitas vezes recebidas por risos nervosos que mal seguravam as lágrimas. Esse é apenas um dos custos de ser um sacrifício vivo.

Alguns anos atrás, nosso filho e nossa nora começaram o árduo processo de adotar uma menininha (Jael O.) de Uganda. Há crenças brutais em várias partes do mundo. Nessa cultura, é dito que quem engravida a própria filha a protege de maus espíritos e que quem faz sexo com a própria filha se protege da aids. Esse é um exemplo de que boas intenções não servem para nada. É errado e abusivo. Jael O. é filha do incesto, a mãe e a tia engravidadas pelo pai delas. A tia morreu no parto com 13 anos, mas a mãe, de 15, sobreviveu a seu nascimento. Jael não era desejada, uma criança jogada fora e resgatada das ruas quando bebê por uma mulher bondosa. Ela tinha 1 ano e meio quando nossos filhos entraram em sua vida, cruzando o oceano para buscá-la depois de um ano de papelada e preparativos. Os obstáculos jurídicos

eram substanciais e foram necessários dois meses no país até que ela recebesse a permissão de partir com os pais adotivos.

Durante essas oito semanas, seis menininhos sumiram num raio de um quilômetro e meio de onde Jael morava. Dois voltaram a aparecer nas ruas, mas supõe-se que os outros quatro tenham morrido. Por oitenta dólares é possível pagar alguém para sequestrar uma criança que será assassinada e sacrificada aos espíritos do lugar. Partes do corpo dela serão cortadas e enterradas nos cantos de novos edifícios e empresas como forma de proteção contra o fracasso financeiro. Os dois meninos que sobreviveram tinham sido circuncidados e, portanto, só podemos supor que estivessem “manchados” demais para serem úteis.

Se sacrificamos nossos filhos nos altares da religião, do estado-nação, do avanço na carreira, da segurança no emprego, do ganho financeiro ou do progresso científico, deveríamos nos surpreender que tentemos justificar nossas ações ao “vê-las” no próprio caráter de Deus? Se Deus acha bom...

Uma das narrativas sobre Deus é que, devido ao pecado, ele exigiu o sacrifício de crianças para apaziguar sua indignação justa e a fúria da santidade – sendo Jesus o supremo sacrifício de um filho. Bom, se Deus é assim, então faz sentido seguirmos seus passos, não é? Mas sabemos intuitivamente que esse é um pensamento errado, muito errado.

E aí está um dos impactos mais prejudiciais da religião (ou do patriotismo, do nacionalismo, etc.). Ela tem o poder de justificar as ações atribuindo-as aos propósitos e à vontade de Deus. As próprias Escrituras se tornam não apenas a narrativa de más escolhas – na melhor das hipóteses –, mas também uma história de agressões horrendas.

*A religião tem o poder de justificar as ações
atribuindo-as aos propósitos e à vontade de
Deus.*

A declaração inegavelmente manifesta das Escrituras Hebraicas é que Deus detesta o sacrifício de crianças e se opõe a ele em todas as suas formas. Mas uma das histórias que *parecem* justificá-lo é a de Abraão e do quase sacrifício de seu filho Isaque. O contexto mais amplo é a série de atitudes equivocadas de Abraão, com as quais ele tenta ajudar Deus a sair de um problema atrás do outro. E, toda vez que ele “ajuda”, o resultado é um desastre, e a cada infortúnio Deus se submete às escolhas de Abraão, criativamente se esforçando para construir algo bom com os escombros. Abraão já expulsou Ismael de casa, o que muito desagradou a Deus e ao próprio Abraão, mas então Deus pede a ele que expulse Isaque também, permanentemente. Abraão fica arrasado. Sem mais discutir, como fez em relação ao sobrinho Ló, sem mentiras como no caso do rei Abimeleque, sem inventar as próprias provisões como resposta ao impossível. Parecia que esse Deus não seria muito diferente de todos os outros, afinal de contas.

A única religião que Abraão conheceu em Ur era o apaziguamento; na verdade, naquela época todos os deuses do planeta exigiam sacrifícios para pagar pelo mau desempenho das pessoas ou para fazer a mão da divindade agir para o bem de alguém. Quer você vivesse na África, nas Américas do Sul ou Central, na Ásia ou no Oriente Médio, todos os deuses eram deidades de apaziguamento e a religião era um sistema de controle pela magia dos sacrifícios. A mitologia do poder pelo desempenho arrasou a humanidade desde o princípio.

Leia de novo a história de Abraão e Isaque (Gênesis, [capítulo 22](#)). Não é uma história sobre um Deus que exige sacrifício de crianças, muito pelo contrário. A questão da história é que Deus vai entrar em nossas trevas e falar a nossa língua para revelar algo que não sabíamos: que esse Deus *não* exige o sacrifício de crianças. Abraão “deu àquele lugar o nome de ‘O Senhor proverá’. Por isso até hoje se diz: ‘No monte do Senhor se proverá’” ([Gênesis 22:14](#)). Portanto, se nós, a raça humana, exigirmos um sacrifício, Deus proverá a si mesmo.

O nome de nossa neta Jael é forte e significa aquele que ascende (íbex, a cabra das montanhas). Nosso filho e nossa nora deram à menininha um novo primeiro nome e Jael se tornou seu nome do meio. Como num eco de

Isaque, o filho prometido, nós a chamamos de Maisy, que significa “filho desejado”!

“Deus é um Papai Noel divino.”

Às vezes é preciso uma crise ou uma bifurcação na estrada para chegarmos ao lugar onde somos capazes de abandonar nossa compreensão antiga e defeituosa da realidade e abraçar outra, melhor e mais verdadeira.

O escritor e palestrante Brian McLaren afirmou certa vez algo mais ou menos assim: “Todo movimento autêntico em direção a Deus tem de passar pelo ateísmo.” Acho que ele quis dizer que, à medida que avançamos em nossa jornada e no relacionamento com Deus, vamos descobrindo que Deus não é quem pensávamos. Talvez tenhamos de negar as ideias equivocadas e defeituosas que antes cultivávamos para nos abrir ao Deus que estamos crescendo para conhecer.

Com o passar dos anos, encontrei algumas pessoas que tinham dificuldade de abandonar a imagem infantil do Papai Noel. Não que ainda acreditassem que ele existe, é claro que não; mas elas acabaram projetando sua concepção de Papai Noel no pensamento sobre Deus. Vou explicar.

Todos temos visões equivocadas e muitas vezes incoerentes de Deus, e a imagem de Papai Noel nos ajudará a examinar algumas. Acho que há dois modos básicos de ver Deus como Papai Noel: como o Deus Noel Bonzinho ou como o Deus Noel Malvado.

O Deus Noel Bonzinho é maravilhoso, cheio de surpresas e alegria infantil; esconde dádivas e aprecia nossa expectativa quando se aproxima o dia em que finalmente abriremos os presentes. Mas mesmo ao celebrar esse

Deus Noel Bonzinho há certo desconforto.

Na década de 1930 escreveram uma canção de Natal com um refrão animado e alegre que, sem querer, desmascarava a razão por trás dessa angústia.

*He knows if you've been bad or good,
So be good for goodness' sake!*

[Ele sabe se você foi malvado ou bonzinho, / Portanto, seja bonzinho, pelo amor de Deus!]

É uma ameaça. De recompensa ou condenação pelo comportamento. Você não pode se esconder do Deus Noel. Até chorar é considerado mau desempenho, portanto é melhor não. Cuidado! Segundo a letra, Deus Noel tem uma lista, mantém um registro dos nossos erros e até confere duas vezes para ver quem está “dentro” e quem está “fora”. O Deus Noel observa todos os seus movimentos, mesmo enquanto você dorme. O Deus Noel sabe quando você foi malvado ou bonzinho, portanto seja bom... Por quê? A verdadeira razão é que você receberá a recompensa pelo desempenho apropriado e será considerado bonzinho, em oposição à criança má, que não ganhará nada este ano. Outra dessas sugestões subliminares é que os pobres, que nada têm, são malvados.

A reação que vou provocar em Deus Noel depende totalmente do meu desempenho. Pior: se eu enfrentar sofrimento e coisas ruins acontecerem na minha vida, já sabemos de quem é a culpa. Minha. Por quê? Porque devo ter sido malvado.

Para muitos de nós, o Deus Noel Bonzinho é representado por Jesus: acessível, afável, um amigo sempre preocupado com nosso bem. O Deus Noel Malvado é como imaginamos as trevas atrás de Jesus: Deus Pai. É Deus Pai que exige um desempenho perfeito e um comportamento moral. Se nos comportarmos direito, com decoro justo e santo, acabaremos recompensados na Grande Festa de Natal no céu. Caso contrário, se você foi

malvado, pois é... será muito pior do que não ganhar presentes.

*Deus Pai não é um tipo de Pessoa diferente de
Jesus, o Filho.*

Deus não enfrenta nenhum transtorno dissociativo de identidade. Deus Pai não é um tipo de Pessoa diferente de Jesus, o Filho. Deus não é Papai Noel. O Deus Noel é uma projeção de nossas feridas e vergonhas sobre a face de Deus, assim como nosso desejo de que Deus seja o cumprimento da esperança e da ânsia profunda que naturalmente residem no coração da criança.

Muitos de nós fomos criados com noções infantis de Deus, às vezes plantadas no jardim de nossa alma por pessoas que tinham a melhor das intenções. Mas essas ideias se enraizaram e se tornaram suposições que continuam a envolver nossos corações e mentes sem serem questionadas. Não se surpreenda quando o Espírito Santo começar a remexer seu jardim e desenterrar coisas que você, por muito tempo, considerou preciosas.

Há uma cena assim em *A cabana*. Sarayu (o Espírito Santo) e Mackenzie estão cavando o jardim. Relutante a princípio, Mack finalmente se põe a trabalhar sem entender direito o propósito daquilo nem que está trabalhando no jardim de seu próprio coração e alma. Ele responde a um elogio de Sarayu:

– Na verdade, não fiz grande coisa – ele respondeu em tom de desculpa. – Quero dizer, olhe essa bagunça [...] mesmo que pareça que ainda resta um monte de trabalho a ser feito, sinto-me estranhamente à vontade e tranquilo aqui.

Desenterrar as imaginações que antes valorizávamos e trazer nossas suposições à superfície pode ser doloroso e nos desorientar. É um trabalho

duro, mas que vale a pena. Quando mentiras e ideias falsas sobre Deus são expostas, também ficam expostas suas raízes, que têm origem em nossos pensamentos sobre nós mesmos e o próximo. Mais trabalho! Arrancar ervas daninhas é árduo, mas no fim do dia é gratificante, mesmo que seja apenas a alegria simples de se sentir um pouco mais à vontade sendo quem você é.

Ninguém tem um relacionamento com Papai Noel – nem o bonzinho, nem o malvado. Papai Noel não existe e não se pode construir um relacionamento com uma ideia. O Papai Noel Bonzinho/Malvado é principalmente uma projeção dos nossos sentimentos de vergonha, culpa, expectativa e mesmo o desejo de ser importante, lembrado, amado e significativo. Trata-se de um símbolo, uma janela pela qual vemos nós mesmos; e às vezes, em nossa percepção equivocada, imaginamos que estamos olhando para Deus.

Para entender quem Deus *realmente* é, você pode começar olhando para si mesmo, já que foi feito à imagem de Deus. Todas as coisas que você gostaria que fossem verdadeiras sobre você – autenticidade, gentileza, paciência, integração, bondade, pureza de coração – são qualidades do Deus a cuja imagem você foi criado. Embora essas características talvez não sejam a sua experiência, você ainda anseia por elas e as deseja profundamente. Melhor ainda: olhe para Jesus, o ser humano que é a encarnação do caráter e da natureza de Deus. Quando começamos a avançar aos tropeços rumo à Luz e à Vida da bondade de Deus, nossa necessidade de substitutos imaginários como o Papai Noel logo desaparece. E assim descobrimos que a vida real, mesmo com todo o sofrimento, é muito mais profundamente gratificante do que uma vida imaginária.

“A morte é mais poderosa do que Deus.”

Alguns meses atrás eu estava com amigos no restaurante de um hotel quando alguém mencionou o projeto para este livro. Naquela parte do processo, eu estava investigando palavras que Deus nunca diria e me pediram para dar um exemplo. Apesar de as palavras escolhidas serem provocadoras, eu estava há muito tempo pensando e elaborando sobre o assunto, e é bem capaz que tenha sido por isso que me vieram à mente tão depressa.

– Deus nunca diria “Sinto muito pela morte. Não há nada que eu possa fazer por você agora. A morte venceu.”

Não se esqueça de que eu estava conversando com amigos íntimos. Eles amam a mim e à minha família. Têm muito respeito pelos meus romances *A cabana*, *A travessia* e *Eva*. Ouviram-me falar em várias ocasiões e nunca deixaram de me incentivar. São interessados, atenciosos e articulados.

– Como assim, William?

– Não acho que Deus diria que, depois de morrer, seu destino está selado e não há nada que ele possa fazer por você.

– Mas isso é verdade!

– O que é verdade? – perguntei, sentindo que a conversa estava prestes a enveredar por uma direção completamente inesperada. De repente, o que deveria ser um simples exemplo estava no centro do palco.

– É verdade que, depois que a gente morre, acabou. O destino está

selado; nosso destino eterno determinado.

A intensidade da reação indicava que eu pisara num terreno considerado sagrado. Minha intenção não fazia diferença. Eu pisara numa mina terrestre. Naquele momento, um dos amigos à mesa declarou “Ah, tenho que falar com uma pessoa” e saiu antes que a tensão aumentasse.

Vou fazer uma pausa no meio da história para esclarecer algumas coisas importantes. Há algumas ideias que supomos serem verdadeiras só porque ainda não foram contestadas pela vida. Por exemplo, quando enfrentamos uma tragédia, às vezes agimos como se a tragédia fosse maior do que Deus, embora afirmemos não acreditar que isso seja verdade. Ficamos apavorados com a insegurança financeira, mas dizemos que Deus é digno de confiança. Afirmamos que Deus, que é Vida, é maior do que a morte, mas ficamos aterrorizados diante dela. Obviamente, também é verdade que não sei tudo e que o diálogo é uma dádiva que ajuda a elaborar as ideias. Todos nós nos sentimos provocados – quando nossas suposições parecem correr risco, quando começamos a ficar na defensiva, quando uma ideia nos desorienta ou por razões que residem em nosso passado ou em nossa jornada.

De volta à conversa, achei que tivesse escolhido a pergunta seguinte com cuidado:

– Para deixar tudo claro, você não acha que temos alguma escolha depois que morremos? Você não acha que podemos mudar de ideia?

– É claro que não! É por isso que temos de escolher Jesus como nosso Senhor e Salvador durante esta vida. Depois de morrer, não podemos mais mudar de ideia.

Percebi que eu não pisara numa simples mina terrestre. Sem querer, eu detonara uma bomba de fragmentação. Para qualquer direção que eu fosse, haveria explosões. O que fazer? Procurei uma pergunta que ajudasse a nos concentrar no assunto. Não adiantou.

– Será possível que a intenção do julgamento seja nos ajudar a esclarecer as mentiras que nos impedem de fazer uma escolha consciente?

– Você está dizendo que não acredita no inferno?

– Deixe-me perguntar uma coisa: você acha que amor e relacionamento são possíveis sem liberdade de escolha? Acho que amor coagido não é amor,

e amor sem a capacidade de dizer não é impossível. Concorda?

– Concordo, mas você tem que fazer essa escolha enquanto está vivo!

– Mas isso significa que, com a morte, o amor e o relacionamento acabam. Significa que a morte define tudo.

– Você não pode escolher depois de morto. Pode até se arrepender das escolhas que fez, mas não pode mudar de ideia.

– E se eu não soubesse que tinha escolha ou não vivesse o suficiente para escolher? E se eu tivesse uma doença mental e minha mente fosse fragmentada? E se eu tivesse morrido no útero?

– Há uma graça especial para essas pessoas.

– Então por que Deus não me atingiu com a doença mental para que eu pudesse obter essa graça especial?

Nesse momento, um dos meus amigos caiu em prantos.

– Por que você está chorando? – perguntei.

– Porque acho que isso é muito perigoso. Fico preocupado com você.

Veja bem, meu amigo me ama. Ele me ama de verdade. Como não era possível que o que eu estava dizendo fosse certo, eu era um perigo em potencial, não só para mim como para muitos outros. Talvez você também se sintasse assim.

“Será possível que a intenção do julgamento seja nos ajudar a esclarecer as mentiras que nos impedem de fazer uma escolha consciente?”

A vida precisa muito de conversas desse tipo, por mais difícil que pareça no momento. Assim como o ferro afia o ferro... Mas meu amigo Jerry sempre disse: “...se for no ângulo certo”. Assim, ao apresentar meu ponto de vista a meu amigo que discordava ou a você neste capítulo, quero fazê-lo no ângulo certo.

Pessoalmente, acredito que a ideia de que perdemos a capacidade de

escolha com o advento da morte física é uma mentira significativa que precisa ser desmascarada; suas consequências são numerosas e vão longe. Não estou dizendo que vida e morte são forças igualmente opostas. A morte não é nada em comparação à Vida; ela é a ausência de Vida. Deus é Vida, Luz e Amor; Deus não é morte, trevas, medo nem servidão. Estou sugerindo que amor e relacionamento só são possíveis quando temos a capacidade de escolher.

Penso que o mal existe porque viramos as costas a nosso relacionamento face a face com Deus e escolhemos dizer não a Deus, à Vida, à Luz, à Verdade e ao Bem. Deus, com o máximo respeito e reverência, se submete à nossa escolha, mesmo que se oponha diametralmente a ela. Deus, que é Amor, além de permitir nossa escolha, se une a nós em nossa humanidade para nos resgatar de nossas escolhas prejudiciais e destrutivas. Deus realizou coisas incríveis para proteger nossa capacidade de dizer não, muito embora essa liberdade tenha produzido dores e perdas indizíveis.

Se Deus (que é Vida) se esforçou tanto assim para proteger nossa capacidade de dizer não, por que pensaríamos que o advento da morte teria o poder de nos tirar a capacidade de dizer sim?

Ou, em outras palavras: se nossa capacidade de escolha é a razão para toda a devastação no cosmos e se essa liberdade nos é tirada após a morte, então por que Deus simplesmente não a tirou de nós desde o princípio? Ele poderia ter evitado toda essa terrível tragédia.

Estou dizendo que o advento da morte introduz uma crise (*krisis*, a palavra grega, como em “Dia do... Juízo”), um processo restaurador que pretende nos tornar livres para correr para os braços do Amor.

Acredito que as crianças e os doentes mentais serão os primeiros a reconhecer que o Amor é quem Deus é e a dançar para o Abraço Inexorável de Afeição Eterna. Penso que os arrasados e os feridos, os descartados e os maltratados também escolherão mais facilmente o Deus do Amor do que nós, que somos religiosos. As histórias de Jesus revelam claramente que aqueles que têm tendências religiosas sempre foram o maior desafio; mas, mesmo para nós, a Vida é maior do que a morte.

“Deus não está presente em meu sofrimento.”

Maggie estava no ensino médio e voltava de uma corrida de manhã cedo quando se separou de sua equipe de treino. Ela foi sequestrada por um homem, arrastada para trás de um prédio e estuprada duas vezes. Depois foi estrangulada, enterrada no mato, desenterrada e levou cinco tiros de uma pistola calibre 22... e foi deixada lá para morrer.

Num e-mail para mim, Maggie escreveu:

Sei exatamente como é ter a paz de Cristo dentro de si quando o inferno absoluto acontece com você e à sua volta. Embora na época eu não entendesse de onde isso vinha, nunca esquecerei a “calma” que tomou conta de mim à medida que a manhã se desenrolava. Sim, eu estava absolutamente apavorada, coisas horríveis aconteciam comigo. Não sabia se estaria viva para ver o fim daquele dia. No entanto, o que venceu o medo foi a “calma” que comecei a sentir. Assim como Jesus explica a Mack em seu livro (A cabana), foi preciso a TRINDADE para me manter calma e me assegurar que, de algum modo, tudo daria certo. Como você conheceria essa paz? Só quem já esteve “lá”, em circunstâncias desse tipo, sabe o que é ter a paz de Jesus dentro de si quando o inferno sobrevém. Mesmo na hora que levei os tiros, Deus ainda estendia sua mão e a colocava sobre a minha alma, dizendo-lhe que ficasse em meu corpo e tranquilizando-a porque ele a colocara

num corpo que seria capaz de suportar o que lhe estava acontecendo.

Maggie sobreviveu, terminou o ensino médio e se tornou atleta na faculdade, apesar das três balas permanentemente alojadas em seu corpo.

Sufrimento! Será possível amor sem sofrimento?

À primeira vista, a resposta parece ser não, porque quem dentre nós já não sentiu que amor e sofrimento estão ligados? Parece que todo risco que se corre pelo amor envolve um grande potencial – para não dizer inevitabilidade – de perda, com todo o sofrimento que a acompanha. Estamos cercados e mergulhados nele, com nossos pais e filhos, nossos amigos, nossos colegas. E, aos berros nas manchetes e nas entrelinhas, vemos a desigualdade de gênero e raça e as adversidades enfrentadas pelos pobres. Esses temas são o centro das histórias a que assistimos nos cinemas e em nossas inúmeras telinhas. Sofrimento! Ele está por toda parte... assim como o amor. Num mundo dividido por ideologia, religião, política, etnia, sociedade, condição financeira, etc., nós, como seres humanos, temos pelo menos estas duas coisas em comum: amor e perda. Assim amor e sofrimento parecem inextricavelmente ligados. E voltemos à nossa pergunta: *Pode existir amor sem sofrimento?*

Outra amiga querida me ligou ontem e conversamos sobre a aparente inundação de aflições e dificuldades que nos cerca na família e nas amizades. Câncer, doença mental, morte, reviravoltas financeiras, desintegração relacional – a ladainha parecia interminável. Eu e ela temos uma história religiosa comum, na qual a espiritualidade muitas vezes se estruturou em termos militaristas. Disseram-nos que estávamos numa guerra espiritual invisível, principalmente na defensiva, em busca das palavras e fórmulas mágicas corretas para que ela parasse, sem que pudéssemos vencê-la. Não estou dizendo que batalhas espirituais não existam – elas existem –, mas muitas vezes é mais fácil culpar as forças das trevas do que assumir as trevas que nós, como seres humanos, trouxemos à baila. Minha amiga perguntou:

– Este é um ataque específico? É por sermos um povo que ora que todo este inferno nos atinge?

– Não – respondi. – Essas perdas estão por toda parte. Estamos cercados

pela angústia que é comum a toda a humanidade. Geralmente, ela não se concentra especificamente em nós. Não sofremos por sermos melhores nem piores do que os outros; vivenciamos dor e perda porque vivemos num mundo imperfeito formado por seres humanos iguais a nós. Além disso – continuei –, estamos envelhecendo, e nossa referência relacional se expandiu e se aprofundou, assim como nossa presença em meio à perda. Acho que esse sofrimento é encarnacional. Como Jesus habita em nós quando estamos presentes às dores e perdas de nosso mundo imperfeito, participamos com Deus e em Deus ([João 14:20](#)).

Então... pode existir amor sem sofrimento?

Pode! Antes da Criação, o amor sem sofrimento estava sempre presente no relacionamento entre Pai, Filho e Espírito Santo. O sofrimento não é intrínseco ao amor. A submissão é intrínseca ao amor, mas não o sofrimento. Perda e sofrimento foram introduzidos no cosmos por nós, seres humanos, e, por sermos criados em Cristo, o sofrimento foi totalmente abraçado por Deus.

Na sombra de ter virado às costas à Vida por escolha própria, Adão introduziu a morte no cosmos. Quando, em nossas escolhas e ações, continuamos a virar as costas à Vida, reafirmamos o profundo domínio que a morte tem sobre nós. A morte está sempre acompanhada de sofrimento. Mas Deus se recusa a estar ausente da Criação e infunde Presença e Amor em nosso sofrimento.

Em termos gerais, a comunidade global de seguidores de Jesus representa cerca de um terço da humanidade. Quando entramos na Semana da Ressurreição (Páscoa), quase dá para ouvir a alma coletiva prendendo a respiração. Na Sexta-Feira da Paixão, a morte pega a humanidade pelo pescoço. Mas a Vida estende a mão e puxa a morte para um abraço inexorável, trazendo-a para a Vida, onde ela é extinta pelo Amor. No sábado, no vale das sombras da morte, Jesus despoja o lugar dos mortos, e a manhã da Ressurreição eleva toda a humanidade em sua Vida.

Ao deparar com nossa humanidade, Deus também entra em nosso sofrimento, e, quando vivenciamos o sofrimento, encontramos nele a humanidade dos outros. O milagre é que a vida brota da morte, a flor rompe

o concreto e a beleza se ergue das cinzas.

*Deus se recusa a estar ausente da Criação e
infunde Presença e Amor em nosso sofrimento.*

Em minha vida, passei por sofrimentos que eu não queria nem podia controlar. Coisas como a inocência da infância me foram roubadas. Também passei por sofrimentos que eu mesmo provoquei em mim e nos que me cercavam. Sendo eu mesmo imperfeito, comecei a também destruir as coisas. O sofrimento é um convite para ser real e também para se identificar com a humanidade, e é um fogo que queimará o que é falso para que o verdadeiro possa emergir.

Em *A cabana*, Mackenzie vê seu mundo virar de cabeça para baixo num fim de semana, e das profundezas de seu sofrimento vem a transformação, não só a dele como a de todos em seu mundo. Aquele fim de semana representa onze anos da minha vida. Quem pensaria que o trabalho de dismantelar a imperfeição de minha cabana pessoal resultaria num livro inesperado que tocou a vida de tanta gente no planeta? Se eu gostaria de passar por tudo de novo? De forma alguma! Mas todos os dias me sinto grato pelo modo como o sofrimento me muda e me permite participar mais completamente das perdas dos outros e me tornar mais livre para amar, mais vivo e humano.

Em nossa experiência temporal, o Amor não pode existir sem sofrimento até que os últimos vestígios e rastros da morte sejam completamente erradicados. Que nós, que crescemos em nosso relacionamento com Jesus, escolhamos estar presentes no sofrimento dos outros assim como no nosso e, dessa maneira, participar do Amor constante e ativo de Deus.

“Você nunca encontrará Deus numa caixa.”

Venho de uma tradição religiosa. Algumas partes dela foram profundamente úteis, é verdade. Outras foram devastadoras e tiveram de ser desfeitas e desaprendidas. Também houve alguns aspectos de haver crescido dentro dessa caixa que pareceram azar na época, mas depois se mostraram parte de um bem que surgia. Vou dar um exemplo.

Eu me sustentei durante a faculdade com a ajuda de bolsas, subsídios, a bondade de alguns e o trabalho à moda antiga. Minha família não tinha condições financeiras de ajudar. Eles oravam. Em retrospecto, isso foi mais do que suficiente.

Cursei os primeiros três anos numa faculdade bíblica autorizada em Saskatchewan, no Centro-Oeste do Canadá, onde eu pretendia obter o diploma de teologia. Embora pareça completamente anti-intuitivo, arranjei emprego numa rádio em Regina, como disc-jóquei de *rock and roll* das seis à meia-noite, para pagar as mensalidades e as despesas. A escola fingia não ver, em parte porque eu era ótimo aluno e em parte porque eu tinha sido uma criança de terceira cultura, uma criança missionária da mesma denominação.

Mas não cheguei a me formar. No fim do terceiro ano, embora fosse presidente da turma de calouros e estivesse envolvido com a comunidade e a equipe de atletismo, quando a lista de bolsas e subsídios foi divulgada, meu nome estava visivelmente ausente. Havia três qualificações básicas para

receber o financiamento: realizações acadêmicas (ok), necessidade financeira (ok) e maturidade espiritual (hã... ok?) Alguns amigos meus foram à diretoria da escola perguntar se fora esquecimento. A resposta foi: “Decidimos que Paul não é um bom investimento para a denominação.”

Tinham razão. Eu não era um bom investimento. E não me formei naquela instituição. Em vez disso, fui para a região selvagem do norte de Alberta e para o projeto de extração de petróleo de Syncrude, um acampamento de seis mil homens onde ganhei o suficiente para pagar todas as dívidas e ainda juntar algum dinheiro. De lá, a caminho de Los Angeles para continuar minha formação, cheguei a uma encruzilhada no Oregon, conheci uma mulher e moro aqui desde então. Parte da graça indireta da decisão daquela escola foi estar hoje casado com Kim, algo pelo qual serei grato para sempre. Mas se passaram anos antes que eu voltasse a pôr os pés na soleira de alguma instituição de minha denominação.

Cresci num mundo de caixas: *nós e eles, dentro e fora, digno e indigno, crente e descrente, salvo e não salvo*, e assim por diante. Caixas. Gaiolas. Aqueles pentecostais. Aqueles batistas. Aqueles muçulmanos. Aqueles da Nova Era. Aqueles taoístas. Criamos uma variedade de maneiras de classificar e nos manter a distância, descartar, marginalizar, usar, manipular. E com essas caixas criamos para nós identidades baseadas em generalizações e evasivas.

Mas a religião não é a única a construir caixas. A cultura social, a política, a ciência, os sistemas econômicos... todos fazem isso. Às vezes, as caixas são úteis e necessárias. São úteis na hora de esclarecer que uma doença é uma gripe, não um tumor no cérebro. Outras vezes, caixas e categorias levam ao horror – genocídio e agressões, por exemplo. Infelizmente, algumas dessas coisas catastróficas são feitas em nome de Deus, do humanismo, da pura e velha ganância. Esquecemos que o ser humano é sempre mais importante do que a categoria.

Quando os leitores me contam que minha escrita os ajudou a tirar Deus da caixa, entendo o que estão dizendo. É emocionante que aquilo que ofereci tenha moldado o solo sagrado de sua história e colocado em questão ideias imaginadas e potencialmente falsas sobre Deus e a criação, inclusive sobre

nossa humanidade.

Mas é preciso ter cuidado quando deixamos as caixas para trás. Quando abandonamos uma caixa, é comum sermos tentados a construir outra e entrar nela. É fácil se tornar pretensioso e se sentir superior, passando a se referir às pessoas preciosas que ainda estão dentro das caixas de onde acabamos de sair como “aquelas” pessoas. Sem querer, continuamos a participar da divisão dos seres humanos em classificações para administrá-los e julgá-los. Pior ainda, podemos supor que Deus abandonou aquela caixa quando saímos dela e que “aquelas” pessoas existem num espaço onde Deus não é mais ativo.

Nossa arrogância é tanta que somos capazes de elaborar algo – uma caixa – capaz de deixar Deus de fora. Deus nunca respeitou as caixas que construimos. Quase parece que ele trata nossas preciosas caixas como se não fossem reais. Imagine só! Pior ainda: quando queremos que ele ponha o selo celeste de higiene e limpeza em nossa caixa, Deus tem a audácia de ficar com aquela gente da “outra” caixa. Quanto atrevimento! A verdade é que, sejam quais forem, os aspectos da verdadeira liberdade que passaram a fazer parte de nossa vida vêm sempre acompanhados de uma capacidade maior de amar, aceitar, abraçar e respeitar.

*“Só vamos encontrar Deus numa caixa porque
ele quer estar onde estamos.”*

Aprendi muitas coisas na vida e algumas são profundas, pelo menos para mim. Eis uma delas, uma afirmativa simples que muitas vezes me faz lembrar o quadro maior: “Só vamos encontrar Deus numa caixa porque ele quer estar onde estamos.” E isso é o tempo todo.

Aliás, sabe aquela faculdade de que falei, aquela onde não me formei? Pois bem, algumas décadas depois que saí, ela fechou as portas e reabriu como um campus moderno e novinho em folha em Alberta. Fui o primeiro

palestrante.

Deus é a fonte de todo o humor, você não concorda? Depois que falei e contei essa mesma história, um rapaz tatuado e com piercings veio até mim sorrindo.

- Bom - disse, rindo -, as coisas mudaram muito por aqui.
- É - respondi e lhe dei um abraço. - Todos mudamos.

“Nem todo mundo é filho de Deus.”

Eis uma pergunta básica: Todos os seres humanos são filhos de Deus ou só alguns?

Por meio de meu amigo Jim Henderson conheci Matt Casper numa conferência de escritores em San Diego. Matt se declara ateu. Uma das primeiras coisas que me disse foi:

– William, você sabe que sou descrente, não sabe?

– Não, não é – respondi.

– Sou, sim – insistiu ele, quase como se eu o tivesse ofendido.

– Olhe – comecei –, acreditar é uma atividade, não uma categoria. Seja como for, sou do povo que criou essa categoria e, francamente, a maioria de nós tem dificuldades com crença e confiança. Ainda não conseguimos inventar o acreditômetro, um aparelho que a gente prende na cabeça ou no coração para saber quanto estamos acreditando e se é suficiente para estar “dentro”.

Por um segundo, ele fez cara de paisagem, mas depois riu.

– Do que você está falando?

Ri também.

– Não importa. Então me conte, Matt, em que você acredita?

– Você quer saber no que acredito? A maioria das pessoas quer conversar comigo sobre o que não acredito. Deixe-me pensar. – Ele fez uma pausa antes de responder: – Acredito no meu amor pelos meus filhos.

William, eu não sabia que tinha capacidade de amar assim até ter meus filhos. Sem dúvida alguma, eu entraria na frente de uma bala por eles e assumiria suas dores e mágoas se pudesse.

– Então, Matt, obviamente você não está falando de amor romântico. Seria exato descrever esse amor em que você acredita como voltado ao outro, altruísta, que se doa?

– É exatamente assim que é.

Conversamos durante quase uma hora. Acontece que, além de acreditar no Amor, Matt também acredita na Vida e na Verdade. Nada mau para um descrente.

Mas isso faz dele um filho de Deus?

Não, não faz. Ele já era filho de Deus.

Quase consigo ouvir alguém no fundo da sala dizer: “Bom, todos são filhos de Deus no sentido de que todos são criados por Deus, mas...”

E a seguir vêm a racionalização e a justificativa para criar outra caixa, outra maneira de separar as pessoas em categorias de valor.

Em nossa família, nossos filhos supõem – e com razão – que são... nossos filhos. Eles estão *conosco* porque são expressões *de nós*. Sua existência é a única exigência para serem nossos filhos. Eles não precisam fazer nada para se tornarem mais nossos filhos e nada do que façam fará com que deixem de ser nossos filhos. E mais: eles não precisam acreditar que são nossos filhos para que isso seja verdade. Mesmo que um deles decidisse nunca mais falar conosco, essa escolha não teria o poder de mudar sua identidade fundamental de filho ou filha. Isso teria um impacto em nosso relacionamento? Teria. Mudaria a identidade deles? Não. Eles não podem negar que são nossos filhos; mesmo que mudem de sobrenome. Não têm o poder de mudar a verdade de quem são, embora suas escolhas afetem o modo como vivenciam esse relacionamento.

No Novo Testamento, em [Atos 17:28-29](#), Paulo Apóstolo escreve que “‘nele vivemos, nos movemos e existimos’, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele.’ Assim, visto que somos descendência de Deus...” E em [Efésios 4:5-6](#), “um só Senhor, uma só fé, um só batismo, *um só Deus e Pai de todos*, que é sobre todos, por meio de todos

e em todos” (grifos meus).

Todos os seres humanos que conhecemos, com quem interagimos, a quem reagimos e respondemos, que tratamos com grosseria ou com gentileza e misericórdia: todos são filhos de Deus.

Todos os seres humanos que conhecemos, com quem interagimos, a quem reagimos e respondemos, que tratamos com grosseria ou com gentileza e misericórdia: todos são filhos de Deus. Se considerássemos que somos todos membros da mesma família, cuidaríamos uns dos outros com mais consideração e intenção bondosa? Todo ser humano é meu irmão, minha irmã, minha mãe, meu pai... um filho de Deus.

Alguns anos atrás, recebi um telefonema de Matt. Ele queria que eu fizesse o prefácio de um livro que ele e Jim estavam escrevendo juntos chamado *Saving Casper* (A salvação de Casper).

– Você precisa saber que continuo ateu – disse ele.

– Tudo bem – respondi. – Eu continuo canadense.

O prefácio que apresentei ao editor foi reescrito e mandado de volta. Isso me fez rir. Mande um e-mail a Jim e Matt para avisá-los.

– Talvez eu não seja a pessoa certa para esse projeto – disse.

O doce Matt achou que eu estivesse com os sentimentos feridos por causa da resposta do editor e me ligou – tanto para me incentivar quanto para buscar uma maneira de conciliar as divergências. Naquela conversa, ele disse uma coisa do fundo do coração, com a intenção mais pura, que me fez rir, mas também balançar a cabeça:

– Paul, Jim e eu adoramos seu prefácio original e, embora não concordemos com o editor, achamos que é possível encontrar um meio-termo. Não se esqueça, estamos lidando com cristãos. Passinhos de formiga.

É isso mesmo!

Está vendo o que aconteceu no decorrer deste pequeno capítulo? Está sentindo? O ateu Matt Casper se tornou humano para você. Ele é um homem bom que ama os filhos, que acredita no Amor, na Vida e na Verdade, que é sagaz, gentil e generosamente compassivo.

Jim tem um ditado: “O relacionamento quebra as regras.” Ele tem razão. Quando alguém se torna um ser humano, não uma categoria ou caixa, tudo muda. E se, além de vermos o outro como ser humano, também o considerarmos um filho amado de Deus?

“Deus está decepcionado comigo.”

A maioria de nós sabe como é sentir o abismo devorador da decepção, principalmente no rosto e na voz dos outros. Toda criança anseia por ouvir “Estou orgulhoso de você”, não por seu desempenho, mas simplesmente por *existir*. As afirmativas a seguir ressoam com muita força e têm enorme impacto:

Você é meu e eu sou seu.

O universo é melhor porque você está nele. Amo você.

Gosto especialmente de você.

Meu pai estava decepcionado comigo – o tempo todo. Pelo menos era isso o que eu sentia quando criança e, portanto, no que acreditava. Se estava mesmo decepcionado, não sei. Ainda não tivemos essa conversa.

Há muitas maneiras de envergonhar uma criança, e, infelizmente, muitos sabemos disso por experiência própria. Palavras cruéis e declarações duras de condenação são capazes de abalar as pequenas almas:

Você é nojento.

Você é uma vadia.

Você nunca será nada na vida.

Você é um idiota.

*Depois de tudo o que fizemos por você...
Eu era feliz até você aparecer.
Eu queria um menino.
Preferia que você nunca tivesse nascido.*

Depois há o total desmantelamento que o abuso sexual provoca, no qual o tecido da alma é dilacerado pela destruição dos limites e por distorções equivocadas da intimidade. A dissonância cognitiva, em que a criança tem de conviver com valores e crenças completamente conflitantes, pode ser tão profunda que a mente cria personas alternativas e dissociadas para abrigar os traumas e segredos avassaladores que devastam o eu e o confundem ainda mais quando os agressores são aqueles a quem oferecemos nossa confiança.

As crianças expostas a esse tipo de mentira dão um jeito de sobreviver – por meio da violência contra os outros, da autopunição ou da atraente fuga momentânea proporcionada pelos vícios – ou se encolhem em algum canto e morrem. Elas acreditam que tudo o que há de errado no mundo é culpa delas. As crianças vítimas de abuso não conseguem entender que os pais podem ter defeitos, que podem estar passando por alguma grande perda ou talvez nem tenham capacidade de amar sem ferir. É comum a criança vítima de abuso acreditar que a fúria despejada sobre ela é merecida e que as palavras que dilaceram seu coração são verdadeiras.

Mas há outra forma devastadora de envergonhar uma criança: pelo *silêncio*. O rosto virado e o pequeno balançar da cabeça antes de fechar a porta deixam a criança total e absolutamente sozinha, esmagada sob o olhar sem voz da decepção.

Eu devia ter uns 6 anos quando minha mãe coagiu meu pai a me levar a uma de suas jornadas missionárias pela selva. Era a minha primeira vez e, embora eu conseguisse sentir que ele estava com raiva, talvez eu achasse que seria capaz de conquistá-lo. Assim que minha mãe não pôde mais nos ver, ele partiu sem dizer palavra, obrigando-me a tentar correr o suficiente para alcançá-lo, chorando, chorando e chorando. Lembro-me daquele dia como se fosse ontem: o pontinho branco de sua camisa sumindo e reaparecendo,

cada vez menor. Não tenho lembrança de encontrá-lo. A devastação de não ser aceito pareceu definitiva.

Eu não sabia que minha mãe sofria de depressão. Só sabia que sua porta se fechava e que a ouvíamos chorar. Às vezes ela sumia por alguns meses. Eu era o filho mais velho e sentia intensamente que a tristeza dela era culpa minha. Sabia que eu era uma decepção.

Para muitos, a própria vida é uma série de decepções. As coisas não saem do jeito que a gente quer. As circunstâncias parecem trabalhar contra nós ou algo surge do nada e derruba o que nos esforçamos tanto para construir. O inesperado vem e vai, tão veloz quanto um furacão, uma enchente ou uma decisão política, comercial ou moral.

Quanto amadurecemos, começamos a entender a diferença entre *decepção* e *tristeza*. A *tristeza* é uma reação saudável à perda. Além de chorar a perda de quem amamos, podemos também sentir tristeza quando um desejo, uma esperança ou oração não se cumpre ou não sai do modo como imaginávamos. E às vezes nossa tristeza se exprime na forma de arrependimento, com o qual assumimos e compreendemos nossa participação nas perdas da nossa vida, principalmente nas que causamos aos outros. A tristeza é parte da vida real, das perdas reais.

A *decepção*, por outro lado, gira principalmente em torno da imaginação e de expectativas. Espero que você aja de certa maneira, espero um resultado específico, esperava até agora já ter conseguido alcançar (preencha a lacuna) ou esperava que minha vida fosse diferente ou que eu estivesse trabalhando numa área de que realmente gosto. Alimentadas pelas imagens da mídia, praticamente todas as expectativas são decepções à espera de acontecer, quase inteiramente construídas sobre a imaginação ou ilusões. Entendo o poder positivo da visualização e os benefícios neurológicos da meditação, mas não é disso que estou falando. Estou falando de imaginar resultados que não podem se materializar ou não se materializam.

É exatamente por isso que Deus nunca se decepiona com você. Deus não tem essas ilusões nem imaginações. Ele o conhece total e completamente – com uma afeição inexorável. Você não surpreende Deus. Ele se deleita com você, assim como você se deleita com seus filhos; Deus

também chora por e com você quando você age dentro de suas trevas e mentiras – *mas não porque esperasse mais de você*. Deus é um participante totalmente envolvido, presente nas atividades mais profundas que têm lugar na mais elevada das criações: você. Deus sabe quem você realmente é e chora pela distância entre essa verdade e o que você acredita sobre si. É a partir desse abismo de trevas e mentiras que projetamos a decepção e o abandono de Deus.

Deus nunca se desilude com você; para começo de conversa, ele nunca teve nenhuma ilusão a seu respeito.

Deus nunca se desilude com você; para começo de conversa, ele nunca teve nenhuma ilusão a seu respeito.

Deus nunca se decepciona com você; ele não tem expectativas.

Lembra-se do Salmo 22? É aquele que começa com “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”. Esse foi o grito de Jesus quando, por experiência própria, penetrou em todas as trevas e mentiras da humanidade, quando mergulhou nas profundezas sombrias em que projetamos o rosto virado de Deus. Acreditamos que fomos abandonados e que somos indignos de estar frente a frente com Deus, e é nessa ilusão que Jesus nos encontra. No meio desse salmo, que Jesus sabia de cor, estão as seguintes palavras:

*Pois não menosprezou nem repudiou o sofrimento do aflito;
Não escondeu dele o rosto,
Mas ouviu o seu grito de socorro.*

Esse Deus não abandona. Nunca teremos poder suficiente para fazê-lo nos virar as costas. Porque Deus nos conhece completamente e está sempre

conosco – você *nunca* é uma decepção.

“Deus me ama por meu potencial.”

Adoro música. Ela sempre teve o poder de alcançar lugares dentro de mim que outras coisas não conseguiriam encontrar. Quantas vezes na vida ela se esgueirou suavemente por minhas defesas mentais e habilidades dissociativas de sobrevivência e me pegou de surpresa, cutucando emoções que normalmente ficam guardadas a sete chaves atrás das portas de aço de meu coração? Os anos 1970 abriram um mundo todo novo para mim: *Tapestry* de Carole King, *Saturate Before Using* de Jackson Browne, *Sunwheel Dance* de Bruce Cockburn (com canções como “Fall”, “He Came from the Mountains” e “Dialogue with the Devil”), *So Long Ago the Garden* de Larry Norman, Bob Dylan, Moody Blues, Beatles, Leonard Cohen e tantos outros.

A presença desses músicos e poetas também ajudou a aliviar uma grande perda: meu amor pelo piano. Mal chegado à adolescência, eu já tocava música clássica no nível do décimo ano (segundo o padrão estabelecido pelo Real Conservatório de Música, em Toronto), o que, naquela época, me qualificaria para dar aulas. Mas não conseguia ler uma partitura de primeira; era quase um bloqueio mental. Eu conseguia decorar sem dificuldade as quinze páginas de uma peça de Tchaikovsky, mas não era capaz de tocar um hino simples pela partitura.

No decorrer de dois anos, meu professor me inscreveu em dois grandes festivais de música, e os prêmios eram bolsas integrais em escolas renomadas. Fiquei em segundo lugar nas duas vezes. Nos dois anos

consecutivos perdi para a *Sonata ao Luar*, de Beethoven. Durante uma semana depois de cada fracasso, vomitei sem parar. Meu professor tinha grandes planos para mim, via em mim um “potencial” imenso e me forçava rumo à perfeição necessária para chegar ao topo.

Para sobreviver, larguei. Larguei de vez. Fui embora e mal encostei num piano nos 46 anos passados desde então. A pressão da expectativa dos outros em relação a meu potencial era demais, principalmente diante da repetição do fracasso. A vergonha de largar não foi um preço tão grande quanto o desastre inevitável que eu via assomando no horizonte. Para aqueles que vivem com vergonha, cada elogio é uma nova expectativa, uma decepção inevitável à espera de acontecer, uma nova forma de fracassar. Meu professor desapareceu junto com meu potencial.

Com o passar dos anos, treinei cada um de meus seis filhos em algum esporte e hoje sou assistente de um deles, que é treinador do time de basquete de nosso neto de 6 anos. É como pastorear gatos com o rabo em chamas – e absolutamente delicioso... quase o tempo todo. Infelizmente, é comum ver pais que projetam grandes expectativas nos filhos: querem que eles cumpram seu “potencial” e sejam os melhores.

O interessante é que o esporte permite mais autenticidade do que muitos cultos religiosos. Num evento esportivo, as pessoas realmente vão à loucura. Ficam emocionadas e expressivas: cantam, dançam, sentem-se parte do grupo; violam todo tipo de costume e norma social e participam de maneira raramente vista em ambiente religioso.

Há nos esportes uma sinceridade que surge em poucos cenários. A emoção da competição e a alegria da participação e da comunidade criam momentos quase mágicos, e a complexidade e as características do jogo propriamente dito produzem um raro sentimento de entrega. Mas no esporte também vemos o lado mais sombrio da humanidade usar suas garras para subir à superfície. A competição da vida fora do estádio se exprime ali dentro. O medo do fracasso, a baixa autoestima mal escondida sob a superfície de civilidade, a necessidade de vencer: tudo fica logo evidente nas demonstrações emocionais que explodem com tanta facilidade depois de um erro ou uma decisão injusta do juiz.

Nosso neto tem 6 anos e está numa categoria de 6 a 8 anos. É sua primeira experiência com o basquete, e ele está se divertindo como nunca. Ele nasceu prematuro, com 1,8 kg, e é o menor jogador do time. Temos um jogador semicoordenado que consegue quicar a bola por toda a quadra, o que ajuda. Mas nossa meta para a temporada é que os meninos se divirtam tanto que queiram jogar de novo no ano que vem.

Mesmo com crianças tão pequenas, alguns pais – mais do que as mães – acreditam que há muito em jogo. Não registramos a pontuação nessa categoria. Fizemos uma cesta no primeiro jogo e duas, acho, no segundo, mas nos divertimos muito! Mesmo assim, vejo o desespero no rosto de alguns pais, que imaginam o filho como o próximo Michael Jordan. Eles tentam incentivar, mas acabam berrando, envergonhando e transmitindo aos filhos que sua aceitação está ligada ao desempenho deles, que depende do cumprimento de seu potencial. Infelizmente isso costuma colocar duas coisas em risco: a noção de valor do pai e a noção do filho de que é amado de maneira incondicional.

“Cumprir seu potencial” – eis aí um alvo móvel. Não é possível saber o que isso significa para mim ou para você e, portanto, ninguém pode definir o que isso quer dizer. É um “fracasso” fácil. Parece que o potencial sempre é determinado por outra pessoa, embora faça parte do mistério armazenado na pessoa que “você” é.

Deus me ama por causa do meu potencial? Não! Amo meus filhos por causa do potencial deles? Não! Se ainda não sou “suficiente”, quando serei? Como apreciar nossos filhos no presente se o foco recai em algum potencial futuro que qualifica o valor de cada momento? Como nossos filhos vão brincar?

Algumas pessoas, eu inclusive, costumavam ler [Provérbios 22:6](#) como um princípio de disciplina: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles.” Estávamos errados. Na verdade, no texto em hebraico, trata-se de um estímulo a pais e cuidadores: “Instrua a criança segundo *seus* objetivos...” (isto é, segundo o modo único daquela criança). Cada criança tem seu jeito, porque cada uma delas é uma tapeçaria incrível e sem igual do ser.

Como apreciar nossos filhos no presente se o foco recai em algum potencial futuro que qualifica o valor de cada momento?

Se eu quero que meu filho ou minha filha seja “tudo o que pode ser”? É claro que sim, mas não faço ideia do que será isso nem de como se exprimirá.

Não há meta para nós, nenhum “ponto de chegada”, nenhum patamar de sucesso potencial a ser alcançado. Somos todos seres eternos, completamente amados em todos os pontos do caminho, e, seja como for nossa jornada, somos amados de maneira incondicional em cada parte do processo nesta vida.

Sim, dedicarei força e energia ao que está à minha frente, mas não porque isso me ajudará a alcançar meu potencial. Não há competição de “potenciais” na hora de ser amado. No entanto, há uma celebração, uma participação alegre que me permite ouvir e exprimir a presença constante da música que só ocasionalmente encontrava o caminho da minha alma e do meu coração.

“O pecado nos separa de Deus.”

Costumo conversar com muitas pessoas cujo coração se abriu após a leitura de *A cabana*. Às vezes elas estão prontas para acreditar de novo, mas acham que não podem voltar a ter um relacionamento com Deus devido a algum comportamento ou ato vergonhoso do passado. Sentem-se separadas e sem esperanças. A ironia é que a cura para a tristeza sempre esteve ao alcance delas, porque, para começo de conversa, suas ações nunca tiveram o poder de separá-las de Deus.

Se não houver ninguém para nos dizer que nosso comportamento está deixando de atender às expectativas de Deus, é comum pregarmos essa mensagem a nós mesmos.

Começemos com algo simples. Os erros são parte essencial de nossa humanidade.

Meu neto G., de 8 anos, conversava com o pai, meu filho.

G.: Pai, você acha que Jesus já cometeu erros?

Pai: Bom, G., pessoas muito inteligentes têm pontos de vista diferentes sobre essa questão. O que você acha?

G. (*depois de pensar um pouco*): Acho que cometeu sim. Como ele teria aprendido qualquer coisa se nunca tivesse errado?

G. está aprendendo que, para os seres humanos, não tem problema

cometer erros. Pelo contrário: erros são realmente essenciais. Esperar a perfeição é negar nossa humanidade, é como se cometer um erro, não saber algo ou esquecer a resposta certa fosse o mesmo que pecar. Achamos mesmo que Jesus nunca cometeu erros no dever de casa, nunca esqueceu o nome de alguém ou, trabalhando como carpinteiro, nunca se enganou ao tirar medidas? Jesus não tinha fama de ser o “melhor carpinteiro” de Nazaré nem de fazer portas perfeitas e mesas sempre niveladas.

Jesus é totalmente humano. O que acha que as Escrituras queriam dizer com “Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens”? Jesus nem sempre foi completamente sábio; ele *creceu* em sabedoria. Os erros cometidos em qualquer processo de aprendizado são incorporados ao amadurecimento da pessoa.

Agora siga meu raciocínio. Na humanidade de Jesus, havia certas coisas que ele não sabia. Ele não sabia nada sobre *Star Wars*, o gato de Schrödinger ou o princípio de incerteza de Heisenberg. Quando chorou durante a primeira infância, deu uma topada com o dedão ou falou uma palavra errada, ele o fez porque era humano. Ele pediu ajuda porque precisava (como quando pediu aos discípulos que lhe preparassem um barco). Jesus tomou a decisão constante de confiar em Deus porque sabia que era um ser humano num relacionamento com ele; sabia a verdade de seu ser.

O orgulho é um pecado por ser a negação da humanidade. A humildade, por outro lado, é sempre uma celebração da humanidade. *Por favor, me perdoe. Cometi um erro. Estava enganado. Não dei ouvidos. Posso fazer uma pergunta? Não sabia. Percebo agora que o feri. Também estou aprendendo. É possível que eu esteja errado.*

E a rebelião ativa, a traição, ferir os outros ou a nós mesmos? Isso não é pecado? E se o pecado não for fundamentalmente uma questão de comportamento, mas algo mais profundo? E se for tão profundo que toda modificação comportamental e todo desempenho moralista nem sequer chegue perto do que isso realmente significa? E se nosso foco no comportamento for uma tentativa de tratar os sintomas e nos distrair em vez de cuidar da verdadeira doença?

A palavra grega que costuma ser traduzida como “pecado” é *hamartia*.

Um moralista lhe dirá que significa “errar o alvo” e depois explicará que o alvo é a “perfeição moral” ou o “comportamento correto” – e voltamos mais uma vez à roda de hamster do desempenho. Mas se a essência da natureza de Deus é o relacionamento, então o pecado tem de ser definido e entendido como a falta de uma realidade relacional, uma distorção da imagem de Deus em nós.

Se a essência da natureza de Deus é o relacionamento, então o pecado tem de ser definido e entendido como a falta de uma realidade relacional, uma distorção da imagem de Deus em nós.

Hamartia é uma palavra composta de duas partes: *ha* (um alfa aspirado), que é um elemento de negação (como *in* ou *des*), e *martia*, da raiz *meros*, que significa “forma, origem ou ser”. O significado fundamental é “negação da origem ou do ser” ou “falta de forma”. Sim, trata-se de “errar o alvo”, mas o alvo não é o comportamento moral perfeito: o “alvo” é a Verdade de nosso ser.

Há uma verdade em quem somos: a proclamação de Deus, de que tudo que criara “havia ficado muito bom”, é o que há de mais verdadeiro em *você*. Esse “muito bom” é a sua forma ou origem, a verdade de quem *você* é em seu ser. O pecado, então, é tudo o que nega, diminui ou representa de forma equivocada a verdade de quem *você* é – não importa que essa representação seja bonita ou feia. O comportamento se torna então um modo autêntico de exprimir a verdade de sua boa criação ou um esforço para encobrir (com o desempenho) a vergonha do que *você* pensa de si mesmo – que é alguém de valor.

E qual é a aparência da verdade de seu ser? Deus. *Você* foi feito à imagem de Deus e a verdade de seu ser tem a aparência de Deus.

Você é paciente.
Você é generoso.
Você é bom.
Você é humilde.
Você perdoa.
Você fala a verdade.
Você é digno de confiança.
Você é íntegro.
Você sofre há muito tempo.
Você é amoroso.
Você não mantém um registro dos erros que comete.
Você deseja o melhor.
Você trata os outros como gostaria de ser tratado.
Você fica furioso com tudo o que está errado.
Você é puro de coração...

E assim por diante.

Todas essas são expressões da verdade de seu ser.

Difícil de acreditar, não é?

Acho que essa é a questão.

E isso nos leva à separação. Será que o pecado nos separa de Deus?

A separação é elemento constitutivo fundamental da religião. Uma vez que assumimos a separação, ficamos à mercê de qualquer pessoa bem ou mal-intencionada que pareça ter encontrado a fórmula “secreta” para atravessar o abismo até Deus. Depois que a divisão e a separação se estabelecem como reais, podem-se construir hierarquias, instituições e sistemas religiosos inteiros como caminho para a salvação e a iluminação – e as pessoas vão pagar com sangue, suor, lágrimas e dinheiro para passar do lado dos condenados para o dos salvos.

Nós, cristãos, adotamos por muito tempo uma teologia da separação. Grande parte do “meu povo” acreditará que esta afirmação está na Bíblia: “*Você pecou e está separado de Deus.*” Mas não está.

Achamos que é verdade porque acreditamos nisso a vida inteira. Depois

de crer nessa mentira, as consequências são arrasadoras e as perguntas, impossíveis de responder. Como se des-separar? Se eu fizer o que é certo, disser o que é certo, tiver fé suficiente, recitar as preces corretas, serei transportado para o outro lado da grande divisão e farei parte do povo “especial”?

E a coisa fica ainda mais confusa e complicada. Como saber realmente se estamos “dentro” ou “do outro lado”? Será temporário? E as pessoas que amo? E quem não souber como se des-separar? Fica fácil então postular que Jesus veio para nos des-separar, mas mesmo assim não conseguimos concordar quanto ao significado disso, como ele o fez e por quem.

Se a separação é uma mentira, isso significa que ninguém jamais esteve separado de Deus? É exatamente isso que significa. Nada pode nos separar do amor de Deus ([Romanos 8:38-39](#)).

Jesus não veio para construir uma ponte de volta a Deus nem para oferecer a possibilidade de nos des-separarmos. Um dos muitos propósitos da encarnação de Jesus é que nós, que estamos perdidos na ilusão da separação, tivemos a chance de testemunhar uma vida humana que sabia que não está separada.

Não há “nada” fora de Deus. Só há Deus, e a Criação é criada “em” Deus; e, de acordo com João 1, a Criação é criada especificamente “dentro” de Jesus, a Palavra que é Deus (veja os [versículos 3 e 4](#)).

Se Jesus é real e historicamente Deus que se une por inteiro a nós em nossa humanidade, de forma permanente e intencional, então Jesus é Deus à vontade na própria pele. Ele é Deus em meio a sangue, suor, lágrimas, imperfeição e cegueira.

Será que achamos mesmo que temos poder suficiente, mesmo em nossas ações mais horríveis e na negação de nossa humanidade, para afastar Deus de nós? Achamos que podemos ser cruéis e pecadores a ponto de nos tornarmos abomináveis para Deus? Alguns de nós acham. Alguns de nós não conseguem sequer se olhar no espelho por toda a vergonha que sentem de si. Alguns de nós se cortam e se machucam porque acreditam merecer ou porque assim são capazes de sentir algo real.

Enquanto isso, Deus observa... a distância?

Não!

Não há separação.

“Deus é apenas Um.”

Escrevi praticamente durante a vida inteira, mesmo quando era menino. Escrevia para pôr para fora meu mundo interior. Escrevia no esforço de entender. Escrevia para discernir o pensamento dos outros que tinha algum impacto em minha vida. Com o passar dos anos, as palavras eram os presentes que eu oferecia a familiares e amigos – poemas, contos e canções – e por meio dos quais eu dizia “Amo você!” e “Você é importante para mim!”.

Como já mencionei, escrevi *A cabana* a pedido de Kim, minha mulher. Ela me pediu que pusesse tudo o que eu pensava num só lugar e presenteasse nossos filhos.

Só me senti inteiro a ponto de tentar realizar o que ela me pedira quando completei 50 anos. No momento em que tomamos alguma distância e conseguimos olhar para trás e ver nossa vida, enxergamos alguns marcos pelos quais passamos, com frequência sem muita reflexão nem consciência. Ao escrever o livro, eu alcançara finalmente um lugar de contentamento na minha vida. Não possuía segredos. Não tinha imagem a manter, principalmente porque não havia segredos. Não tinha vícios e me sentia à vontade comigo mesmo pela primeira vez na vida. Não escrevia para impressionar, alcançar sucesso nem me tornar tudo o que eu devia ser. Não criei com segundas intenções nem esperando que minha obra fosse “usada” por Deus. Escrevi um presente para nossos seis filhos. Queria dizer a eles: “Vou contar a vocês do Deus que realmente apareceu e curou meu coração,

não do deus com que cresci em meu moderno fundamentalismo cristão evangélico.”

Redigi boa parte da história no trem, nos quarenta minutos de ida e de volta de um de meus três empregos. À mão, em blocos de papel. Começando com perguntas e respostas, escrevi conversas entre mim e Deus sobre qualquer assunto que eu achasse que poderia interessar a meus garotos. Não demorou para eu ter pilhas de anotações. Lembro-me de pensar “Eu poderia chamar isso de *Conversas com Deus*”, e assim que o pensamento me passou pela cabeça olhei pela janela do trem e vi um letreiro anunciando um filme chamado *Conversas com Deus*. Fazer o quê?

Então comecei a pensar numa história. Quem não gosta de uma boa história? E haveria maneira melhor de embrulhar o que eu pretendia transmitir? Todos os seres humanos são uma história e todos temos uma afinidade natural com histórias. Mas quem faria aquelas perguntas e por quê? Foi aí que nasceu Mackenzie Allen Phillips: um homem que poderia abrigar minhas dúvidas, meu assombro e minha própria jornada rumo à plenitude.

Quando me perguntam como pude escrever para meus filhos algo que envolvia a morte de um personagem como Missy, a filha de 5 anos de Mack que é sequestrada, respondo que esse tipo de tragédia faz as melhores perguntas. Eu preferiria que não vivêssemos num mundo onde atos tão horrendos podem ser cometidos, mas vivemos. Nossa sobrinha tinha sido morta no dia seguinte ao de seu quinto aniversário. E se algo assim ou parecido acontecesse a um neto meu? E se eu não estivesse lá? O que eu gostaria de dizer a meus filhos diante de tanta dor? E assim nasceu *A cabana*.

E como alguém enfrenta a pior das tragédias, a de um filho? Francamente, não consigo compreender como as famílias que não têm nenhuma noção de fé e esperança conseguem começar a atravessar tanta escuridão. Embora a atividade do mal levante um milhão de perguntas, o deus com que cresci oferecia pouco consolo. Na verdade, aquele deus era considerado o causador do mal, uma deidade distante que tinha um plano que incluía a tortura de uma criança. Não se pode fugir para Deus quando

ele mesmo é o criminoso.

Se você leu o romance, sabe que Mackenzie acreditava no deus que é apenas um. Deus Pai era uma deidade distante, oculta e santa, uma escuridão com caráter diferente de Jesus, em algum ponto atrás dele. Aquele deus estava sempre decepcionado e até zangado; era incognoscível, inalcançável e vigiava à distância infinita de um coração desaprovador. Era aquele deus que Mack esperava encontrar na cabana. Quando ele não apareceu, Mack perdeu a cabeça e destruiu o lugar com a fúria de um pai em luto e de um amante traído.

A razão de aquele deus-apenas-um não ter aparecido é que ele não existe, a não ser em nossa mente obscurecida pela doutrinação religiosa e por nossa dor. Aquele deus não tem respostas para nós. Em alguns roteiros pervertidos, Jesus vem nos proteger da vingança ou da justa retaliação daquele deus, que precisa ser apaziguado, e o fracasso é recebido com ira e condenação.

Se Deus já esteve sozinho, não haveria no universo base para o amor nem um modelo para os relacionamentos. O amor é centrado no outro e se doa, mas, se no início não houvesse “outro” e Deus estivesse sozinho, ele não poderia ser Amor. Misericórdia, talvez, mas não Amor.

É por isso que o Deus Triúno é importante para mim. Sim, acredito em *Um Deus*, mas esse Deus Único é o relacionamento entre Três Pessoas que sempre estiveram numa grande dança. Essa dança divina é cheia de vida, luz, música, riso, alegria, assombro, submissão e bondade. A interpenetração do Um com o Outro é mútua, sem nenhuma diminuição nem absorção de cada Pessoa. Essa é a celebração grandiosa do relacionamento no qual toda a criação é gerada. Esse é um deus que é Amor, um deus que não pode ser nada que não seja Amor.

E, francamente, não preciso de um deus que saiba estar sozinho. Quando estou em meio ao desespero e à perda, preciso de um deus que saiba estar *junto*.

*Não preciso de um deus que saiba estar sozinho.
Quando estou em meio ao desespero e à perda,
preciso de um deus que saiba estar junto.*

Assim, quando sai porta afora da cabana de Mackenzie, Deus Pai não é um Gandalf malcriado nem um deus-vovô branco e distante, mas Papai, um fogo ardente de afeição inexorável personificado numa mulher negra. E Ela não está sozinha. Com Ela estão Dois, e os Três juntos são Um.

- *Então, qual de vocês é Deus?*
- *Eu - responderam os três em uníssono.*

Uma *catena*

O drama da redenção de Deus

Uma *catena*, neste caso, é uma corrente de Escrituras (várias traduções baseadas no Novo Testamento em grego) reunidas na forma de um comentário sobre o tema da obra salvadora de Deus para todos – o arco grandioso do drama da redenção de Deus. Quando lida em voz alta com um toque de gravidade, o ímpeto é poderoso:

- E *toda* a humanidade verá a salvação de Deus ([Lucas 3:6](#), grifo meu).
- Ele veio como testemunha, para testificar acerca da luz, a fim de que por meio dele *todos* os homens cressem ([João 1:7](#), grifo meu).
- Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do *mundo*! ([João 1:29](#), grifo meu).
- Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que *este* fosse salvo por meio dele ([João 3:16-17](#), grifo meu).
- O Pai ama o Filho e entregou *tudo* em suas mãos ([João 3:35](#), grifo meu).

- Agora cremos não somente por causa do que você disse, pois nós mesmos o ouvimos e sabemos que este é realmente o Salvador do *mundo* ([João 4:42](#), grifo meu).
- Pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao *mundo* ([João 6:33](#), grifo meu).
- Eu sou a luz do *mundo* ([João 8:12](#), grifo meu).
- Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei *todos* a mim ([João 12:32](#), grifo meu).
- Jesus sabia que o Pai havia colocado *todas* as coisas debaixo do seu poder ([João 13:3](#), grifo meu).
- *Todo* o que o Pai me der virá a mim, e quem vier a mim eu jamais rejeitarei [...] E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum dos que Ele me deu, mas os ressuscite no último dia ([João 6:37,39](#), grifo meu).
- Pois lhe deste autoridade sobre *toda* a humanidade, para que conceda a vida eterna a *todos* os que lhe deste ([João 17:2](#), grifos meus).
- É necessário que ele permaneça no céu até que chegue o tempo em que Deus restaurará *todas* as coisas ([Atos 3:21](#), grifo meu).
- E nos revelou o mistério da Sua vontade, de acordo com o Seu bom propósito que Ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo *todas* as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos ([Efésios 1:9-10](#), grifo meu).

- Deus colocou *todas* as coisas debaixo de seus pés e o designou como cabeça de *todas* as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche *todas* as coisas, em *toda e qualquer* circunstância ([Efésios 1:22-23](#), grifos meus).
- Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie ([Efésios 2:8-9](#)).
- Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas *todas* as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; *todas* as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de *todas* as coisas, e nele *tudo* subsiste [...] e por meio dele reconciliasse consigo *todas* as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céu, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz ([Colossenses 1:15-17, 20](#), grifos meus).
- Assim como uma só transgressão resultou na condenação de *todos* os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a *todos* os homens ([Romanos 5:18](#), grifos meus).
- Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor ([Romanos 8:38-39](#)).
- Pois dele, por ele e para ele são *todas* as coisas ([Romanos 11:36](#), grifo meu).
- Pois Deus colocou *todos* sob a desobediência, para exercer

misericórdia para com *todos* ([Romanos 11:32](#), grifos meus).

- Pois da mesma forma como em Adão *todos* morrem, em Cristo *todos* serão vivificados ([1 Coríntios 15:22](#), grifos meus).
- Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que *todos* os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ele “tudo sujeitou debaixo de seus pés”. Ora, quando se diz que “tudo” lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que tudo submeteu a Cristo. Quando, porém, *tudo* lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja *tudo* em *todos* ([1 Coríntios 15:24-28](#), grifos meus).
- Deus em Cristo estava reconciliando consigo o *mundo*, não lançando em conta os pecados dos homens ([2 Coríntios 5:19](#), grifo meu).
- Para que ao nome de Jesus se dobre *todo* joelho, no céu, na terra e debaixo da terra, e *toda* língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai ([Filipenses 2:10-11](#), grifos meus).
- Pelo poder que o capacita a colocar *todas* as coisas debaixo do seu domínio, Ele transformará os nossos corpos humilhados, para serem semelhantes ao Seu corpo glorioso ([Filipenses 3:21](#), grifo meu).
- Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que *todos* os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade ([1 Timóteo 2:3-4](#), grifo meu).
- Se trabalhamos e lutamos é porque temos colocado a nossa esperança no Deus vivo, o Salvador de *todos* os homens, especialmente dos que

creem ([1 Timóteo 4:10](#), grifo meu).

- Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a *todos* os homens ([Tito, 2:11](#), grifo meu).
- Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de *todas* as coisas e por meio de quem fez o universo ([Hebreus 1:1-2](#), grifo meu).
- Ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que *todos* cheguem ao arrependimento ([2 Pedro 3:9](#), grifo meu).
- Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de *todo* o mundo ([1 João 2:2](#), grifo meu).
- Depois ouvi *todas* as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e *tudo* o que neles há, que diziam: “Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!” ([Apocalipse 5:13](#), grifos meus).
- Aquele que estava assentado no trono disse: “Estou fazendo novas *todas* as coisas!” ([Apocalipse 21:5](#), grifo meu).

Posfácio

por C. Baxter Kruger, Ph.D.,
autor de *De volta à cabana*

A maioria dos cristãos deseja profundamente ser fiel às Escrituras, assim como a maioria dos estudiosos da Bíblia. Mas em que consiste essa fidelidade e como alcançá-la é outra questão. Há alguns meses li um livro intitulado *Four Views of Hell* (Quatro visões do inferno). Nele, quatro estudiosos, decididos a serem fiéis às Sagradas Escrituras, apresentam quatro opiniões bem diferentes – e até contraditórias – sobre os ensinamentos bíblicos a respeito do inferno. Cada um deles acreditava ter reproduzido em seu texto o verdadeiro sentido das lições das Escrituras; e não duvido de suas boas intenções. Mas as diferenças de interpretação entre eles destacam o fato de que há algo além de “ler a Bíblia” envolvido nesse processo. Uma das perguntas mais profundas e mais ignoradas é *como* ler a Bíblia. O que significa ler a Bíblia corretamente?

Alguns amigos meus riem dessa pergunta. “Baxter!”, exclamam, “Não é um texto simples, mas está tudo ali. Dá perfeitamente para entender o que está escrito.”

Mas a verdade é que todos nós levamos nossos preconceitos, nossa história pessoal e nossa forma de pensar para a leitura das Escrituras. Assim como não conseguimos distinguir nosso próprio sotaque, quase nunca somos capazes de enxergar nossas ideias preconcebidas, que moldam tudo o que vemos e a forma como vemos. E isso se aplica também ao que “vemos” nos ensinamentos da Bíblia.

N. T. Wright, no livro *The Day the Revolution Began* (O dia em que a revolução começou), defende exatamente esse ponto de vista. Para guiar nossa interpretação, Wright apresenta em detalhes o que acredita ser o quadro bíblico maior e questiona doutrinas há muito defendidas como “claras e óbvias” no protestantismo. Mesmo que não concordemos com ele, o livro nos permite distinguir nosso próprio sotaque e tomar consciência dos nossos preconceitos, que têm um impacto profundo sobre o que consideramos “óbvio”.

Meu querido amigo William P. Young se aventurou para além de seus romances e nos apresentou um livro mais direto sobre suas crenças. Esta é uma grande obra, mas, assim como *Four Views of Hell* e *The Day the Revolution Began*, tem uma estrutura muito bem definida. Como William determina o que é verdade e o que é mentira entre as crenças que temos sobre Deus? Haverá momentos em que você vai jogar as mãos para o alto e pensar: *Será que ele enlouqueceu?* Quando nossa compreensão da história bíblica diverge, nossas crenças sobre os detalhes também divergem – e “vemos” as coisas de um jeito diferente.

Então qual é o ponto de partida de William? Quais são suas crenças centrais? Como ele vê a história maior da Bíblia, que dá forma à sua perspectiva e determina o que é verdade – e, portanto, quais são as mentiras que devem ser contestadas? A seguir, tento resumir essas crenças com a maior clareza e sinceridade de que sou capaz. William e eu somos irmãos que caminhamos juntos, e aquilo em que acreditamos molda nosso modo de pensar a respeito de diversas questões bíblicas e humanas.

Nós dois concordamos que o Novo Testamento traz a convicção de que Jesus Cristo é o Senhor Deus em Pessoa. Ele deu a vida pelo perdão dos pecados e para derrotar o poder da morte que escravizou a humanidade. Depois, se ergueu vitoriosamente dos mortos. Os evangelhos e epístolas que formam o Novo Testamento são tentativas de examinar o significado da presença e da morte de Jesus. Os apóstolos, particularmente João e Paulo, perceberam as consequências da identidade de Jesus como Filho de Deus encarnado, crucificado, ressuscitado e ascendido.

Para o apóstolo Paulo, Jesus estava ao lado do Pai antes da criação, como

Aquele em quem e através de quem a humanidade é criada e recebe o dom da graça ([2 Timóteo 1:9](#)) e como Aquele em quem e através de quem o Pai nos escolheu, antes da criação do mundo, para adoção ([Efésios 1:4-5](#)). Na realidade, Paulo vê Jesus como Aquele *em quem e através de quem e por quem e para quem* todas as coisas foram criadas no céu e na terra, Aquele que era antes de todas as coisas e Aquele em quem tudo se sustenta e se mantém ([Colossenses 1:16-17](#)).

Para mim e para William, essas ideias são fascinantes e dignas da mais séria reflexão. O apóstolo Paulo considera que Jesus é o ponto central do plano divino para o cosmos inteiro. Com isso, ele afirma que a vida encarnada, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus são a síntese de tudo o que há no céu e na terra ([Efésios 1:10](#)). Essas são ideias muito radicais para quase todos – seja no mundo antigo, seja hoje em dia.

O apóstolo João concorda com essa visão de Paulo e acredita que Jesus é a eterna Palavra de Deus, que estava diante do Pai antes da criação e é Aquele em quem todas as coisas foram criadas. João é enfático: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito” ([João 1:1-3](#)). Pense nisso. Para João e Paulo, e desconfio que para os outros apóstolos também, nunca encontraremos nada em lugar nenhum, em tempo algum, que não tenha se originado em Jesus Cristo e através dele, nem que não seja constantemente sustentado por ele. Essas crenças básicas formaram a mente apostólica, moldando e remoldando a visão de Deus, da humanidade e da criação, com Jesus crucificado e ressuscitado no centro de tudo. O próprio Jesus declarou: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue nunca andar­á em trevas, mas terá a luz da vida” ([João 8:12](#)).

Embora isso já seja suficiente para entendermos a estrutura básica de pensamento de meu amigo William, permita-me acrescentar um toque de História. Quando se espalhou pela bacia do Mediterrâneo e mais além, a notícia sobre Jesus entrou em choque com as culturas e visões de mundo existentes e com as crenças e os preconceitos já arraigados. A identidade de Jesus Cristo como Filho de Deus, Ungido pelo Espírito Santo, *crucificado e ressuscitado*, simplesmente não fazia sentido para o povo, e as consequências da sua existência abalaram o *status quo* em toda parte. A história de Jesus

estava virando o mundo de cabeça para baixo, criando uma comoção universal no pensamento humano, suscitando debates acirrados e até guerras. Muitos crentes foram queimados vivos e crucificados como mártires.

Mas quem é Jesus de verdade? O que sua existência significa? Houve muitas respostas. A visão apostólica de Jesus causava transformações pessoais e mudanças drásticas na religião e na política. A vontade de “domesticar” Jesus era tentadora e conveniente. Em 325 d.C., os bispos da Igreja foram convocados a Niceia (onde hoje é a Turquia) para fazer um pronunciamento definitivo sobre Jesus.

Ário, presbítero da Alexandria, defendeu que Jesus não era Deus – não Deus *de verdade* –, mas a primeira e mais elevada criação, através de quem todas as outras coisas foram criadas. O bispo Alexandre e outros discordaram, argumentando que os apóstolos ensinaram que Jesus era Deus encarnado. Finalmente, o debate foi “resolvido” quando o concílio concordou que Jesus era “*da mesma substância do pai*” (*homoousios to Patri*). Portanto, Jesus passou a ser visto como o Filho completamente divino, encarnado e eterno do Pai, e Criador encarnado de todas as coisas do céu e da terra. E essa declaração (confirmada tanto no Concílio de Constantinopla quanto no de Calcedônia) foi transmitida como a verdade central de todas as verdades da fé cristã.

As consequências disso são espantosas. Se Jesus é um único ser com Deus e um único ser conosco, então sua identidade totalmente divina e totalmente humana fala muito sobre o relacionamento entre Deus e a humanidade – e sobre tudo o mais no Universo. Essa união do divino com o humano seria apenas o Plano B de Jesus, um ajuste rapidamente pensado e implementado depois da “surpresa” da queda de Adão, ou estamos aqui diante do Plano A, o único plano divino original? Até que ponto devemos levar a sério a unidade absoluta entre Jesus e seu Pai e entre Jesus e nós, pecadores imperfeitos? Haverá algo que a união entre a vida divina de Deus e a vida humana de Jesus não aborde? Será errado (do ponto de vista apostólico e da antiga Igreja) refletir sobre as consequências da própria existência de Jesus? A união entre Jesus e seu Pai não é a própria luz que nos

dá forma? Não é a própria luz da vida? Ou será simplesmente uma entre muitas outras estruturas de pensamento viáveis quando se trata de examinar a natureza de Deus?

Atanásio, que acompanhou o bispo Alexandre no Concílio de Niceia, e depois outros, como Gregório de Nazianzo e Hilário de Poitiers, passaram a vida defendendo a declaração do concílio sobre a identidade de Jesus. Do meu ponto de vista, investigar as consequências da ideia de Jesus como Filho eterno de Deus unido à humanidade é a tarefa da teologia verdadeiramente cristã. Aqui encontramos a história maior da eternidade que molda e remolda nossa visão de Deus, da humanidade e da criação.

Como entender, por exemplo, o fato de que esse Jesus – o Filho eterno do Pai, ungido no Espírito Santo, o Criador e Sustentador encarnado de todas as coisas – foi crucificado, morto e sepultado e, no terceiro dia, levantou-se dos mortos e ascendeu ao Pai no Espírito? Devemos nos considerar – e a nossos inimigos, a raça humana em geral e a própria criação – intocados por esse acontecimento divino-humano?

O apóstolo Paulo proclama que, quando Jesus morreu, algo aconteceu a nós e à criação. Quando Jesus morreu, nós também morremos; toda a criação morreu ([2 Coríntios 5:14](#)). E, quando Jesus se levantou, todos nós (que estávamos mortos em nossas transgressões) nos levantamos com ele em vida e nele ascendemos à mão direita do Pai na comunhão do Espírito Santo ([Efésios 2:4-6](#)). Esses conceitos não são notas de rodapé nos ensinamentos essenciais de Paulo: eles são fundamentais para a sua mentalidade e para a mentalidade apostólica geral.

Essa visão de Jesus não pode deixar de ter consequências para o cosmos, para a raça humana e principalmente para nossa forma de entender Deus. Mais uma vez, serão a vida, a morte e a ressurreição de Jesus um mero Plano B? Ou será que Jesus, como Filho ungido do Pai, Criador e Sustentador de todas as coisas, é a luz que ilumina as trevas da mente e a verdade que define as mentiras?

Depois de anos de estudo sobre o ensinamento dos apóstolos e os escritos dos líderes da antiga Igreja, posso oferecer minha tese. Não é perfeita, mas é sincera, e acho que vai ajudá-lo a entender o ponto de

William P. Young neste livro:

Proferir o nome de Jesus Cristo com os apóstolos e os primeiros líderes da Igreja é dizer “Filho eterno do Pai”, e isso é dizer “O ungido pelo Espírito Santo”, que, por sua vez, é o mesmo que “o Criador e Sustentador de todas as coisas, encarnado, crucificado, ressuscitado e ascendido ao Pai”. Portanto, proferir o nome de Jesus é dizer que o Deus Triúno, a raça humana e toda a criação não estão separados, mas unidos em relacionamento. Jesus em si é esse relacionamento; ele é a união entre o Deus Triúno e a raça humana. Nele, céu e terra, a vida da Trindade abençoada e a vida humana imperfeita estão unidos. Jesus é nossa nova criação, nossa adoção, nossa inclusão na vida divina, a nova relação de aliança entre Deus e a humanidade, o reino do Deus Triúno na Terra.

Em minha tese, pode-se ver por que William e eu consideramos que a ideia de que os seres humanos estão separados de Deus é uma mentira fundamental que nega a própria identidade de Jesus. Nós dois estamos comprometidos com a tarefa de examinar e transmitir aos outros, de todas as maneiras possíveis, as implicações da identidade de Jesus.

As “mentiras” que este livro apresenta são percebidas como tais do ponto de vista da identidade de Jesus e do que ela nos revela sobre Deus, sobre nós, sobre a criação, sobre nosso destino e sobre nosso futuro. Ao ler este livro desafiante e libertador, consigo entender a visão que William tem de Jesus e sou capaz de ouvi-lo dizer: “Deus não diria isso nem agiria dessa maneira. Portanto, é uma mentira ou uma interpretação errônea.”

Talvez você discorde de suas conclusões. Eu mesmo não tenho certeza se concordo com tudo o que ele diz, mas conheço suas intenções. William está na principal corrente da confissão cristã histórica sobre a identidade de Jesus e tenta examinar as consequências cotidianas da própria existência de Jesus como Filho eterno do Pai. E ele sustenta nossos pés evangélicos junto ao fogo cristológico da visão apostólica. Não é isso que fundamentalmente

significa ser fiel a Jesus Cristo? Eu me orgulho de estar ao lado dele nesta empreitada.

É claro que há muito mais a dizer, e é isso que William fez ao longo deste livro. Pergunte-se o que em Jesus o levou a pensar de determinada maneira. Observe o pensamento de William e veja o que as crenças dele sobre Jesus o levam a concluir. Quem sabe você até possa achar que ele também disse alguma mentira!

Se tiver lido estas páginas com boa vontade, você sentirá a liberdade e a alegria se expandirem em seu coração.

Últimas palavras

por Dietrich Bonhoeffer,
Ética (Nova York: Touchstone, 1995)

“No corpo de Jesus Cristo, Deus está unido à humanidade, toda a humanidade é aceita por Deus e o mundo se reconcilia com Deus. No corpo de Jesus Cristo, Deus assumiu o pecado do mundo inteiro e o levou consigo. Não há parte do mundo, por mais perdida que seja, por mais ímpia que seja, que não tenha sido aceita por Deus em Jesus Cristo e reconciliada com Deus.”

“Deus ama os seres humanos. Deus ama o mundo. Não um ser humano ideal, mas os seres humanos como são, não um mundo ideal, mas o mundo real. O que achamos repulsivo em sua oposição a Deus, o que nos faz recuar com dor e hostilidade, ou seja, os seres humanos reais, o mundo real, é para Deus a base de um amor insondável. Deus estabelece uma unidade muito íntima com isso. Deus se torna humano, um ser humano real. Enquanto nos esforçamos para crescer além de nossa humanidade, para deixar o humano para trás, Deus se torna humano, e temos de reconhecer que Deus quer que sejamos humanos, seres humanos reais. Enquanto distinguimos pios de ímpios, bons de maus, nobres de vis, Deus ama as pessoas reais sem distinção. Deus não tem paciência com nossa divisão do mundo e da humanidade de acordo com nossos padrões nem com nossa imposição a eles como juízes. Deus nos leva ao absurdo tornando-se um ser humano real e um companheiro de pecadores, forçando-nos assim a nos tornarmos juízes de Deus. Deus está ao lado do ser humano real e do mundo real contra todos os seus acusadores.

Assim Deus se torna acusado juntamente com os seres humanos e o mundo, e portanto os juízes se tornam os acusados.”

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero exprimir minha gratidão aos teólogos de todos os séculos, principalmente os primeiros pais e mães da Igreja. Ao ler suas contribuições, direta e indiretamente, minha visão de Jesus se ampliou e se aprofundou. O livro que você tem nas mãos se baseia na cristologia, a questão de quem é Jesus Cristo. Nem um único capítulo está afastado desse tema. A maior parte das “mentiras” sobre Deus em que acreditamos nasce de percepções inadequadas e muitas vezes patéticas da Pessoa de Jesus. Por acreditarmos, frequente e infelizmente, num Jesus muito pequeno, nossa visão da humanidade fica ainda menor.

Sou um homem abençoado, envolto em camadas de amigos e familiares que enriquecem constantemente minha vida e me lembram que somos todos uma expressão significativa de uma humanidade maravilhosa e multifacetada. Estou cercado de pessoas que me amam mas não estão impressionadas. Obrigado!

Um agradecimento especial a Ami McConnell, Becky Nesbitt e Philis Boultinghouse, que venceram as dificuldades junto comigo no processo de edição. O ferro afia o ferro, no ângulo certo. E a Jonathan Merkh e ao pessoal da Atria e da Howard Book, obrigado pelo apoio e pela afeição constante.

Obrigado, Wes Yoder e Dan Polk, dois amigos que trabalham lado a lado comigo. Tudo que crio tem as impressões digitais de vocês em algum lugar.

A Jeni e Jay Weston, obrigado outra vez por me dar espaço para trabalhar e escrever dias a fio. E obrigado a meu grupinho de leitores – eles sabem quem são – que viram este material antes de você e contribuíram

com ideias para deixá-lo melhor.

Finalmente, um obrigado muito especial a C. Baxter Kruger, Ph.D., e John MacMurray, dois amigos a quem recorro para me ajudar a pensar sobre o conteúdo do que escrevo. Suas ideias foram repetidamente valiosas, ainda mais porque sei que vocês me amam como um irmão.

Sobre o autor



William P. Young nasceu no Canadá e foi criado pelos pais missionários em uma aldeia indígena, nas montanhas da antiga Nova Guiné Holandesa. Ele sofreu muito durante a infância e a juventude, mas hoje desfruta, juntamente com a família, do que chama de “esbanjamento de graça”, na região do Noroeste Pacífico, nos Estados Unidos. É autor dos grandes sucessos *A cabana*, *A travessia* e *Eva* – todos publicados pela Editora Arqueiro –, que já venderam mais de 22 milhões de exemplares ao redor do mundo.

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.



www.sextante.com.br



facebook.com/esextante



twitter.com/sextante



instagram.com/editorasextante



skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@sextante.com.br

Editora Sextante

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo

Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil

Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@sextante.com.br

Sumário

Créditos

Introdução

1. “Deus nos ama, mas não gosta de nós.”
 2. “Deus é bom. Eu não sou.”
 3. “Deus está no controle.”
 4. “Deus não se submete.”
 5. “Deus é cristão.”
 6. “Deus quer me usar.”
 7. “Deus é mais masculino do que feminino.”
 8. “Deus quer ser prioridade na sua vida.”
 9. “Deus é um mágico.”
 10. “Deus não gosta de sexo.”
 11. “Deus abençoa meus políticos.”
 12. “Deus criou a (minha) religião.”
 13. “Você precisa ser salvo.”
 14. “Deus não liga para o que eu amo fazer.”
 15. “O inferno é a separação de Deus.”
 16. “Deus não é bondoso.”
 17. “A Cruz foi ideia de Deus.”
 18. “Aquilo foi mera coincidência.”
 19. “Deus exige o sacrifício de crianças.”
 20. “Deus é um Papai Noel divino.”
 21. “A morte é mais poderosa do que Deus.”
 22. “Deus não está presente em meu sofrimento.”
 23. “Você nunca encontrará Deus numa caixa.”
 24. “Nem todo mundo é filho de Deus.”
 25. “Deus está decepcionado comigo.”
 26. “Deus me ama por meu potencial.”
 27. “O pecado nos separa de Deus.”
 28. “Deus é apenas Um.”
- Uma catena – O drama da redenção de Deus
Posfácio de C. Baxter Kruger
Últimas palavras por Dietrich Bonhoeffer

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Informações sobre a Sextante](#)